OBRAS POETICAS

DE

PEDRO ANTONIO CORREA GARÇÃO,

DEDICADAS

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO

SENHOR

D. THOMAZ DE LIMA E VASCONCELLOS BRITO NOGUEIRA TELLES DA SILVA,

Visconde de Villa Nova da Cerveira, Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, &c. &c. &c.

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVIII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.

ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO

SENHOR

D. THOMAZ DE LIMA E VASCONCELLOS BRITO NOGUEIRA TELLES DA SILVA,

Visconde de Villa Nova da Cerveira, Ministro, e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, &c. &c. &c....

ILL.MO E EXC.MO

SENHOR

SENDO a Poesia hum dos grandes Monumentos, em que, a pezar da voracidade dos Seculos, se nos conservão as memorias das brilhantes, e famosas acções de tantos Heróes, que jazerião sepultados no esqueci-men-

mento , ſe não tiveſſem havido Homero , Pindaro , Virgilio , Horacio , Camões , e outros , que com ſeus Poemas lhes immortalizárão os Nomes , incitando-nos ao meſmo tempo a imitarmos as virtudes , que os fizerão dignos de louvor , e a fugirmos aos vicios , com que a ignorancia corrompe noſſos corações. E ſendo igualmente certo , que a imitação deſtes Poetas he o mais ſeguro meio para com facilidade conſeguirmos eſta maravilhoſa Arte , ſeria huma eſpecie de deshumanidade negar á Patria , que tão ancioſamente appetece o ſeu adiantamento , as Obras de meu Irmão Pedro Antonio Correa Garção , onde , con-

for-

forme a opinião dos Sabios, póde a Mocidade Portugueza achar muito em que instruir-se, assim na pureza, e graça da locução, como no sublime dos pensamentos. Persuadido deste objecto, e não menos dos incessantes rogos de innumeraveis pessoas, me resolvi a dallas ao público. Porém como era preciso buscar hum Protector, cujo merecimento authorizasse o da mesma Obra, lembrei-me que V. EXCELLENCIA, tanto pela sabedoria, de que he dotado, como pelo desejo, que tem da utilidade pública, não recusaria esclarecer, e honrar com o Nome de Mecenas o Author deste pequeno Volume. Digne-se pois V. EXCEL-

LEN-

LENCIA de o tomar debaixo da ſua Alta Protecção, e de acceitar eſte ſinal do reſpeito, e veneração, que lhe conſagra.

De V. EXCELLENCIA

O mais obſequioſo, e reverente criado

João Antonio Correa Garção.

AOS LEITORES.

A Obrigação, que nos foi imposta de recebermos a edição das Obras de Pedro Antonio Correa Garção, que furtivamente se pertendião dar ao público, desculpará a desordem, e os muitos erros, que nellas descubrirão os intelligentes, e que não foi possivel comprehender na Taboa das erratas, e das emendas. Sendo as mesmas Obras bem acceitas, como esperamos, teremos o gosto, que hum dia appareção dignas do nome de seu Author, do desejo de seus Amigos, e da estimação de honrados Compatriotas.

Do-

DONA MARIA por graça de Deos Rainha de Portugal, e dos Algarves, daquém, e dalém mar, em Africa Senhora de Guiné, &c. Faço ſaber, que Eu hei por bem fazer mercê a Dona Maria Anna Salema, viuva de Pedro Antonio Garção, do Privilegio excluſivo por tempo de dez annos, para que ſó ella, ou quem tiver faculdade ſua, poſſa mandar imprimir, precedendo a neceſſaria licença da Real Meza Cenſoria, a Collecção das Obras, que em Proſa, e em Verſo deixou eſcritas o ſobredito ſeu marido, debaixo das penas do perdimento de todos os Exemplares, que forem achados aos Tranſgreſſores, a beneficio da meſma viuva, e de duzentos mil reis de condemnação, ametade para o Denunciante, e a outra ametade para o Hoſpital Real de S. Joſé: E eſta Provisão ſe cumprirá, como nella ſe contém, e valerá, poſto que ſeu effeito haja de durar mais de hum anno, ſem embargo da Ordenação Livro Segundo, Titulo Quarenta em contrario. De que ſe pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis, que ſe carregárão ao Theſoureiro delles a fol. 288. do Livro Terceiro de ſua Receita, e ſe regiſtou o Conhecimento em fórma no Livro trinta e tres do Regiſto geral a fol. 302. A Rainha Noſſa Senhora o mandou por ſeu eſpecial Decreto pelos Miniſtros abaixo aſſinados do ſeu Conſelho, e ſeus Deſembargadores do Paço.

Thro-

Thomé Lourenço de Carvalho a fez em Lisboa a dezesete de Junho de mil setecentos setenta e oito annos. Desta quatrocentos e oitenta reis, e assinar mil e seiscentos reis.

Antonio Pedro Vergolino a fez escrever.

Antonio Freire de Andrade Enserrabodes. *José Ricalde Pereira de Castro.*

Por Decreto de Sua Magestade de 3 de Junho de 1778.

Antonio José de Affonseca Lemos.

Pagou quinhentos e quarenta reis, e aos Officiaes quinhentos e vinte e oito reis. Lisboa, 20 de Junho de 1778.

Dom Sebastião Maldonado.

Registada na Chancellaria Mór da Corte, e Reino no Livro de Officios, e Mercês a fol. 316. Lisboa, 20 de Junho de 1778.

Jeronymo José Correa de Moura. Nada.

OBRAS

OBRAS POETICAS DE GARÇÃO.

SONETO I.

QUem de meus verſos a lição procura,
Os farpões nunca vio de Amor inſano,
Nem ſabe quanto cuſta hum vil engano
Traçado pela mão da Formoſura.

Se o peito não tiver de rocha dura,
Fuja de ouvir contar tamanho dáno,
Que a deſabrida voz do Deſengano
O mais firme ſemblante desfigura.

Olhe, que ha-de chorar, vendo patente
Em tão funeſta, e lagrimoſa ſcena
O cadafalſo infame, e ſanguinoſo.

Verá levado á morte hum innocente:
E condemnado á vergonhoſa pena
O mais fiel amor, mais generoſo.

A' Senhora D. Maria Joaquina de Gusmão e Vasconcellos.

SONETO II.

LUtando com mil sustos, mil pezares,
Com desprezos, enganos, e rigores,
A teu rosto gentil, olhos traidores,
Templos lhe consagrei, ergui-lhe altares.

Rociadas de lagrimas a máres
Degollavão as victimas Amores:
Ara cruel! suspiros, mágoas, dores
Lançava em denso fumo aos mansos ares.

Chegou Marilia de mudar-te o dia;
Têas, secure, pyra, vasos, fogo
Tudo rompeste, tudo aos pés pizaste.

Triunfou, triunfou a tyrannia;
Mas a pezar do altivo desafogo
Illesa a fé, illeso o amor deixaste.

SONETO III.

EM magnifica ſcena a fantaſia,
Entre feſtões de eſtrellas radiantes,
Teus angelicos olhos triunfantes,
Gentil Marilia, me moſtrou hum dia.

O Sol de teus cabellos ſe eſparſia
Por columnas, e friſos rutilantes;
Aos pedeſtaes atados mil Amantes,
Honeſto riſo ſuſpirar fazia.

Movendo longas azas brandamente,
Voavão Eſperanças, e Deſejos,
Co' as Graças abraçadas, c' os Amores;

Mas retinindo hum ſilvo, de repente
A cortina cahio; males ſobejos!
Só mágoas vi depois, ſó vi temores.

SONETO IV.

OS antigos Poetas fabulando
Inſpirados por Deoſes ſe fingírão,
Com o Olympo ſonhárão, e mentírão
A falſos Numes torpes aras dando.

Eneas pio ao Bárathro levando
Ver Eliza outra vez lhe permittírão;
E humas ſombras, que ávidas o vírão,
Memorárão o caſo miſerando.

Para honrar de ſeu canto a melodia,
Procurárão deſta arte engrandecella,
E quaſi forão tidos por divinos:

Eu mais fama darei á Poeſia,
Se hum inſtante ſonhar, Marilia bella,
Que são dos olhos teus meus verſos dinos.

A' mesma Senhora.

SONETO V.

CAntar Marilia ouvi tão docemente,
Que o coração, proſtrados os ſentidos,
Imaginou, que até pelos ouvidos
Seus olhos o aſſaltavão de repente.

Entrava a doce voz tão brandamente,
Quaes entrão n'alma os olhos ſeus movidos
Com formoſo deſdem, quando rendidos
Piza deſejos mil tyrannamente.

O poder milagroſo da harmonia,
Que no peito em triunfo campeava,
Na mão por palma os olhos ſeus trazia.

Eu, que ao Carro fatal atado andava,
Se era vella, ou ouvilla não ſabia,
Sei que os novos grilhões não eſtranhava.

A' mesma Senhora.

SONETO VI.

SE eu ſoubera, Marilia, que vivia
O doce Amor nos olhos teus formoſos,
Em meus ſublimes verſos numeroſos
O dia de teus annos cantaria.

Qual brando Orfeo co' a força da harmonia,
Dos ingremes outeiros pedregoſos,
As altas faias, álamos frondoſos
Para ouvir-me cantar deſprenderia.

Náo cuides que vans fábulas invento,
Se vendo os olhos teus, teu roſto amado,
Do peito ſinto o coração fugir-me.

Antes, ſenáo me engana o penſamento,
Farei que o Mundo todo namorado,
Qual fiquei de te ver, fique de ouvir-me.

SONETO VII.

CHeios de eſpeça nevoa os Horizontes,
Eſpantoſas voragens vem ſahindo!
Foi-ſe o Sol entre nuvens encubrindo,
Voltando para o mar os quatro Ethontes.

Cahio a groſſa chuva pelos Montes,
Os incautos Paſtores aturdindo;
E engroſſados os Rios váo cubrindo
Com embate feroz as curvas Pontes.

Com medonho eſtampido pavoroſos
Os longos écos dos Trovões ſoando,
A rezar nos puzemos temeroſos.

Parou a chuva; correm ſuçurrando
Os torcidos regatos vagaroſos;
Náo me atrevo a ſahir, fico jogando.

SONETO VIII.

SE, Beliza gentil, pudéra crer-te
Expoſto a todo o mal, todo o tormento,
Eſperára, voando o penſamento,
Com ſuſpiros, e lagrimas mover-te.

Ouſado commettêra, em fim, render-te
Sem a pena temer do atrevimento,
Pois para ter deſculpa o meu intento,
Baſtava ſer a cauſa ſó querer-te.

Mas vivo tão cortado de deſgoſto,
De deſprezos, traições, e tyrannias,
Que ſonho cuido ſer quanto deſejo.

E nem á luz de teu ſereno roſto,
Com que meus triſtes olhos alumias,
Poſſo crer que te vejo, ſe te vejo.

SONETO IX.

Ao som da Fonte-santa, que corria
N'alva borda do tanque debruçado,
De cansados desejos, já cansado,
O triste Coridon adormecia:

Em doce sonho imaginando via
De Beliza gentil o rosto amado,
Que na trêmula vêa retratado
Dos olhos cobiçosos lhe fugia.

Os torpes braços sem cessar movendo,
Em vão aperta a limpida corrente,
Em vão lhe está com lagrimas dizendo:

Se folgas de que morra hum innocente,
Porque foges de mim, Ninfa, sabendo
Que Amor me mata, quando estás presente?

SONETO X.

QUal a manſa Novilha, que innocente
Pelas pontas de louros enramada
A duro ſacrificio vai puxada,
Sem temer a ſecure reluzente:

Só conhece que morre, quando ſente
O frio gume na cervís cravada,
Então; mas tarde já, deſenganada,
Ao Ceo ſe queixa da malvada gente!

Taes, Beliza cruel, a teus ouvidos
Voão meus rudes innocentes verſos,
Sem merecer deſprezos, nem rigores;

Quando os virem porém enſurdecidos,
Quando forem pizados, e diſperſos,
Debalde eſpalharáõ triſtes clamores.

A' Senhora D. Maria Caetana de Sousa Seyão.

SONETO XI.

AMor, que mil cilladas me traçava
Lá de trás de huma verde gelozîa,
Com hüns pequenos olhos me feria,
Com que os sentidos todos me assaltava.

Mal retinio a fréxa, que voava,
Já roto o pobre coração sentia;
E o sangue, que das vêas me corria,
Com lagrimas ardentes misturava.

Em vão fugir procuro, em vão desejo
Arrancar da ferida os passadores;
Cravados dentro n'alma me ficárão.

E desde então, que sempre os olhos vejo,
Esses olhos pequenos, e traidores,
Que para me matar, me não matárão.

A' Senhora D. Elena Filippa Xavier Navarra.

SONETO XII.

COmtigo, Lydia, morão os Amores,
Morão as Graças, Lydia na verdade,
Que no reino de Amor a liberdade
Sempre viveo ſujeita a mil temores.

De teus formoſos olhos vencedores,
Amor as armas tem na claridade;
Como ha-de voar livre huma vontade
Por entre aljavas, arcos, paſſadores?

Ninguem ſolto ſe vê, ſe chega a ver-te;
Por mais livre que traga o penſamento,
Ha-de amar-te, ſervir-te, e obedecer-te.

Negar o captiveiro não intento;
Pois inda que quizera não querer-te,
Nunca livre me víra, nunca izento.

SONETO XIII.

ESpargindo dourados resplendores
De teus annos, angelica Maria,
Nasce o ditoso, o suspirado dia,
Dia das Graças, dia dos Amores.

Juncada a terra de orvalhadas flores,
Em sinal de prazer, e de alegria,
Das frautas alternando a melodia
Trávão corêas Ninfas, e Pastores:

Pelas concavas fragas retinindo
O brando som de versos sonorosos
Teu nome estão os montes repetindo.

E os Satyros campestres cobiçosos
De ver os olhos teus, teu gesto lindo,
Se pendurão dos álamos frondosos.

SONETO XIV.

AMigo Frei Joaquim, assim te eu veja
Vigario de Pondá, ou Taprobana,
Assim voltes a barra Tagitana,
Que para seu cachopo te deseja.

Assim permitta o Ceo, assim proveja,
Que farto de charão, e porçolana,
Tragas veste, calção de linha Ousana,
Por Soli-Deo na tóla huma bandeja.

Assim Naire montado n'um Camêlo
Arrastando as gualdrapas pela rua,
Passees por Lisboa a passapelló.

Assim digas, assim por vida tua,
A quem sabes que adoro com disvelo;
Que est'alma dantes minha, agora he sua.

Aos Annos do Coronel de Artilheria Frederico Weinholtz.

SONETO XV.

COm ſoquete, lanada, e botafogo
Armado vi Amor; tinha aſſeſtados
Em plataſórma cem canhões dourados,
Com que ao Mundo fazia hum vivo fogo.

No ſerviço cruel, ſem deſafogo,
Fervião ſeus aligeros ſoldados;
As balas erão olhos magoados,
O eſtridor das peças vivo rogo.

Eu, que o golpe temi de tantos dános,
Que he iſto? lhes bradei, Moços traidores?
Surrindo me reſpondem os tyrannos:

Weinholtz, que ao géſto lindo, q' aos ardores
De Filis ſe rendeo, hoje faz annos;
Tão bom dia feſtejão os Amores.

SO-

SONETO XVI.

O Louro Chá no Bûle fumegando
De Mandarins, e Brâmenes cercado;
Brilhante açucar em torrões cortado;
O leite na caneca branquejando.

Vermelhas brazas, alvo páo toſtando;
Ruiva manteiga em prato mui lavado;
O gado feminino rebanhado,
E o piſco Ganimedes apalpando.

A ponto a meza eſtá de enxaropar-nos,
Só falta que tu queiras, meu Sarmento,
Com teus diſcretos ditos alegrar-nos:

Se vens, ou caia chuva, ou berre o vento,
Não póde a longa noite enfaſtiar-nos,
Antes tudo ſerá divertimento.

SO-

SONETO XVII.

Depois de atar o pobre barco Algido,
Algido peſcador do Tejo undoſo,
Em quanto o bravo Noto procelloſo
Revolve as negras ondas inſoffrido:

Entre limoſas lagens recolhido,
De Dinamene o nome ſaudoſo
Na liza boia de hum Chinchorro algoſo,
Suſpirando entalhou co' anzol torcido;

Depois tres vezes o beijou, dizendo:
Quaes ſerenão teus olhos meus pezares,
Teu nome o mar ſerene: e ao mar o lança:

Súbito o Ceo azul ſe ficou vendo;
Desfaz-ſe a branca eſcuma pelos máres;
Adormecem os ventos em bonança.

SONETO XVIII.

VEjo na vaſta ſcena do futuro
Do tragico Deſtino a face acceza!
E de Eſpectros cobrir a redondeza
O nebuloſo Ceo, o Pólo eſcuro.

Raſgar-me o peito, e coração figuro
Da torpe Inveja a barbara fereza:
Da fome crúa, eſqualida pobreza
Em vão fugir deſejo, em vão procuro.

Nada vale, conſtancia, e ſoffrimento;
Monſtros feros, Ceraſtes aſſanhando,
Paciencia, e valor põem a tormento.

O que mais he, que a vida prolongando
Se ceva, e nutre o meu entendimento
Do eſpectáculo fèo, e miſerando.

SO-

SONETO XIX.

N'Uma ſonora roda, que girando,
Deſmancha de ſeus raios a figura,
Com delicada máo de neve pura
A linda Natarea vi fiando.

O linho humedecer de quando em quando
Co' a doce boca de rubim procura;
Mas Amor, que cilladas aventura
Em torno ao louro fio anda voando.

Pezados ſobre as azas meus Deſejos
O Capitáo ouſado váo ſeguindo
Thé que a molhar o fio ſe inclinaſſe.

Bradou Amor; roubárão-lhe mil bejos:
Vê o triſte os ladróes ir já fugindo,
E pede-me que o furto lhe entregaſſe.

SONETO XX.

AO brilhante poder do ſanto fogo
De teus formoſos olhos vencedores,
Que do ſuave Tyrſe ſão ſenhores,
Se acolhe humilde, meu humilde rôgo.

Que ampares, gentil Clori, peço, e rógo,
Se podem commover-te meus clamores,
A quem chora da Sorte os desfavores,
Sem que em lagrimas ache deſafogo.

O generoſo coração inclina
Do teu, e noſſo Tyrſe, a que ſe dôa
Da mofina, e miſerrima pobreza;

E qual Tyrſe na Cithara divina
Teu lindo roſto angelico apregôa,
Cantarei de tua alma a gentileza.

Ao Senhor Theotonio Gomes de Carvalho,
Socio da Arcadia.

SONETO XXI.

ANte meus olhos anda Amor voando,
Não cruentos virotes efpargindo;
Mas trifte, e magoado o rofto lindo
Lagrimas cryftallinas derramando:

Não oufado, e foberbo; humilde, e brando
Efmola pede a tenra mão abrindo:
Se lhe digo que efpere; alegre, e rindo
Me vai mil efperanças amoftrando.

Metto a mão na algibeira, acho fó verfos,
De verfos, me diz elle, quem fe vefte;
Quem mata a crua fome com talentos?

Bem fei que os Fados tens achado adverfos;
Mas pede a Theotonio que te emprefte
Hum Dobrão de feis mil e quatrocentos.

Aos Annos do Senhor Theotonio Gomes de Carvalho.

SONETO XXII.

SAlve formoſo Dia, alegre Dia!
Que os olhos viſte abrir a Tyrſe amado;
Sempre ſejas feliz, abençoado,
Cheio de gloria, cheio de alegria.

A luz, que as tuas horas alumía,
Mil vezes torne ao Téjo prateado;
E o rôxo Sol no carro ſeu dourado,
Atropelle os Frizões da Noite fria.

Formoſo alegre Dia; pois nos déſte
Hum limpo coração, amparo, abrigo
Da eſpantoſa, miſerrima pobreza!

Que dadiva do Ceo não nos trouxeſte!
Ah! que hum amigo, e na deſgraça amigo
Não o póde fazer a Natureza.

Aos Annos do meſmo Senhor.

SONETO XXIII.

NÃo te direi que as Graças, q'os Amores,
Com ſuave prazer, doce alegria,
Salvando, caro Tyrſe, o teu bom dia,
Grinaldas tecem de mimoſas flores.

Náo te direi, q' as Ninfas, q' os Paſtores
Atroando a fragoſa ſerrania,
Com ſingela, campeſtre melodia,
Cantáo os annos teus, os teus louvores.

Com vozes mais ſonoras, e pungentes,
Na choça eſtáo de Corydon cantando
A triſte Mái, os filhos innocentes:

Náo ao ſom de aureas Lyras modulando;
Mas com devotas lagrimas ardentes
Pela vida de Tyrſe ao Ceo clamando.

Ao mesmo Senhor.

SONETO XXIV.

NÃo louves, caro Tyrse, a rouca Lyra
Do rude Corydon, triste forçado,
Que á toste da Galé afferrolhado,
Se deseja cantar, chora, e suspira.

O lasso pensamento nunca tira
Do duro remo, do grilhão pezado:
Se se lembra do seu antigo estado,
Attonito, e frenetico delira.

O mar a cada instante lhe apresenta
Tragicas scenas de futuras mágoas,
Mergulhando entre as ondas a Esperança:

E só tu, qual Santelmo na tormenta,
Sereno tornas o furor das aguas,
Lhe dás alegres mostras de bonança.

SONETO XXV.

Cor. FAze verſos, meu Tyrce, a linda Clara
Teus verſos quer ouvir, teu doce canto.
Tyr. Mas que verſos farei, que poſsão tanto,
Que branda torne minha ſorte avara?

Cor. A luz dos olhos ſeus formoſa, e clara
Foi quem n'alma te deo fatal quebranto.
Tyr. São o doce veneno, são o encanto,
Com que Amor as cadeias me prepara.

Cor. Teus ais magoados, teus fieis ardores
Poderão abrandar tanta dureza:
Suſpira, que bem ouve os teus clamores.

Tyr. Se ſuſpiros abrandão a belleza,
Brandos eſpero ver, cheios de amores,
Os olhos, em que vive eſta alma preza.

Ao P. Francisco José Freire da Congregação do Oratorio, e Socio da Arcadia, mandando-lhe pedir tabaco Hespanhol.

SONETO XXVI.

QUaes as portas de Jano afferrolhadas
Onde preza mugia a Guerra dura,
O esfaimado nariz o coice atura
Do teimoso vaivem das más pitadas.

As pretas sobrancelhas carregadas,
Com torvo gésto, fêa catadura,
Sorvo, e torno a sorver; e a mão já fura,
Em vez de abrir as ventas desfloradas.

De balde o marrafão empurro, e metto;
Alojado na brexa o mormo grosso,
Com hum rodeiro maço atocha o taco.

O remedio será corno, ou espeto,
Se me não mandas já por esse môço
Do macio Hespanhol louro tabaco.

SO-

SONETO XXVII.

N'Uma Galé Mourisca afferrolhado,
Ao som do rouco vento, que zunia,
Sobre o remo cruzando as mãos dormia
O lasso Corydon pobre forçado.

Em agradaveis sonhos engolfado,
Cuidava o triste, que o grilhão rompia,
E que entre as ondas Lilia branda via
Talhar c'o branco peito o mar salgado:

De vella, e de abraçalla cobiçoso
Estremeceo, tentando levantar-se,
E os fuzís da cadêa retinírão:

Acordou ao motim; e pezaroso,
Querendo á rude chusma lamentar-se,
Só mil suspiros, só mil ais lhe ouvírão.

A' Calva do Padre Antonio Delfim, amigo do Author.

SONETO XXVIII.

ERa alta a noite, a Lua prateada
Já no ſereno Ceo reſplandecia;
E a corrente do Téjo parecia,
De ferventes eſtrellas marchetada.

Então Canidia bella, deſtoucada
Deſcalço o lindo pé, filtros urdia,
Em torno de huma loiſa, que ſe abria
De medonhos Eſpectros rodeada.

Regougavão no cume dos outeiros
Esfaimadas Rapoſas; na Floreſta
Lhe reſpondião Môchos agoureiros.

Brama Canidia; e ós Lémures ligeiros
Unhar mandou do bom Delfim na teſta
De finado cabello alguns milheiros.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXIX.

FOi-se embora o Delfim! Como ficamos?
Ah tyranno Delfim, que nos deixaste!
Comtigo o prazer nosso nos levaste,
Por ti afflictos sem cessar chamamos.

Em vão cançadas lagrimas choramos:
Desta pobre choupana te enfadaste?
Depois que a nossos olhos te negaste,
Nem comemos, nem rimos, nem dançamos.

Escura nos parece a luz do dia!
Da triste noite os fúnebres horrores
Inda fazem maior nossa agonia!

Tudo se nos mudou em dissabores!
Agua fervendo para nós he fria,
O Chá de tres mil reis, he Chá de dores.

A' Calva do meſmo.

SONETO XXX.

AO pellado Eliſeu a rapazia
(Enxâme de formigas inquietas)
Com apupos batendo-lhe palmetas:
Ergue-te, ó calvo, em chuſma lhe dizia.

O pobre com a capa ſe cobria;
E deitando a correr, as çapatetas
No calcanhar tangião caſtanhetas,
Cujo ſom pelas ruas retinia.

Aſſim, créca Eliſeu, Delfim Antonio,
Fugiſte de entre nós a paſſapello?
Parece que foi couſa do Demonio!

De cada vez te falta mais cabello:
Clerigo calvo, he Clerigo bolonio;
Mas ainda aſſim, tomáramos nós vello.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXI.

NÃo se paga de versos a saudade,
Nem de relva se farta o manso gado;
O campo, que do gèlo foi crestado,
Não torna a rebentar co'a tempestade.

Se queres que te creião, se he verdade,
Que este Cirio te deve algum cuidado,
Não estejas em casa encoquinhado;
Foge, foge da misera Cidade.

Estes campos te esperão com mil flores;
A Fonte-santa seus crystaes desata;
Sem ti o nosso pranto se não secca:

Desprezas o agazalho de Pastores?
Pois se de apparecer aqui não trata,
Fazemos-lhe sequestro na Rebeca.

Ao fogo que houve em Alcantara n'um grande monte de tojo, alludindo á Calva do Padre Delfim.

SONETO XXXII.

POr entre crefpas cerras de enrolado
Negro fumo, o claráo fe defpargia
De hum incendio voraz, que á vifta ardia
Do Dono da fogueira defcórado.

Soaváo crebros golpes do machado,
Com que a Meftrança intrépida batia:
A pezada calceta retinia:
Eftava immenfo povo embasbacado.

Achicaváo as bombas fequiofas:
Marcha em fileiras a guerreira gente:
Nunca no Ceo fe vio Lua táo alva!

Co' reflexo das chammas luminofas,
Brilha do Téjo a tumida corrente;
Qual brilha do Delfim ao Sol a calva.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXIII.

Quem vio o P. Antonio? hum Clerigo alvo,
Olhos azues, as faces mui roſadas,
Caſtanhas as melenas eſtiradas,
E na burnida teſta hum pouco calvo?

Quem mo trouxer aqui a são, e ſalvo,
Certo, não perderá ſuas paſſadas:
Na verdade, que ha horas minguadas!
E deixei-o fugir? ſou hum papalvo!

Vai tu, Manoel, pergunta a toda a gente,
Se conhecem hum Padre rabugento,
Que goſta de viver alegremente?

Anda, rapaz, ligeiro como hum vento;
Vai prêgar hum eſcrito a *São Vicente*,
E põe outro na rua de *São Bento*.

A' Calva do meſmo.

SONETO XXXIV.

COm a mão na rabiça, e co' aguilhada
O colono Villão os bois picando,
Abre o comprido rego, a terra arando,
Que quer de louro trigo ſemeada.

Depois de groſſas chuvas orvalhada,
Rebenta a verde cana levantando;
E no quente Verão, do vento brando
Suſſurra levemente meneada.

Então os encalmados ſegadores
Lanção por terra os eſquadrões viçoſos;
Da carnagem cruel nenhum ſe ſalva:

Aſſim andão Demonios malfeitores,
Ceifando nas cabeças de tinhoſos;
Aſſim Delfim a tua ſe fez calva.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXV.

M.el APpareceo o Padre Antonio; eſtava
Eſcondido n'um cóvo de gallinhas;
Para caber metteo-ſe de gatinhas,
E nem que pinto fôra aſſim piava.

Eu. Quem? o Padre Antonio, que tocava
Diverſos minuetes, e modinhas,
Cuja calva em funções de Ladainhas
Entre cinzentas crôas alvejava?

M.el Eſſe meſmo. *Eu.* Quem fez tão bom achado?
M.el Certo atraveſſador, que mui contente,
Entre capões o tinha pendurado;

Mas vio, que lhe dizia toda a gente:
Como eſtá manſo pelos pés atado;
Se o ſoltarem, vai dar a São Vicente.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXVI.

TAmbem me lembra a mim,que já tiveſte
Mais cabello na calva luzidia;
E me lembro tambem, de q'algum dia
De vir comnoſco eſtar gôſto fizeſte:

Nem me eſqueço de quando nos tangeſte
(Por ſinal que cigarra parecia)
A rebeca, que a todos aturdia
Até que coutadinho endoudeceſte.

Deſgraçado Delfim! Eras bom homem.
O mofino do moço deo-te olhado,
Foi o meſmo que ver-te Lobishomem:

Agora andas cumprindo com teu fado;
Só goſtas de comer o que elles comem,
Depois de digerido, e tranſmutado.

A'

A' Calva do Padre Delfim.

SONETO XXXVII.

POr Ceraſtes, e Górgonas lançada,
Do mirrado Caſſinni á ſombra fria,
Paſſa do lago Averno a gritaria
Sobre as azas da Noite reclinada.

Das veneraveis Deoſas avexada
Teme náo rompa ſedo o claro dia;
E acoſſada dos cáes freme, aſſovia,
Tremendo a terra toda de aſſuſtada.

Silvada vaga aſſim de rua em rua,
E ao ſom medonho da infernal calceta
Subito quebra o ſomno mais profundo:

Vem buſcar do Delfim a calva nua
Para traçar o giro de hum Cometa,
Que ha de creſtar a grenha a todo Mundo.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXVIII.

INda a vermelha Aurora ſomnolenta,
Os olhos esfregando, mal abria
A dourada Manhá, e a luz do dia
No Téjo ſe encoſtava macilenta.

Das nuvens o theatro repreſenta,
Iris formoſa, que fugir ſe via
Do ſocegado mar da Trafaria,
Triſte ſinal da proxima tormenta.

Quando tres, quatro, ſeis, e oito vezes
O inquieto Delfim por mim chamava,
Os lombos deſpegando-me do leito.

Fallou, tocio, tocou, e em taes revezes,
Quando cuidei que ſocegado eſtava,
Fez-me os verſos fazer, que tenho feito.

Ao Padre Delfim.

SONETO XXXIX.

QUal ſaudoſa Mãi, que da ribeira
Bradando afflicta, em lagrimas banhada
Co' amado Filho, de quem era amada,
Vê da praia fugir a náo ligeira.

Tal noſſa ſaudade verdadeira
De te náo ver aqui deſeſperada,
Sente que da afflicçáo a alma cançada
Eſtá chegando á hora derradeira!

Triſtes, mudos, afflictos, e choroſos
Huns para os outros, nem ſe quer olhamos:
Que longos sáo os dias invernoſos!

E ſe ás vezes as trombas levantamos
Pelo Padre Delfim, delle ſaudoſos
Huns aos outros a medo perguntamos.

Ao Padre Delfim.

SONETO XL.

Q'He delle o Cabeção do P. Antonio?
Onde tem o chapeo, mais a bengalla?
Francifca, vê fe podes apanhalla:
Fugir-nos fe intentava, era bolonio.

Ora anda, rapariga do Demonio;
Efpera, efcuta, fe refona, ou falla:
Acordafte-lo? Valha-te huma balla;
Pois perdeo duas Miffas Santo Antonio.

Deos te falve, Delfim, muito bons dias?
Queres Chá, ou Café? A Miffes Rofa
Tem ordem de fazer-nos as fatias:

Quanto efta manhá frefca he deliciofa,
Quanto de Inverno são as noites frias,
Para nós tua vifta he faborofa.

Ao Padre Delfim.

SONETO XLI.

AMigo Padre Antonio, a Fonte-ſanta
Sem ti não vale nada: deſcontentes
Convidados, amigos, e parentes,
A todos má triſteza nos quebranta.

A mim, pobre de mim! já me ataranta
Ouvir ſúpplicas tão impertinentes:
Huns dizem, que virás; outros, que mentes,
Que deixaſte o bordão, que tezo canta:

Ora vem, bom Delfim, verás louraças,
Magotes, e magotes de mulheres,
Humas aſſim aſſim, outras caraças:

Ségе te mandarei, ſe ſége queres;
Não te peço ſenão, que agora faças,
O que fizeſte já n'outros Prazeres.

Ao Padre Delfim.

SONETO XLII.

AMigo, fallo sério, saudosos
Pelo nosso Delfim todos chamamos,
A's portas, e janellas perguntamos,
Que feito foi de ti, de ti queixosos.

Sempre os olhos trazemos lagrimosos,
E crestados do pranto que choramos:
A's mangas sem cessar nos assoamos,
De cada vez nos vemos mais ranhosos.

Não desprezes, Delfim, o amor ardente
De teus velhos amigos, coutadinhos,
Que sem ti Sol não achão, que os aquente.

Quaes pião pela Mãi os pintainhos,
Assim chama por ti toda esta gente,
Parentes, convidados, e vizinhos.

SO-

SONETO XLIII.

NA ſolitaria praia a ruiva arêa
Com a luz da manhá reſplandecia;
De inquietas eſtrellas ſe cubria
O fundo pégo, que ſonoro ondèa.

De branca eſpuma na cerulea vêa
O gado de Protheu ſulcos abria;
Glauco da barca as redes deſprendia,
O lanço conſagrado a Galatêa.

Mas ſuſpendeo as Chinxas aſſuſtado,
Vendo boiar do Téjo n'agua pura
O Coral rôxo, o Mûrice dourado.

Ouve huma voz bradando: ,, Quem procura
,, Profanar eſte dia conſagrado
,, Da engraçada Corina á formoſura?

Aos Annos da Senhora D. Maria Eufrasia.

SONETO XLIV.

PIzando mil eſtrellas radiantes
As celeſtes Virtudes vem deſcendo:
Com as candidas mãos crôas tecendo
De louro não, de immenſos Soes brilhantes:

Em ſonora cadeia de diamantes
O Tempo voador eſtão prendendo;
A' longa eternidade obedecendo
Quietos os aligeros Inſtantes.

Do fulvo Téjo as Ninfas q'admirárão
A luz, que pelas aguas ſe eſtendia,
Humas ás outras com prazer lembrárão,

Que as eternas Virtudes neſte dia
Para habitar, dos altos Ceos baixárão,
No coração heroico de Maria.

SO-

SONETO XLV.

Hontem ſe foi daqui Nize formoſa,
Nize noſſo prazer, noſſa alegria:
Tornou-ſe em fêa noite o claro dia;
Cubrio-ſe o Sol de ſombra pavoroſa.

Até a clara fonte ſaudoſa
Inconſolaveis lagrimas vertia:
E a tarde, que mil ditas promettia,
Oh quáo triſte nos foi, quáo amargoſa!

Neſte eſpanto fatal hum deſgraçado,
Que por Nize em amor todo ſe infláma,
De Nize táo cruel aſſim ſe queixa:

Se o Mundo todo fica táo mudado,
Quando foges de quem em váo te chama,
Ou náo vás, ou teus olhos cá nos deixa.

Aos Annos da Senhora D. Camilla.

SONETO XLVI.

DOze vezes o Sol com ſeus fulgores
De teus annos dourou, Camilla, o Dia;
E doze vezes cheios de alegria
Empennárão as ſettas os Amores.

Croada a Primavera de mil flores,
Pelos campos aromas eſpargia:
O meſmo Ceo de eſtrellas ſe cobria:
Brilhavão da Virtude os reſplendores.

Jazem na freſca relva os armentíos;
E os Paſtores tocando nas avenas,
Modulão o teu claro naſcimento:

Murmurão brandamente os alvos rios;
Correm ſonoras fontes mais ſerenas:
Tudo reſpira em fim contentamento.

A huma Senhora, a quem o Author chamava sua Mãi.

SONETO XLVII.

COmigo minha Mãi brincando hum dia,
A namorar c'os olhos me enſinava;
Mas Amor, que em ſeus olhos me eſperava,
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando êm quando mais formoſa ria,
Porque incapaz do enſino me julgava;
Porém tanto a lição me aproveitava,
Que ſuſpirar por ella já ſabia.

Em poucas horas aprendi a amalla:
Ditoſo ſe tal arte não ſoubera,
Não me cuſtára a vida não logralla.

Certo, que aprender menos melhor era;
Pois não ſoubera agora deſejalla,
Nem de tão louco amor enlouquecêra.

SO-

A Jeronymo Henriques de Sequeira.

SONETO XLVIII.

DOutor Henriques, o Garção doente
Vai-ſe achando peor, a febre atura;
A face cada vez eſtá mais dura,
Tratando mal de mim toda eſta gente:

Cuido que vejo a fouce reluzente
Na deſcarnada mão da Morte eſcura
Ante os olhos girar, e a má figura
Bem certa de vencer, moſtrar-me o dente.

Hum bando de atrociſſimos peccados
Rezenha eſtão fazendo em outra parte,
Terço de Tabareos mal encarados:

Que poderei fazer ſenão chamar-te?
Teu Nome, ſe me livras de cuidado,
Cantando eſpalharei por toda a parte.

SONETO XLIX.

Tres vezes vi, Marilia, de alva Lua
Cheio de luz o rosto prateado,
Sem que dourasse o campo matizado
A linda aurora da presença tua.

Então sobindo á serra calva, e núa,
De hum ingreme rochedo pendurado,
Os olhos alongando pelo prado,
Chamava, mas em vão, a Morte crua.

Alli commigo vinhão ter Pastores,
Que meus suspiros fervidos ouvião,
Cortados do alarido dos clamores:

Tanto que a causa de meu mal sabião,
Julgando sem remedio minhas dores,
Por não poder-me consolar, fugião.

SONETO L.

LAcaios, e mulheres, filhos, criadas,
Todas clamando eſtão pelas fogueiras,
Quaes gritão marafonas regateiras,
Pela taxa, ou tributo alvoroçadas.

O cotão ſacudindo, deſpejadas
Lhe moſtro ſem pataca as algibeiras;
Ellas, que são ladinas, e matreiras,
Trazem papel, e pennas aparadas.

Que te eſcreva me pedem, que te peça
Para cabeças, ou barrís dinheiro,
Que o Luiz irá lá a toda a preça.

Que remedio! Deſpacho hum caminheiro,
Pois temo, que me queimem a cabeça,
Ou me ponhão por maſto no terreiro.

SONETO LI.

JÁ de trás do caſal vem reſurgindo
O Pedro, e Fr. Joaquim; eis que da Fonte
Rebenta o bom Mardél no preto Etonte,
E co' chapéo na mão ſe vem já rindo.

Na janella apparece o roſto lindo,
Que não he juſto, amigo, que te conte;
Saltão os dous a terra alli defronte;
As raparigas vão de cá ſahindo.

Jaz Franciſco Raymundo de barrete
Em trages de Confucio, ou de Mafoma,
Os gentís olhos baixa Aonia ſanta.

O Pedro corre a mão pelo topéte,
Depois de cochichar o Chá ſe tóma:
Eis-aqui o *Longroom* da Fonte-ſanta.

SONETO LII.

INda que abrindo a boca o Mar irado,
Os dentes moſtre em borbotões de eſpuma;
Ou nos abyſmos rapido ſe ſuma;
Ou caia das eſtrellas deſpenhado:

Inda que o Oceano denodado,
Co' grão Tridente dardejar preſuma;
E que o miſero corpo me conſuma,
De ceruleos Delfins ataſſalhado:

Inda que Europa, com fragor eſtranho,
Sumergindo-ſe ſeja a campa minha,
Servindo-me os Antipodas de laſtro:

Qual impavido Seneca no banho
Com os dedos fazendo tiſourinha,
Repetirei a hiſtoria de Alencaſtro.

SONETO LIII.

Se como tu, Amor, mandas, e queres
Que admire de Tyrcea a formosura,
Igual á que me abraza chamma pura
Em seu peito invencivel accenderes:

Se em seus divinos olhos tu pudéres
Claros sinaes mostrar-me de ternura;
Se em vez de ingrata ser, e ser táo dura,
Que benigna me attenda, em fim venceres:

Entáo direi, Amor, que és poderoso,
Que te he devida nossa idolatria;
E que pódes fazer-me venturoso:

Mas receio que Tyrsea ingrata, impía,
Cedendo a meu destino rigoroso,
Destes suspiros faça zombaria.

Ao Terremoto do primeiro de Novembro de 1755.

SONETO LIV.

A Fortunado Eneas, que ſahiſte
Da deſtruida Troia, carregado
Com o pezo feliz do Pai amado;
E aſſim as leis do ſangue bem cumpriſte.

Tambem neſſa piedade reſiſtiſte
Ao direito fatal do injuſto Fado:
Se viſte o patrio ninho deſtroçado,
Salvo, quem te deo ſer, ditoſo viſte.

Os Penates, os Socios tranſportaſte
Ao Lacio porto, aonde achaſte abrigo,
Onde hum novo Paladio collocaſte.

Eu provei mais cruel Fado inimigo:
A Patria vi arder: Tu a ſalvaſte;
Mas eu perdi o Pai, perdi o Amigo.

A sua Mulher a Senhora D. Maria Anna Xavier de Sande e Salema.

SONETO LV.

AO som dos duros ferros, que arrastava,
A Lyra de ouro Coridon tangia;
De Marcia o doce nome repetia;
Mas no meio do canto soluçava.

No rosto macerado, que enfiava,
O lagrimoso pranto reluzia;
E nos olhos, que aos altos Ceos erguia,
O pensamento intrepido voava.

Não se assombra de ventos insoffridos,
Nem com ousado lenho arar intenta
O Pólo do futuro nebuloso:

Menos chora terrenos bens perdidos:
De pouco hum peito grande se contenta:
Antes quer ser honrado, que ditoso.

SO-

SONETO LVI.

CUjos Brontes eſtão arregaçados
Batendo o rubro ferro, e retinindo
Os rijos malhos, vão ao ar ſubindo
Eſtellantes coriſcos enrolados.

Ao fuzilar dos golpes, pendurados
Apparecem mil Elmos reluzindo;
Na forja a labareda eſtá zunindo,
Impellida dos folles engelhados:

Cryſtallino ſuór alaga a teſta
Do côxo meſtre; a calma da officina
A' freſca Viração as azas creſta.

Forjavão huma ſetta colubrina;
Eis entra Amor, e diz-lhe que não preſta
A' viſta dos bons olhos de Corina.

A' Morte de Felis Coutinho.

SONETO LVII.

Espirito gentil do Espoſo amado,
Que ſobre as azas de Virtudes ſantas,
Muito aſſima dos aſtros te levantas
Do miſerrimo corpo deſatado:

Ante o ſolio de eſtrellas recamado,
Já do grande Adonai o Nome cantas:
E do perpétuo dia não te eſpantas,
Que a noſſos mortaes olhos he vedado.

Se o purpúreo ſemblante a nós volvendo,
(Nova Conſtellação reſplandecente)
A terra, lá do Ceo, inda eſtás vendo;

Não te canſes de noſſo amor ardente,
Que eſte pranto, que vês eſtar correndo,
Que viva cá ſem ti, me não conſente.

Aos Fidalgos, que protegião o Theatro do Bairro Alto.

ODE PINDARICA I.

STROFE.

NÃo Arabico incenso, ouro luzente,
Nem pérolas do Ganges,
Não tenho que offrecer-vos reverente:
Malhas, arnezes, punicos alfanges;
Mas soberbas Phalanges
De almos Hymnos Dirceos, q'immortaes tecem
Mil croas á Virtude, me obedecem.

ANTISTROFE.

Fuja o profano Vulgo; qual nos montes
O rebanho medroso,
Quando vê fuzilar nos horizontes
O farpado corisco pavoroso,
Ouve o trovão ruidoso,

Cor-

Correndo pelo valle ſe derrama,
E em ſeu balido o Pegureiro chama.

EPODO.

Nos manſos ares vejo
Já ſobre as azas lucidas pezados
Meus fogoſos Etontes, que banhados
No doce, flavo Téjo
Os freios de diamantes maſtigavão,
Quando as Ninfas de roſas os croavão.

STROFE.

Eſta, que afino Cithara famoſa,
Deo-ma o Cyſne do Iſmeno,
Cujo canto em Elia victorioſa
Foi ſempre ásMuſas mais,q'aoPindo ameno:
Com ſemblante ſereno
A mão nas aureas cordas me firmava,
E ás Argivas Canções me acoſtumava.

ANTISTROFE.

Aſſim digno me fez do levantado
Aſſumpto mageſtoſo,
A quem hoje me inſpira a luz do Fado,
Que em meus verſos lhe erija altar glorioſo:
Brame o Tempo invejoſo,
A fouce morda, e ameace dános;
Mas meus verſos dominão ſobre os annos.

EPODO.

Canto a illuſtre, e clara

Deſ-

Defcendencia de Heroes, que a Lufa terra,
Ou na dourada Paz, ou dura Guerra
Fizerão mais preclara:
Cuja fama em relampagos diffuza,
Ainda fulmina os campos de Ampeluza.

Strofe.

O heroico, e real fangue vos inflâma,
Que regou derramado,
Louros, e palmas, que cultiva a Fama
Nos efpantofos montes do Salado.
O barbaro efpantado
Deixa, fugindo á ultima ruina,
Arrazadas de luas a campina.

Antistrofe.

Que eterna gloria! Immenfa luz fcintilla
Nas aras da Memoria!
Alli Farrobo vejo, e vejo Arzila,
Deftroçados defpojos da victoria!
Da Lufitana Gloria
Efcravas gemem, moftrão de horror cheias,
Ceuta, Larache, e Tangere, as cadeias.

Epodo.

Para furgir no Oriente,
Do patrio ninho impavida fugindo
Eftá fonoras vélas desferindo
A brava Lufa gente.
Arando o Gama vai fem temer Juno
Os inhofpitos campos de Neptuno.

Stro-

STROFE.

De Albuquerques, Almeidas, Caſtros fortes,
Que feitos não pregôa
A honroſa tradição, que eſpanta a Morte,
Q'além dos tempos derradeiros vôa!
Aſia reſpeita em Gôa
O nome Portuguez, luzes divinas,
Que humilde adora nas ſagradas Quinas.

ANTISTROFE.

De tão honrados inclytos maiores
Vós, Netos generoſos,
Do fado das batalhas ſois ſenhores:
Illuſtres cavalleiros victorioſos,
Eſpiritos brioſos
Vos inſpira o ardor que vos inflâma,
Té o grão Templo conquiſtar da Fama.

EPODO.

Mas já do batel pobre
Sinto a quilha gemer; o debil lado
Dos ventos, e das ondas açoutado
De alva eſpuma ſe cobre:
Remos não tem, não tem faroes, que o rejão,
De balde as vélas contra o mar forcejão.

STROFE.

Tempo, tempo virá, que as deſprezadas
Muſas do patrio Téjo,
Por voſſas mãos benignas levantadas

No

No porto vão ſurgir, q' inda não vejo:
Então, então ſem pejo
Em grave ſcena adereçando a Hiſtoria,
Moſtrárão quanto póde o amor da gloria.

ANTISTROFE.

Calçando o humilde Socco, ao feio Vicio
A maſcara raſgada,
Hão-de enſinar no Comico Exercicio,
Como Verdade do alto Ceo mandada.
De roſas coroada
Sans máximas dictando ao povo rude
Eſpalhe os claros raios da Virtude.

EPODO.

O jugo vergonhoſo,
Os cepos, em que jazem prizioneiras,
Como eſcravas das Muſas eſtrangeiras,
Com animo brioſo
Deſejão ſacudir: ſerão louvadas,
Dignas então de vós, per vós honradas.

A' Senhora D. Maria Joaquina de Guſmão e Vaſconcellos.

ODE II.

PEleijei, peleijei (e não ſem gloria)
Nas barbaras, indomitas Phalanges
Do forte domador de humanos peitos
Inſano Amor potente.

A triunfal carroça acompanhando,
Angelicos cabellos ennaſtrados
Com Mirto, e roſas; de córado pejo
Os alvos roſtos tintos:

Mil garridas, mil candidas Licores
Vencedor me juráraõ, me rendêrão
Do rizo, e do prazer, no Capitolio
Humilde vaſſallagem.

Mas o tempo voôu; agora manda
A nevada Prudencia, que amainando
As vélas enfunadas, ſurja o lenho
Em ſocegado porto.

Lar-

Larguemos pois altivos ardimentos
  Os ſoberbos Troféos. Eia larguemos
  Arraſtadas bandeiras, rotas armas,
      Iliacas eſcravas.

Aqui neſte deſpido freixo annoſo
  Fique a ſonora Lyra pendurada,
  Qual no Templo ſuſpende o naufragante
      Os humidos veſtidos.

Para ſer mais ſolemne o ſacrificio
  Em vergonhoſo Cadafalſo queime
  Arrependida mão Odes, Sonetos;
      Eſpalhe o vento as cinzas.

Ondada crepitante labareda,
  Entre ſerras de fumo lance aos ares
  O ſolto ſprito de meus verſos triſtes,
      Q'em raio ſe converta.

Com medonho eſtridor deſça inflammado,
  Os fragoſos outeiros abalando;
  Aſſombre o peito de Marilia ingrata,
      Da perfida Marilia.

Sendo convidado o Author para assistir a hum pouco de Ponche, que se havia de fazer no outro dia; elle quando veio trouxe esta Ode. A Lydia com que falla, he a do Soneto XII. e à Marilia, a do Soneto II.

ODE III.

POis torna o frio Inverno, sacodindo
Das estridentes azas gelo agudo,
As retalhadas mãos, amavel Lydia,
Aqueçamos ao fogo.

Em quanto pelos montes, que branquejão,
As crystallinas cans d'annosos troncos
Com os raios do Sol estão brilhando,
Quaes brilhão de Marilia,

Da travêssa Marilia, os ledos olhos,
A' chaminé hum pouco nos sentemos:
Já silvando entre ondadas labaredas
A secca lenha estála.

Conversemos, bebamos, murmuremos:
Comtigo as Graças vem, comigo Amores,
Que no varrido lar ao lume seccão
As orvalhadas pennas.

Os

Os froxos arcos bocejando largão,
E nas crueis aljavas reclinados,
Porque vélão de noite, ſomnolentos,
(Coutados!) adormecem.

Ferve o cheiroſo Ponche, que deſterra
A pezada triſteza, os váos temores,
Que deixa voar ſolto o penſamento
Nas azas da Alegria.

Reluzindo na meza os cryſtaes limpos,
Nos pedem que bebamos, que brindemos:
Ora bebamos, Lydia; deixa aos Aſtros
O governo dos Orbes.

Náo queiras triſte penetrar a denſa
Caliginoſa nevoa do futuro:
Náo percas hum inſtante de teus dias;
Olha, que o tempo vôa!

Voáo com elle noſſas eſperanças,
Caſtellos ſobre nuvens levantados!
A mais pompoſa Scena da Fortuna
D' improviſo ſe troca!

Apenas vi raiar hum doce rizo,
No angelico ſemblante de Marilia,
Dos olhos me fugio o lindo geſto
Que os olhos me levava.

Qual ſonhado theſouro em negra cinza,
Se tornou todo o meu contentamento:
Ah, Marilia cruel! que te cuſtava
Trazer-me neſte engano?

Voai, feri, Amores, eſſa ingrata;
Fazei-a ſuſpirar por quem lhe fuja:
Prove tormento igual a meu tormento:
Em vão, em vão ſe queixe.

Perdoa, Lydia, ſe blasfemo, e grito,
Que Ponche tambem faz dizer verdades:
He Marilia formoſa; mas ingrata....
Creio que o tempo muda.

A' Virtude.

ODE IV.

Ligado com asperrimas algemas
Ao rigido penedo;
Com hum agudo cravo de diamante
O peito traspassado;
Convulso o rosto, e tinto em negro sangue,
Que brota da ferida;
As sonoras pancadas do martello,
Com que bate Vulcano
Nas cavernas do Caucaso retumbão:
Porém constante, e forte
Não geme Prometheo; antes accusa
A Jupiter de ingrato:
Innocente se julga; á força impía
Não cede do Tyranno.
Assim, assim, a misera pobreza,
A contraria fortuna
Deve immovel soffrer huma alma grande,
Oh Sousa esclarecido!
Varra o credor soberbo a pobre casa
Co' desabrido Alcaide;
Dorme no duro chão tão descançado,
Como no leito brando,
O intrepido Varão, que do Destino
Próva os fataes revezes.

Co' a dourada Carroça o molle Eunucho
O pize, ou atropelle,
Não lhe inveja a riqueza: Que outrem lavre
Nas ribeiras do Téjo
C' os malhados bezerros longa terra,
Não lhe acorda a cobiça.
Vente embora do Sul; cahindo açoite
Ao negro mar que brada.
O pluvial Arcturo; a vara creste
Do podado bacelo
Espessa chuva de arida saraiva,
Nada lhe abala o peito.
Enroscada no braço macilento
A venenosa Serpe
Chegue ao seio cruel a triste Inveja;
E a perfida Mentira
C' os titubiantes beiços o crimine,
Rirá no Cadafalso.
Só dos delictos póde o vil remorso
Mudar-lhe a côr serena
Do tranquillo semblante: A mão potente
De quem o fez, só teme.
Os homens não recea, que a Virtude
O coração lhe anima,
E a consciencia sá, a fé intacta,
Os austeros costumes.
Não fantasticas honras isto ensinão.
Assim dourão a morte
Os Uticenses, Regulos, os Marios,
A pezar do sepulcro.

So-

Sobre as azas do Tempo aſſim paſsárão
Às Lethargicas ondas
Do rio ſomnolento. Aſſim croado
De Gangeticas palmas,
O deſtemido Caſtro n' alta ſerra,
Que Templo foi de Cinthia,
Retirado vivia: a mão invicta,
Gloria, e terror da Aſia,
Os ſilveſtres arbuſtos cultivava,
Subjugando a vaidade.
Paſſe á Gineta o timido guerreiro,
Que com as armas limpas
Da batalha fugio eſpavorido;
Porque do ſangue antigo
A arvore apreſenta. Ainda que honrado,
O deſvalido moſtre
As rôxas cicatrizes das feridas,
Que ſoffreo pela Patria,
Dizia o grande Caſtro. O Liſongeiro
Eſtudando o ſegredo
De agradecer deſprezos, não ſe affaſte
Da ſalla do Miniſtro.
Alli dourando o Sol os altos montes
Na madrugada veja;
Alli o deixe a Lua, que vermelha
No horizonte mettida,
Eſtende os froxos raios pelas ondas;
Se com pública fraude
Ao miſeravel Orfão a capella
Subnegar-lhe pertende.

Aſ-

Aſpire á Béca o julgador iniquo,
Q' aos olhos da Juſtiça
Roubou a ſanta venda, que equilibra
Nas vendidas balanças
Os dourados delictos. Soffra, e buſque
A vergonhoſa Scena
Da ſubita cataſtrofe o Privado,
Que o roſto não conhece
Da Clara Fama, da Immortal Memoria,
Da Honra, e da Virtude.
Mas qual Marpezia rocha, hum peito forte
Não roga, não ſe abate.

A' Virtude.

ODE V.

O Conſtante Varão, que juſto, e firme
Da difficil Virtude ſegue os paſſos,
O pezado ſemblante do Tyranno
Não teme, não eſtranha.

Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes;
Ouça afiar na pedra o curvo alfange;
Soffra no potro aſperrima tortura,
Não perde a cor do roſto.

Em ſeveros coſtumes enſaiado
Préza mais a innocencia, do que a vida,
Fiel á Patria, ao Principe, aos amigos,
Acaba como vive.

Com pavoroſo eſtrondo ſe deſatem
Em vermelhos, coriſcos as eſtrellas;
Brote Volcões a terra; da ruina
Impavido não foge.

Aſſim Mário ſubio ao Capitolio,
Entre Aguias, e Lictores conduzido,
Com aſpecto ſereno; ainda que atadas
Ás rôxas mãos em ferros.

Na preſença de Ceſar, e Conſcriptos
Fui, diſſe, fui fiel a Galba, e a Roma;
Confeſſo o meu delicto, ſe delicto
A' Virtude ſe chama.

As legiões Romanas teſtemunhas
Poderáõ ſer: Vós, Conſules, Tribunos
A verdade dizei. Dizei ſe Mário
Foi amigo de Galba?

Patricios, e Soldados do divino
Julio, as aras jurem ſe me viráo
Sempre ao ſeu lado. Alli, alli Camurio
Alçou a máo traidora.

Eu vi o triſte Velho deſcorado
A garganta offrecer ao duro golpe;
E indo da Patria o nome repetindo
A grande Alma fugir-lhe.

Oh Ceſar! aqui tens de Mário Celſo
O crime, e a confiſsáo: Romanos, Mário
Foi a Galba fiel! Vamos aonde
Eſtá o Cadafalſo.

Acabou de fallar: Conſules, Padres
Attonitos ficáráo; porém Ceſar
De táo rara conſtancia namorado
Nos braços o recebe.

Ao Senhor Manoel Pereira de Faria,
Socio da Arcadia.

ODE SAPHICA VI.

Vê, Silvio, como ſacodindo o Inverno
As negras azas, ſólta a groſſa chuva!
Cobre os outeiros das erguidas ſerras
Humida nevoa.

Na longa coſta brada o mar irado
Sobre os cachopos; borbotões de eſpuma
Erguem as ondas; as crueis cabeças
N'agoa negrejão.

O frio Noto, rigido ſoprando
Dobra os ulmeiros, os curraes derruba:
E o gado junto, pavido balando
Une os focinhos.

Com duro frio Coridon tremendo,
A rôxa face no çurrão eſconde;
C'os altos ſoccos quebra a preza neve,
Corre á cabana.

Alli

Alli ajunta de podadas vides
Os ſeccos mólhos: aſſoprando accende
Pobre fogueira; aonde as máos aquenta
C' os rotos filhos.

Puláo nos olhos lagrimas, que enxuga
Na groſſa manga, reprimindo forte
Acerbas dores, reflexões pezadas,
Triſtes memorias!

Eis que zunindo furacões horriveis,
A porta arrancáo dos moidos gonzos:
Corre aſſuſtado d' um fuzil q' o cega
A luz vermelha!

Vio eſpalhadas viboras de fogo:
Ouvio bramando, retumbar no valle
Os longos écos do Trováo, que abala
Os altos montes!

Vê-ſe partida do voraz coriſco
A rica proa de hum Baixel Britanno;
Náo lhe valendo cem canhões ſoberbos,
Que Nantes teme.

Rotas tremuláo as Reaes bandeiras;
Rompem as ondas o infeliz coſtado:
Inutil pranto, triſtes ais levanta
A laſſa gente.

Ago-

Agora, dize, quem ſeguro vive,
Amado Silvio, da cruel Fortuna,
Se as altas torres, ſe as humildes choças
A Morte piza?

Os aureos tectos, Doricas columnas,
Quadros antigos, marchetados leitos.
Servem de Eſpectros, Gorgonas, Ceraſtes,
Na fatal hora.

Ao Beato Bernardo, Marquez de Baden.

ODE SAPHICA VII.

O Varão juſto, que, Senhor, invoca
Teu Nome Santo, no deſerto monte
Faz, que rebente cryſtallina fonte
Da árida penha.

No fundo valle ſua voz deſpenha
Qual molle cera, liquidos outeiros;
Sonoros ventos, horridos choveiros
Placido enfrêa.

Baden o diga, quando a nuvem fêa
Vermelho raio com furor raſgando,
Nos negros ares vio girar ſilvando
Trémula chamma.

Por ti, Bernardo, triſte povo chama,
E o fulminado frio corpo exangue,
Da dura terra, tinto em rôxo ſangue
Eis ſe levanta.

Aſ-

Aſſim armado de virtude ſanta
Serenos tornas os infeſtos ares;
Aſſim dominas inſoffridos mares,
Avida morte.

Salve teu Nome do vibrado córte
Deſamparados miſeros humanos,
Que do caſtigo merecidos dános
Palidos temem.

A S. Norberto, Bispo, e Confessor.

ODE VIII.

ESpiritos rebeldes, que as infensas
Aljavas fulminantes
Das fêas legiões de nuvens densas
Armais de accezas farpas crepitantes,
Fugi para as distantes
Incultas brenhas d' árido deserto,
Fugi do Nome Santo de Norberto.

Dos estellantes atrios desce armado
De medonhos rugidos
O Leão de Judá: no escudo alçado
Relampagos fuzilão despedidos
Dos arcos desferidos,
Que sobre Saulo attonito lançárão
Settas, que dentro n' alma lhe troárão.

Rota a nevoa mortal, que lhe encobria
O throno magestoso
Do Senhor das batalhas, que o seguia
(Astros trilhando o carro luminoso)
Conhece venturoso
A mão potente, a qual se toca os montes,
Abafa crespo fumo os horizontes.

Tu

Tu, Norberto, outro Saulo foſte, quando
Intrepido, e valente
O rapido ginete arremeçando,
De improviſo brandio a nuve ardente
Relampago eſtridente,
Que ao bruto, do trovão eſpavorido,
Deixou a poucas cinzas reduzido.

Cercada de pavor da alma conſtante
Se humilha a fortaleza;
Vê ſcintillar o lúcido ſemblante,
Que adora conſternada a Natureza,
Quando a vingança acceza
Leva os Cedros do Libano frondoſos
Nas azas de coriſcos eſpantoſos.

Caliginoſas trévas já rompia,
E ao claro Firmamento
De luz ſurcando pélagos, ſobia
No regaço da Fé o penſamento,
Ouvindo o claro accento,
Com que lhe falla o Ceo: e o mar irado
Tremeo do ſom terrivel aſſuſtado.

Movido pois de noſſo ardente rôgo,
Deſce, ó Norberto Santo,
Diſſipa com teu Nome tanto fogo,
Ouve noſſos clamores, noſſo pranto;
E já que podes tanto,
Pede ao tremendo Deos, que enfreia os máres,
Que lance os máos eſpritos d' eſtes ares.

A Santo Thomaz de Aquino, Doutor, e Confeſſor.

ODE IX.

SE na eterna Sião, onde ditoſo,
Em premio da victoria,
Te corôa o ſemblante luminoſo,
O Sol de immenſa gloria,
Thomaz inclyto Santo,
Voar a teus ouvidos noſſo pranto,

Ao Mundo os olhos immortaes volvendo,
Attende a noſſos dãnos:
Olha os ventos irados, revolvendo
Os negros Oceanos
De indomitas procellas,
Que ſoltão em coriſcos as eſtrellas.

Qual ſem Paſtor o pavido Cordeiro,
Ouvindo ranger perto
Do cerval Lobo o dente carniceiro:
Aſſim do Inferno aberto
As fauces horroroſas
Vemos arder em nuvens tenebroſas.

Aco-

Acode-nos, Thomaz; lembre-te quando
A máo Omnipotente,
No throno de mil raios fulminando
O gume refulgente
Da abrazadora espada,
Sobre ti viste com pavor alçada.

A candida Innocencia, a Fé constante
Nos braços te sustenta,
Em quanto a rôxa flamma sibilante,
Que subito rebenta,
Em torno te girava,
E de fraterno sangue rociava.

Do fumo arando hum mar caliginoso
Os olhos mal abriste;
Espectaculo fêo, e lastimoso!
Da misera Irmá viste
Jazer despedaçados
Os palpitantes membros fulminados.

As azas do Senhor, que te cobrírão,
Que illeso te guardárão!
Não de luzente malha te vestírão,
Mas de poder te armárão
Para invicto valer-nos:
Pois chamamos por ti, vem defender-nos.

A Santo Ubaldo, Protector da Cidade de Eugubio, Biſpo, e Confeſſor.

ODE ALCAICA X.

QUando o terrivel Deos dos exercitos,
Nas leves azas de Aquilões turbidos,
Sobre as altas Cidades
Manda a procella horriſona:

Se vingadora ſolta a mão rubida
As eſtridentes accezas viboras,
E ſe o fragor dos montes
Freme no fundo pélago:

Ubaldo Santo, com rogos férvidos
Os Eugubinos te invocão pávidos;
Cercando teus altares
Gemem, quaes Pombas timidas:

A ſoccorrellos vôas intrepido,
E da virtude no pavez rigido
Rota a farpada lança,
Foge co' vento rapido.

Aſ-

Aſſim te chama Protector inclyto
A Luſa gente; correm as lagrimas,
Qual matutino orvalho
Banha os frondoſos Platanos.

Vem ſoccorrer-nos: no árido carcere
Os trovões prezos bramão indomitos;
Tornem dourados dias,
Movão-te noſſas ſúpplicas.

Ao Senhor Manoel Pereira de Faria,
Socio da Arcadia.

ODE ALCAICA XI.

SE já ouviſte, Silvio magnanimo,
A minha pobre, ruſtica Cithara,
Poucos, mas novos verſos,
Ouve com roſto placido.

Ouve; que aos verſos, famoſos titulos
Devem Eneas, Deiphobo, e Priamo;
Deve Ulyſſes prudente,
Deve Achiles indomito.

O Luſo Gama nunca táo célebre
Fôra no Mundo, ſó porque impavido
Os máres náo ſulcados
Cortou c' os lenhos concavos:

Camóes, eterno com as Luziadas
Póde fazello, ſenáo incognitos
Os Varóes Portuguezes
Jazeriáo no tumulo.

An-

Antes que as noſſas, nos máres Indicos
O ferreo dente, molhárão ancoras,
De Quilhas Europeas,
Cobertas de outras flamulas:

Antes do Grego, d' outros exercitos
Burnidos Elmos vio brilhar Pérgamo:
Houve na Frigia Troia
Outro Aiax, outro Stenelo.

Nem ſó Eliza, d' Eneas profugo
Tingindo a eſpada no ſangue tepido,
Trocou a doce vida
Por huma infamia poſthuma.

Nem ſó guizados os membros lividos
Do caro filho, com rancor barbaro
Ao laſcivo marido,
Progne miniſtrou pállida.

Em acções grandes d' almas intrepidas
Forão, he certo, ferreis os Seculos;
Mas o negro ſilencio
Sepulta os nomes inclytos:

Negro ſilencio, que os olhos languidos
Na vil Preguiça fitando timido
A lethargica lingua
Corta c' os dentes avidos.

Co-

Cobre a Virtude co' as azas lubricas
O' veloz Tempo, logo que ao feretro
Cede o paſſo a Liſonja,
Raſgando a torpe maſcara.

Com tardos paſſos calcando os tumulos
O Eſquecimento, da mão eſqualida
Sólta as confuſas cinzas,
Que eſpalha o vento rapido.

Mas eu ingrato, Silvio magnanimo,
Soffrer podia, que o canto melico
Eſquecido deixaſſe
O teu nome magnifico?

De huma alma grande coſtumes candidos,
Raras virtudes, genio pacifico,
Para ſerem eternos,
Não precisão de marmores:

Póde hum Poeta mais do que o Artifice,
Ou córte jaſpe, ou côres liquidas,
Largue o pincel no panno
Dos monumentos públicos.

Sempre com verſos o furor Delfico
A nobre vida dos Varões inclytos
Livra do vil contacto
Das mãos cruentas d' Atropos.

Dos

Dos torpes vicios es cenſor rigido;
Tu os fulminas com olhos placidos,
E entre nuvens de fumo
Foge a tropa ſanatica.

Da triſte Inveja na teſta pállida
Co'a forte planta pizas as viboras,
Bramindo, o negro Cirio
Quebra a Diſcordia attonita.

Das máos cobardes o metal fulgido,
Larga a Cobiça: com grilhóes aſperos
Algemada a Soberba
Dobra o peſcoço riſpido.

De ti fugindo cahem no pélago,
Onde a Triſteza com pranto lugubre
Cercada de remorſos
Já mais enxuga as lagrimas.

Aos Annos do Coronel da Artilheria Frederico Weinholtz.

ODE XII.

COm ſuaves caricias, brando, humilde,
Qual he por natureza,
As tenras mãos erguendo, o roſto lindo
Em lagrimas banhado,
Ao rigoroſo Tempo Amor pedia,
Que dos duros revézes
Do braço inexoravel preſervaſſe;
Que de doces prazeres,
De glorias coroaſſe, e de venturas
Eſte ditoſo Dia:
Ora em laços de Goivos, e Amaranto
A riſpida melêna
Ao deſabrido Velho entrança, e prende.
Ora as aras lhe cinge
Com cheiroſos collares de mil flores:
Thé que o rapido Monſtro
Avaro de ruinas, e de eſtragos,
Soberbo, e receoſo
D' alheas tyrannias, c' hum ſorrizo,
Que ſeu rancor disfarça,

Ou-

Outorga em fim a Amor quanto lhe pede.
Pela ſanguinea fouce,
Que na máo lhe reduz , jura , e promette ,
Que de Weinholtz aos annos ,
As Parcas fiaráõ dourados dias ,
Cheios de immenſa gloria ,
De proſperos ſucceſſos , de venturas.
Que o gelado Danubio ,
Que de Berço lhe dar ſe deſvanece ,
Com a cerulea fronte
De agudas Eſpadanas guarnecida ,
De ſangue rociado
O indomito Tridente , ao fulvo Téjo
Inda virá hum dia
Ávido de mais fama demandallo.
Apenas Amor ouve
Tão affavel reſpoſta , as brancas azas
Tres vezes deſpregando ,
Aos ares ſe abalança ; mas o Tempo
Alçando a máo pezada
Pelo cordão da aljava o ſuſpendia ;
E em quanto lhe tirava
Os dourados farpões , o cruel arco :
„ Eſtas cruentas armas
„ Improprias são , lhe diz , da tua idade ;
„ Para mim as reſervo ,
„ Em premio das venturas , que prometto
„ Ao teu Weinholtz mimoſo.
„ Veremos ſe eſte braço tambem ſabe ,
„ Vibrando agudas ſettas ,
„ Domar os corações. Agora vôa ,

„ Em

„ Em doce paz nos deixa ;
„ Deixa gozar o Mundo de deſcanço ,
„ Que tu , cruel , nos roubas. „
Amor as leves plumas ſacudindo ,
Já livre do tyranno ,
Batendo alegre as palmas , lhe dizia :
„ Não cuides , cruel Tempo ,
„ Que meu invicto braço deſarmaſte ;
„ Mais poderoſas armas ,
„ Mais forte paſſador tenho nos olhos ,
„ No Angelico ſemblante
„ Da formoſa Bivar : Com elle poſſo
„ A meu ſuave Imperio ,
„ A pezar do deſtino , ver curvado
„ O teu riſpido collo :
„ Então verei mil vezes ſem receio
„ Tornar tão feliz dia ;
„ Verei contar Weinholtz ditoſos annos
„ Em proſpero ſocego ,
„ Nos ternos braços da gentil Conſorte. „
Ao Tempo aſſim reſponde
Já ſem temello , Amor ; e o Velho irado
N'um rigido penedo ,
Que borda a ruiva praia de Caxias ,
Rompeo a curva fouce.

A' Reſtauração da Arcadia.

ODE XIII.

SOberbo Galeão, que o porto largas,
Aonde o ferreo dente preza tinha
A cortadora prôa, que raſgava
De hum novo mar as ondas.

Ao alto pégo tornas nunca arado
Dos fracos lenhos, que no Téjo ſurgem:
Já ferve a brava chuſma, e ſe levanta
A nautica celeuma.

Das douradas antennas penduradas
As vélas já de purpura desfraldão,
Q' aos freſcos ſopros de hum feliz Galerno
Já concavas ſuſſurrão.

A tremula bandeira, que ſeguras,
Qual ſubito relampago fuzila,
E nas azas dos Ventos eſtendida
Moſtra a fatal empreza.

De

De branca eſpuma borbotões rebentão
De hum lado, e outro lado; já boiando
Sobre as verdes eſpadoas de Neptuno
Demandas outros climas.

O Santo Numen, que entalhado leva
Tua dourada mageſtoſa poppa,
Trazer-te nos promette a ſalvamento;
Naufragios não recêes.

Não temas as inhoſpitas arêas
De infames coſtas, de Hyperborios campos;
Pelas Cicladas, Boſphores, e Syrtes
Has de romper conſtante.

Se as Alcioneas aves levantarem
Em ſeu queixoſo pranto triſte agouro;
Não te aſſuſtes da nuvem carregada,
Que os máres eſcurece.

Graſnando negras Gralhas enfiadas
Sobre os tópes, verás buſcar a terra,
E logo o Ceo negar-te a eſcura noite
Da fêa tempeſtade.

Mas não recêes os fuzís vermelhos;
O ruidoſo trovão, que pelas aguas
Em ſucceſſivos brados eſtalando
No fundo do mar sôa.

A destra mão que o leme te menea
Fará, que avante passes, sem que amaines
O largo panno: em váo Noto sibila
Pela miuda insarcia.

Os cabos passarás mais tormentosos,
Sem que as crespas correntes te atropellem;
Ao Pólo chegarás, aonde brilha
A luz da eterna Fama.

Em váo ronceiras, barbaras Galeras,
Forçando os débeis remos, com que açoutão
O mar que lhe resiste, e que as affronta,
Trabalhão por seguir-te.

Desarvoradas voltão, não se atrevem
A commetter o pélago que surcas:
Com damnados prognosticos agourão
Desastrado successo.

Ora contão, que os máres infamastes
Com vergonhoso misero naufragio;
Que as fulminadas vergas rotas jazem
Nas Cerauneas arêas.

Mas tu constante impavido triunfas;
E com louros no Ménalo cortados
Enramaste os riquissimos pavezes:
A forte gente c'rôas.

Se os meus votos eſcuta o Ceo benigno,
Os votos, que por ti no porto faço,
Os olhos alongando pela eſteira,
Que tu nas aguas abres,

Não tornes a ſurgir em manſo porto,
Que Lethes ſeja o ſeu famoſo nome,
Que os peitos amollece mais brioſos,
Que ao ſomno te convida.

Não ſe nutre a virtude do deſcanço;
Arduas emprezas, riſpidos trabalhos,
Em nobre coração de immortal gloria
Accendem claro lume;

O claro lume, que apagar não podem,
Nem deſcarnada mão da triſte Inveja,
Nem a fouce cruel do voraz Tempo;
Não chega a tanto a morte.

Aos Annos da Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora D. Leonor de Almeida.

ODE XIV.

CErcado eſtava Amor de mil Amores
As eſtridentes ſettas empennando;
De verde Mirto, de cheiroſas flores
Os arcos enramando.

Qual o brilhante gelo ſacudia
Das creſpas azas ſem ceſſar batendo,
E qual concerta aljava, e n'agua fria
Curvado ſe eſtá vendo.

Pelos nodoſos troncos dos loureiros
Os dourados farpões muitos provavão,
Outros mais inſoffridos, e ligeiros
Em bandos ſe eſpalhavão.

Então Amor a doce voz alçando,
Que ſó de ouvilla os montes eſtremecem,
Os velozes Frecheiros convocando,
Que promptos lhe obedecem.

C' um doce rizo, c' um celeſte agrado,
Que os ventos ſerenava, lhe dizia:
Hoje do Ceo nos traz o Sol dourado
De Alcipe, o claro dia.

Foi hoje, foi que em ſeu gentil ſemblante
Amanheceo a luz da formoſura;
Nunca táo bella Aurora, e táo brilhante
Rompeo a noite eſcura.

As lindas Graças, os fieis Amores,
As Virtudes gentís dos Ceos baixárão;
E cantando as acções dos ſeus maiores,
O berço lhe embalárão.

Nos olhos vencedores lhe infundirão
O tyranno poder da gentileza;
Humanos corações logo ſentírão
A liberdade preza.

As caſtas Muſas cheias d' alta gloria,
Ás aureas vozes derão tal doçura,
Que os louros não perdêrão da victoria,
Faltando a formoſura.

Creſcem co' a idade os raios ſeus brilhantes,
Que a fervidos ſuſpiros não attendem,
A pezar de deſejos anhelantes,
Q' em ſeu altar ſe accendem.

Mas

Mas tempo inda virá, que os innocentes
Olhos formosos seus a nós volvendo,
Os cruentos virotes reluzentes
Queira espalhar vencendo.

Em quanto a densa nevoa do futuro
Nos rouba a luz de tão feliz instante,
Por mais que as azas mova o Tempo duro,
Intrepido, e arrogante,

Da Illustre Alcipe bella, o claro dia
Pertendo assinalar com faustas glorias,
De nossos arcos o Destino fia
O louro das victorias.

Alague o Mundo fino pranto ardente,
Voem suspiros, voem mil clamores;
Chovão por toda a parte de repente
Agudos passadores.

O cruel Tempo quebre a fouce dura;
E o Sol girando os seus Frizões ufanos,
Nos traga sempre cheios de ventura
O dia de teus annos.

ODE XV.

NAs despidas paredes, que me abrigão
No tormentoso Inverno,
A passagem do Grânico não vejo
Em fina lã tecida.
Nem marmores, nem porfidos luzentes
Nos alizares brilhão:
Não tine do Japão na parca meza
A rara porçolana.
O dourado saleiro não me cega
C' os tremulos reflexos
Da prata. Não se accendem mil bugias
Em tortas serpentinas.
Porém Virgilio, Sophocles, Homero,
O Venozino Horacio,
São as ricas alfaias, que me adornão
A sala magestosa,
Os soberbos escudos, em que pinto
A geração illustre.
Elles fazem que Ansberto generoso
Seu amigo me chame;
Que o Sousa marcial com puro estilo
Gracejando me escreva.
Guarde a terra avarenta nas entranhas
O ouro refulgente.

O

O Mineiro na roça afflicto cave
C' os ſordidos eſcravos:
Por ignotos certões exponha a vida
Do barbaro Tapuia
Á ſetta venenoſa, á veloz garra
Do Tigre moſqueado.
Soffra na Linha podre calmaria,
Relampagos, e raios:
Para n' Aldeia entrar acompanhado
De deſcalços Trombetas,
De purpureas Araras, inquietos
Petulantes Bugios.
Gaſte prodiga a máo, em poucas Luas,
O ganho de dous luſtros;
Para a vermelha Cruz brilhar no peito,
Que os fardos incurvárão.
No tegurio paterno não cabendo,
Palacios edifica
Alaſtrado com pedras o caminho.
Do Guindaſte as roldanas
C' o pezo do venal Eſcudo gemem,
Que o Portico remata.
Eſtupido não ſabe, que apreſſada
A pállida Doença
Atrás delle caminha: que já chega
Involta em parda nevoa,
A Morte inexoravel, derramando
Co' a fria máo anguſtias;
Que o leito de crueis fantaſmas cérca,
E que lhe arranca as chaves

Do guardado thesouro; que o reparte
Pelos rotos herdeiros.
E qual sangrado rio enfraquecido
Torna a gastar-se em sogas!
Com ouro não se compra hum nome digno
Da posthuma memoria.

Ao Padre Antonio Delfim.

ODE XVI.

DElfim, caro Delfim! Com que ligeiro
Lubrico pé, a curta idade nossa
Nos vai atropellando! As horas voão,
Os dias não socegão!

Quaes horrisonos Euros insoffridos
Varrem da longa praia a ruiva arêa,
Que nas humidas azas crespas ondas
Indomitos revolvem.

Assim o Tempo cegador co' a fouce
Daqui, dalli talhando a debil gente,
Lança no vasto golfão do sepulcro
As pállidas espigas.

Em vão fugindo da estrondosa guerra,
Se acaso tu, Delfim, calvo não fosses;
Co' a sonora navalha decotáras
Ondados fios de ouro.

Em

Em vão a Lôba, e Sobrepelliz veſtindo,
Moſtarda do Loreto no alto côro,
Inchadas do peſcoço as cordoveas,
Bradando ſalmeáras.

A Morte, a fria Morte, nunca falta;
Ou cêdo, ou tarde chega: todos devem
Humilhar a cervis: Poltrões covardes,
Colericos Achilles.

Com mão pezada abala, talha, e rompe
Grevas, arnezes, malhas, bacinetes;
Por baixo do fraldão crava o buido
Eſtoque refulgente.

Soberba arraza com fragor horrendo
As fundas cavas, os merlões erguidos,
Aſſolando Cidades, e Provincias,
A toda a parte vôa.

Curvados anciães, môços esbeltos
Córta co' meſmo gume: honras, theſouros
Não lhe péga no braço; os altos teĉtos
Pobres cabanas piza.

De balde Gabilhon co' deſtro pente
Mette em batalha juvenís cabellos;
De balde enrola o eſcaldado ferro
Os martyres topetes.

O

O frio branco gelo, que não tarda,
Subito põe a marca da Cidade;
E poucas alvas cans, o gesto mudão
Dos infeitados cepos.

As brandas Lylias, as gentís Filenas,
Todas fogem de vello; todas fogem
Dos olhos sem pestana, regalados,
Das crespas sobrancelhas.

Os teimosos achaques, tristes dores,
Catastas são dos entrevados membros;
Froxos desejos morrem de garrote
Ás mãos da Hypocondria.

Não he preciso que venal Profeta
Aponte com o dedo para a cinza:
Para velhos não ha melhor caveira,
Que o vidro de hum espelho.

Só tu, Delfim, cansados annos contas,
Sem sinaes de velhice; inda não ouves
O tremendo pregão da Eternidade,
A trombeta da Morte.

Sobre o telhado teu não pouzão estes
Passaros agoureiros, que bradando
Com espantosos guinchos, annuncião
A derradeira Aurora.

Nun-

Nunca velho ſerás: livre de brancas
  A deſerta cabeça callejada,
  Não ſe deixa trilhar das leves rodas
    Da carreta dos Annos.

Sem olhar para a méta da carreira,
  D' Archimedes no ponto ſe eſtá rindo,
  Britanno Capitão, que ſubmergido
    Em laudanos do Douro.

Amarrando o timão, entrega a quilha
  Aos rijos ventos, aos cavados máres;
  Não ouve as roucas vagas, que mugindo
    Os Pólos eſtremecem.

Venha ſe quer a pállida Doença
  A fria Morte pela mão trazendo:
  Não te eſpantes de fouce, nem relogio,
    Nem de azas de morcego.

Apreſenta-lhe a calva, que te moſtre
  Onde as brancas eſtão? Carão luſtroſo,
  Olhos azues, roſadas faces, alvos
    Os cryſtallinos dentes.

São conſtantes ſinaes da freſca idade,
  São de forças virís a taboleta;
  E próvido Colono, a ſabia Morte
    Não colhe fruto verde.

Triſ-

Triſte de mim, que pêco, e já maduro,
Nos grizalhos monêtes do topete,
Nas carcomidas perolas da boca,
Nas obſtinadas rugas.

Já vejo revoar os triſtes Mochos,
Que são da fatal hora Miqueletes
Cruel triſteza! Mais crueis memorias!
Perdidas eſperanças!

Os filhos, a Mulher, tudo cá deixo,
Só levo na garganta atraveſſado
O Venozino Horacio, a calva tua,
A Rainha das calvas.

A' morte de José Gonſalves de Moraes, Socio da Arcadia.

ODE XVII.

SE em ricas urnas de ouro refulgente,
Arcades ſaudoſos,
As frias cinzas de Leucacio Fido
Com as lagrimas noſſas
Não podemos guardar: em noſſos verſos,
Do Menalo nos troncos
Seu nome eſcreveremos, ſeu bom nome
Das Graças ſuſpirado.
E das quebradas aguas deſte monte
Chorado, e repetido
Eſtremecem os Pinhos ſacudidos
Dos ventos, que ſibillão:
O gado eſpantadiço ſe derrama
Pelos creſtados campos:
Ao longe eſtão latindo roucamente
Quebrantados rafeiros;
E em tão triſte alarido nos parece,
Que das cortadas rochas
O éco nos reſponde: Fido, Fido!
Nas ſolitarias praias

Bra-

Bradando o negro mar, Fido reſponde;
Por Fido nós chamamos.
Aonde eſtáo, Arcadia, os teus ſerenos
Affortunados dias?
Quando vermelho o Sol atrás da ſerra
O roſto de mil raios
Formoſo levantando, por teus valles
Dourava alegremente,
As ſonoroſas folhas inquietas
Das faias levantadas?
Alli, tocando a fiſtula divina,
Que os Ventos eſcutaváo,
De gado, e de Paſtores rodeado,
Senhor nos parecia
De noſſos coraçóes, de noſſos olhos,
Do Menalo, da Arcadia?
Mas que fado cruel, tanta ventura
Das noſſas máos arranca?
Que noite pavoroſa eſtá cubrindo
Os ares deſte campo?
Que frio gelo prende as claras fontes,
E córta a freſca relva?
Foges, foges de nós, Paſtor amado?
Noſſas pobres cabanas,
Noſſas frautas, e noſſos doces verſos,
Acaſo te aborrecem?
Trocas do manſo Téjo, que te eſcuta
As margens deleitoſas,
Por aſperos certóes, por longos máres,
Por férvidas arêas,
Com que malignos climas te convidáo,

E

E invejoſos te chamão?
Ah triſte Arcadia, triſte, e deſgraçada!
Que deteſtaveis erros
Contra o Ceo commettêrão os teus Paſtores?
Que lugubre deſtino
A tão duro caſtigo te condemna?
Sacrilegos erguemos
Com ímpia mão as campas reſpeitadas
Dos defuntos maiores,
Para ás feras lançar os brancos oſſos,
Q'em ſanta paz deſcanção?
As victimas divinas arrancamos
Dos ſagrados altares?
Ou que raio cahio ſobre eſtes campos,
Que mais a ver não tornão
O ſuave Paſtor, o claro Fido,
Que vírão tantas vezes?
Maldito ſeja aquelle, que primeiro
Fiou de curvos lenhos
Ávidas eſperanças, ſede infauſta
De enganoſas riquezas!
De marmore Marpezio, rijo bronze
Tinha o peito forjado,
Quem ruidoſas vélas desfraldando,
Fugio do manſo porto,
Sem de Africo temer a rouca furia,
Quando açoutando as ondas
C'os negros Aquilões forte contende!
As crueis tempeſtades,
Hyades triſtes, cabos tormentoſos,
E o pégo embravecido,

Ou intrepido, ou louco não temia!
Os mortaes atrevidos
Nada julgão difficil! Entregamos
Nós mesmos os pescoços
Á sanguinosa fouce, á mão pezada
Da Morte inexoravel!
Em soberbas columnas levantamos
Magnificos Palacios:
Nem que a riqueza, a honra, ou a vangloria,
Com refulgente escudo
De rigido diamante, nos pudessem
Cobrir a fatal hora!
Escondem frias loizas igualmente
Os Sceptros, e os Cajados!
Tudo deve acabar. Oh claro Fido!
Em eterno socego
Tua cinza descance; a terra estranha
Pezada te não seja:
Se lá no monte eterno a que voaste
Se escutão nossos versos,
Em nossos versos ouvirás teu nome,
Teu nome cantaremos,
Para honrarmos os versos, que cantamos,
Para honrarmos a Arcadia.

ODE

ODE XVIII.

CErcado de Pedreiros, de vorazes
Carpinteiros ladrões, ou cervaes lobos,
Que a bolça me ataſſalhão, que esfaimados
A feria me apreſentão:

Quaes boidos punhaes, negros trabucos,
Daqui, dalli recreſcem garatujas!
Aſſeſtados canhões, que poderião
Bater os Dardanellos!

Severo Rhadamanto, o çujo Meſtre
A poſtiça gadelha affaga, e puxa:
E os encovados olhos revirando
Alça o rol da madeira.

De balde o roſto viro; e do medonho
Eſpectro ſanguinoſo fugir tento;
Que Scylla mais cruel, o rol d'arêa
O beque me deſcoze.

Si-

Sibilante petardo d' outra parte,
Co' tejolo me quebrão os ouvidos!
Jornaes, carretos, cal, são mil pelouros,
Que ſilvão pelos ares.

Com a perna ferida, co' as fileiras
Da vanguarda já rotas, e medroſas
Nas andas inda moſtra o grande Carlos,
Indomita conſtancia!

Á viſta de ſoberbos Caſtelhanos,
Com poucas Tropas, com biſonha gente,
Suſtenta Lippe a ruiva, e freſca margem
Do Téjo caudaloſo!

Mas eſtes meſmos, ó Maclean amigo,
Se ante ſeus olhos viſſem as carrancas
Dos leões carniceiros, que me cércão,
Voando fugirião.

Tu meſmo co' a Britanna artilheria,
Deixando botafogos, e eſpoletas,
E os dourados Rabões eſporeando,
O poſto lhe largáras.

Póde mais hum crédor que hum Elefante,
Não ha tromba mais dura, que huma feria;
E ſe queres vencer os Alexandres,
Eugenios, e Turennas,

Não busques grevas, murriões, pavezes,
  Põe-lhe diante o Mercador co' resto,
  O Alfaiate, o Barbeiro, ou hum Alcaide,
    Verás como desmaião.

E se ainda vãos projectos commetterem,
  De cruentas victorias nunca fartos,
  Dá-lhe o desenho de huma nova escada,
    E dize-lhe, que a fação.

Eis-aqui como fico sem lograr-me
  Da boa companhia, que te cérca:
  Tu, que escadas não fazes, passa alegre
    A noite desabrida.

Em brilhantes crystaes a rôxa espuma
  Do suave licor do Rheno, ou Douro
  Te apresente sorrindo o fullo Same,
    E tu vermelho bebe:

Bebe á saude da formosa Filis,
  Do magnanimo Conde, a quem Neptuno
  Namorado do seu valor, lhe entrega
    O Sceptro crystallino.

Os dous Weinholtz, que Marte tanto préza,
  Da cava Porçolana que retine,
  Co' a boiante colher tirem ò doce
    Almo fervido Ponche.

E

E ſe do pobre Coridon vos póde
Merecer compaixão a triſte Hiſtoria,
Fazei-lhe huma ſaude, que lhe ſirva
Áo menos de Epitafio.

Ao Senhor Gaſpar Pinheiro da Camera Manoel.

ODE XIX.

QUantos, caro Pinheiro, noite, e dia
Curvados ſobre os Livros
A triſte vida gaſtão na eſperança
De huma vermelha Borla,
Da Vara, e da Golilha? Honra que chega,
Já quando as cans alvejão
Na myrrada cabeça. Quantos morrem
Por freneticas Palmas
De cruentas victorias? Deſcorado
No raſo campo treme
Com frio ſuſto á viſta do inimigo
O miſero Soldado:
Co' a muſica miſtura dos batidos
Horriſonos Tambores
Os ultimos ſuſpiros. Pelos ares
Pelouros aſſovião:
Co' tropel dos cavallos freme a terra:
Do pó, e creſpo fumo
As enroladas nuvens eſcurece
O reſplendor do dia:
Iſto aos Carlos agrada, aos Fredericos,
Eugenios, e Turennas!

Em

Em fragil lenho entregue a longos máres,
O Mercador avaro
Luta co' a morte: ráſgão negros Auſtros
As prenhes nuvens: brilha
Entre a rouca ſaraiva, o retorcido
Crepitante coriſco:
Eſtala a fraca verga, a rota véla
Ondeando ſuſurra:
E a fome de ouro, tudo faz mais dôce,
Que a livida pobreza!
Outro, com o martello, os cadeados
Deſpedaça do cofre,
Que do incanſavel Pai o curvo arado
Tirou da dura terra:
Vai perdello n' hum dia, porque goſta
De brincar com tres dados!
Aquelle ſó ſe alegra, e ſe diverte
Co' as Belgicas pinturas:
Sonha com Rafael, e Ticiano,
Em quanto o aſtuto Adelo
Na fragil taboa, com o dedo moſtra
A teſta de Meduſa.
Eſte, n' alcantilada ſerra corre
O Javalí cerdoſo;
Os ſabujos Britannicos latindo
No fundo valle aſſuſtão
A quieta Paſtora, que atordida
Larga da mão o fuſo.
Outro na rica meza rodeado
De vorazes amigos,

Em

Em brilhantes cryſtaes, de Douro, e Rheno
O rôxo çumo bebe;
Té que dos altos cumes dos oiteiros
Caia a noturna ſombra.
Eu porém nada quero, nada eſtimo
Mais que a dourada Lyra:
Se os Paſtores do Menalo ſagrado,
Se os loureiros d'Arcadia
Os meus verſos eſcutão, os meus verſos
Me ſeparão do Vulgo:
Na teſta cingirei livre de inveja
D'era frondente crôa;
E com Lesbico Plectro, ou Venuſino,
Ferindo as aureas cordas,
Arcadia cantarei: o patrio Téjo
Attenda ao novo canto
Com a verde cabeça goteando
Na Urna recoſtado,
Se aqui chegar, que Rhadamanto póde
Negar-me o Nome Eterno?

Ao Senhor Gaſpar Pinheiro da Camera Manoel.

ODE XX.

Que facil he com lapis, e compaſſo
Deſenhar no papel huma Cidade
De cavas, e merlões circumvallada,
Soberba, inacceſſivel:

Executar porém a grande Planta
He trabalho de hum Rei, caro Pinheiro,
D'Ulyſſes, de Lyeo, do pio Eneas,
Dido, Romulo, e Remo.

Quando tu no alto pégo ouves zunindo
Pela miuda enxarcia, Africo, ou Noto,
Que ferras todo o panno, que manobras
Impavido, e prudente:

Se de longa experiencia aconſelhado
Não mandaſſes conſtante, que valêra
Ter no tanque de Cintra expoſto ao vento
Fragatas de cortiça?

To-

Todos, todos clamamos, que ſe obſerve
O que dita a Razão, e a Natureza,
E as ſantas Decisões, que nos promulga
A Catholica Roma.

Ninguem ſe julga barbaro; mas vemos
Lançar fumo o punhal, em ſangue tinto
Na mão do matador; vemos roubados
Os ſagrados Altares!

Com damnada malicia, huns aos outros
Enganar pertendemos: falſo géſto
He o trunfo do jogo; da amizade
Hypocrito verdugo!

Na magnifica meza em cryſtaes ricos
Trasborda a loura eſpuma do ſuave
Vinho de Chypre: alegres convidados
Ao grande amigo brindão:

Levantão as reciprocas ſaudes,
Terniſſimos colloquios; mas depreſſa
Eſta Scena ſe muda, e da Diſcordia
Rola o dourado Pomo.

Pelo arbitrio de Páris não ſe eſpera
Nua a eſpada brilha, e fere: corre
O ſangue quente, e os cópos em pedaços
Eſpalhados retinem.

Que

Que mais faria o perfido Argelino,
Se c' o estreito Chaveco abalroára!
Talvez que nelle achasse mais clemencia
A pobre humanidade.

Se na Hircania, ou no Caucaso nascidos
Os homens fossem, não sería estranha
A traição, o rancor, a triste inveja,
A rispida soberba.

E fôra, pois já vio a antiga Roma
No tyranno espectaculo de Circo,
Esfaimado Leão, lamber as plantas
Do amigo descorado.

Oh Amizade, oh dadiva Celeste!
Enfadada de nós, de nós te ausentas!
Abriste as brancas azas, que sonoras
Nos ares te sustentão:

Já sobes, já te elevas, já te escondes,
Ora sereno o vôo, ora apressado,
Nos immensos espaços, onde girão
Outros Soes, outros Mundos.

A Luz do dia foge: fica a terra
A seu antigo cahos reduzida:
Mas, dentre as grossas trévas apalpando,
Eis se ergue o Fingimento.

Os

Os candidos veſtidos da Amizade,
Co'as negras mãos levanta aos tórpes membros;
Nas fantaſticas roupas disfarçado
Engana a cega gente.

Com eſtreitos abraços ſe recebem
Os fingidos amigos: filho chama
O tyranno Tutor ao desfalcado,
E miſero Pupillo.

E neſta tenra idade, fracas almas,
Almas em feios vicios atoladas,
Como podem guardar as leis auſtéras
Da pávida Amizade?

He facil ter de amigo o ſanto nome,
E ſuſtentallo com civíl aſpecto;
Mas que ao chapéo o coração governe,
He Ethiope branco!

A lingua, que te ſalva, quando raia
No vermelho Horizonte o Sol dourado,
Antes que a ſombra caia dos outeiros,
Te inſulta, ou te crimina.

Deſaſtrados rafeiros, que ſó mórdem
Os pobres remendados; porém vendo
Os olhos fuzilar do roaz Lobo,
A cauda deſenrolão.

Não

Não se encontrão Eurialos, e Nizos,
Cástor, e Polux, Pylades, Orestes;
Nem para renascer a extincta raça
Esperes nova Pyrrha.

Mais facil he que Cadmo resemeie
Os dentes do Dragão, e que rebentem
Da terra depravada, enfurecidos
Armigeros Guerreiros.

ODE XXI.

COm que fervidos rógos imaginas,
Caro illuſtre Maclean, q'ao Ceo clemente
Canſa hum Poeta? Crê-me; não lhe pede
Magnificos Palacios.

De pouco ſe contenta; não cobiça
Do fulvo Téjo arar as ferteis margens,
Onde ſonora freme a loura eſpiga
Dos Euros açoutada.

Os rufos Touros, as malhadas Vaccas
Dos campos Tranſtaganos não deſeja,
Nem Indico marfim, ouro brilhante,
Nem pérolas do Ganges.

Afouto beba o Mercador em taças
De eſmeralda, e ſafira o licor almo
De Chypre, e de Falerno; já que os máres
Parece que governa.

Impune tres, e quatro vezes rompa
Cad' anno o Golfão: desfraldando as vélas
Impavido commetta infames coſtas,
Inhoſpitas arêas.

Não

Não lhe invejo a fortuna, pois me basta
Passar a curta vida retirado
Na Fonte-santa ao som da clara vêa,
Urdindo novos versos.

Divina Providencia, tu bem sabes
Quão pouco te molestão meus desejos:
Não quero mais que ver na frugal meza,
De filhos rodeada;

Hum limpo cópo, com que nesta grande
Noite, só para mim prospero dia,
Possa alegre brindar aos faustos annos
Do heroico São Vicente.

Com mais pouco se mata a crua fome,
Para fazer seu grande Nome eterno,
Ou pobre, ou rico vivo; tenho a Lyra
Do cantor de Venosa.

Em quanto, ó Conde, as bellicas virtudes,
Que herdaste de teus inclytos Maiores,
No regaço da Paz jazem tranquillas,
Preparo os Epinicios.

Tempo depois virá, que desferindo
Em aurea Poppa as Lusitanas Quinas,
Arrazadas as aguas de Turbantes,
Te croem mil victorias.

De

De negro ſangue as armas rociadas,
Arraſtados traráõ ao Luſo Throno
Os Mouros Capitáes; nas duras coſtas
As rôxas máos atadas.

Se as Eſtrellas então me conſentirem
Tuas acções cantar; da fria Morte
Verei luzir a fouce, ſatisfeito
Da gloria, e da fortuna.

Aos Annos do Senhor José Carlos Mardel.

ODE XXII.

APenas hoje a ſomnolenta Aurora,
Entre as roſadas nuvens, que abafavão,
Da alcantilada ſerra os altos cumes,
Moſtrava a manhá freſca:

Huma inquieta tropa de vendados,
Lindiſſimos Amores, ſe alojava
Do fulvo Téjo na arenoſa praia,
Que adorna a grão Cidade.

Arnezes, malhas, grevas, e loricas
Veſte a ſoberba juvenil Phalange
Dos aureos elmos, com as torcidas plumas
Zefira empenna as azas.

Ao rouco ſom de horriſonos tambores,
Que n'uma, e n'outra margem retinia,
A brava gente ferve, qual puxava
A rapida columna.

Qual

Qual marcando reductos, e trincheiras,
Na ruiva arêa crava as aureas settas:
E qual levanta co' alvião pezado
Merlões, e plataformas.

Os tirantes de purpura atezando,
Outros arrastão sagres, falconetes,
Que em altas baterias assestados
Affrontão todo o Mundo.

Então Amor alçando a mão tyranna,
Onde a farpada ponta fuzilava,
Manda jogar os fervidos morteiros,
E rompe nestas vozes:

Esta alegre rezenha, companheiros,
A tão prospero dia he consagrada:
Hoje, a Mardel gentil, as duras Parcas
Fião dourados annos.

As rôxas balas, que nos ares silvão,
Das bombas as sonoras espoletas,
As ruidosas granadas fulminantes,
Tudo seus annos louvão.

O bellico ruido aos mesmos Astros
Ensina a repetir seu claro nome:
Os mesmos Astros, quaes seus olhos brilhão,
Scintillárão com elle.

Dis-

Diſſe: e da terra ſubito levanta
Dos horridos canhões o negro fumo,
Qual Encélado montes ſobre montes,
Ou nuvens ſobre nuvens.

Mas eis que o cego Nume a Scena corre;
Não vi na liza arêa mais que o fumo
De miſeras entranhas palpitantes,
De corações feridos.

Que abrazados queixumes, que ſoluços,
Oh que doces ſuſpiros, que ſoavão!
De maneatadas Ninfas, que rendidas
Jazem no duro campo.

As linhas, os ramaes, as colubrinas
Outra couſa não são mais que ſeus olhos,
Que ſeus olhos azues, alvo ſemblante,
Que ſeus louros cabellos.

Fugi, Ninfas, fugi daquelles olhos,
Nelles afia Amor ſeus paſſadores:
Fugi, Ninfas, fugi, que ſeus cabellos
São as Vulcaneas redes.

ODE XXIII.

POis ſabes, que nas margens do Mondego,
Amor, que he grão Poeta,
A cantar brandos verſos me enſinava,
Quando prezo me tinha,
E victima choroſa, as aras cruas
Banhei c' o ſangue quente
Do roto coração, das rotas veias,
Que abrião ſeus virotes:
Não eſtranhes, Senhora, que os furores
Do genio Sibyllino
Me forcem a louvar o claro Dia
De teus ditoſos Annos:
Ao ſanto Templo da immortal Memoria,
Sobre as azas da Fama
O deſejo levar; quero que chegue
Aos ſeculos futuros,
Cercado de relampagos, e raios,
Com que os Vates fulminão
Da Inveja triſte as aſſanhadas ſerpes,
Que em torno lhe ſibilão
Do livido ſemblante deſcorado,
Dos olhos furibundos.
As eſtofadas Ondas ſomnolentas
Do Lethes vagaroſo

Veráo paſſar mil vezes táo bom Dia
De eſtrellas coroado.
Viráo, como hoje vem, a teus altares
Render devoto culto
Os miſeros amantes deſmaiados,
Em ſuas máos trazendo
Inda quentes entranhas palpitantes,
E coraçóes fumando.
Outros Tyrſes, e Elpinos namorados,
Outros Licidas Cintios,
Proſtrados ergueráó queixoſos Hymnos,
Raſgando os manſos ares
Com férvidos ſuſpiros, com ſeu pranto,
Que tu, Cruel, deſprezas!
Só náo ſei ſe haverá outra Silvandra,
E que Veſtal do Tempo,
No ſonoro rebolo, o fatal gume
Afie da bipenne,
Com que desfeixa os golpes, nos ſolemnes,
Cruentos ſacrificios;
Quando a gelada Victima eſtremece,
E cerra os triſtes olhos.
Hoje porém, que táo alegre Dia
Com farta máo derrama
As delicias, prazeres, e fortunas
Em toda a Fonte-ſanta;
E nas eſpaduas do ligeiro Noto
As Graças, e os Amores
Com ſonoro ſuſurro andáo voando
Á roda deſta caſa;

Deixa, gentil Senhora, que se mude
A Cithara soberba
Em Avena campestre, e que te offreça
Humilde rendimento
De singela vontade, e sáos desejos;
Huma pobre gallinha,
Hum alvo ganso, que muito ha que adeja
Para voar táo alto:
Ainda elle espera hum dia transformar-se
Em constellaçáo nova;
E co' as pennas das azas rutilantes,
No azul ethereo Assento
Escreverá de Arminda o doce Nome;
Para ser entre os Astros
De desejos, amores, e suspiros,
O Norte luminoso.

ODE XXIV.

Em quanto o pobre Tyrſe deſcançado
Da Preguiça nos braços ſomnolentos,
Co'a boca meia aberta a ſomno ſolto,
Ou ronca, ou ſe eſpreguiça:

Em quanto a torpe, e vaga fantazia
Luctando com cançados pezadellos
Em verdes bancas pinta as louras marcas,
Lhe moſtra o as de copas:

Em quanto atado ao duro, e longo remo
Da galé, com que ſurca fundos pégos,
Os calejados hombros dobra ao duro
Arrebém de comitre:

Em quanto crê, que a Fonte-ſanta alegre,
Com ſonoro ruido ſolta as aguas,
Só quando vê em ſeus quebrados olhos
Amor tremer com frio:

Em

Em tanto o bravo Elpino, qual o fulvo
Famelico Leão da gran Nonacria,
Ataçalhando os pavidos rebanhos,
Traga famintos membros.

Aſſim vem, aſſim vê, aſſim ſubjuga
Rebeldes corações, que reduzidos
A poucas cinzas, qual o debil fumo
Em creſpas nuvens voão.

De baixo já da planta vencedora,
Em frio ſangue çujos palpitando
Abjurão de Mafoma, ou molle Tyrſe,
A immunda torpe Seita.

Mas o pio Alexandre condoido
Da orfandade das miſeras cativas,
Nas ricas almofadas, barba, a barba,
Affavel as recebe.

Oh que doces, que lagrimas contentes
Inundão negros olhos! Que ſuaves,
Que fervidos ſuſpiros retinindo
Não voão pelo tecto!

Ah pobre Tyrſe! acode, que te pizão;
Que teus campos já roubão, talão, queimão
Armados eſquadrões d'outros Amores,
Amores invenciveis.

Tra-

Traducção de huns versos Inglezes, feitos a hum seu grande Pintor.

ODE XXV.

O Dourar a manhã, do Sol que nasce;
Derramar os reflexos;
Pintar á sombra do cerrado bosque,
A rapida corrente;
As ceruleas montanhas affastadas
Mandar, que se levantem,
C' o vermelho horizonte confundidas;
Pela verde campina
O rebanho espalhar que anda pascendo;
Dos rachados penedos
Fazer que desção caudalosos rios;
Que a creação formosa
Brote de baixo desta mão potente;
He a grande tarefa,
Que só se atreve a descrever Sertorio.
Mas quando sazonados
Apparecem os frutos de Pomona
A producção amavel
Do fertil anno; então a Natureza
Porque se vê vencida,

Se

Se moſtra envergonhada: ó pincel raro,
Do que o Sol mais fecundo
C' o doce toque os pomos faz maduros:
Do Paraiſo póde
A memoria acordar; dar-nos ſeus frutos
Sem ſegundo delicto.

DITHYRAMBO I.

OS brilhantes trançados enaſtrando
Com verde mirto, com cheiroſas flores,
Nos lindos olhos vivo rutilando
O doce lume
Do cego Nume,
Alvas donzellas,
A quem vos ama,
Da creſpa rama,
Que Baſſareu
Ao Mundo deo.

Co' as brancas máos no cópo cryſtallino
Lançai ligeiras
Louro Falerno, rubido Sabino;
Eia, voai
Deitai, deitai;

Gró

Gró gró, tá tá,
Que cheio eſtá:
Ora brindemos
As gentís Graças, caſtos Amores:
No mar lancemos
Rixas, triſtezas, mágoas, temores.

Mas de córadas nuvens, affumados
Vejo em torno girar os negros montes:
Candida eſpuma
De purpureas fontes
Ferve, e ſe enleia
Na creſpa veia,
Com que o ribeiro
Corre ligeiro.

Por entre as aveleiras buliçoſas,
Das balſas eſpinhoſas,
Mil capripedos Satiros auritos,
E mil Faunos brincões,
Já vem ſaltando,
A terra c' o ruidoſo pé trilhando.
Sincinnas corèas,
Biſtonidas feas
Fórmão bradando
Evoé, Saboé
Amores inſpira:
Ó doce Leneo,
Amores bebamos,
Do peito lancemos

Os

Os ſuſtos temores,
Nos cópos já temos
As Graças, Amores.

Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Baſſareu.

As férulas protervas coriſcando,
Entre as cervinas pélles maculoſas
Derramão brilhantes
Tremulas eſtrellas,
Sobre as ſoltas bellas
Fulguricrinantes
Tranças pampinoſas
Das thyrſigeras Thyadas raivoſas.
Corycio eſcutando
O frigio clamor,
Eſtá ululando
Com triſte fragor.

Sobre o prado ameno
Tremilhicando o pávido Sileno,
Do Ebrifeſtivo cópo que traſborda
Pela micante borda
Deixa entornar, com rubicundo roſto,
O cheiroſo rubi, o quente moſto:
Encreſpou o nariz, e ſacudindo
Os humidos bigodes, ficou rindo.

Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Baſſareu.

Com Tyrſo potente,
Em carro luzente
De Tigres puxado,
Dourando eſte dia,
Deſterra o cuidado,
E traze alegria.

Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Baſſareu.

Os cópos brilhantes
O bom Nictileo
Em brindes retinem,
E Amor adejando
Co' as azas rorantes,
Se eſtá mergulhando
Em ondas brilhantes.

Evoé.
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Baſſareu.

Ao

Ao Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva, Socio da Arcadia.

DITHYRAMBO II.

BAcco, Elpino, cantemos; dá-me o Bromio;
Oh que bem que elle sôa! Eu toco; canta
Bacco, Bacco, evoé:
Mas que fazes? Não ouves? Olha, escuta
O estrepito sonoro
Da confusa Thymele.
Não saltas? Não te alegras? Olha, escuta
Bacco, Bacco, evoé.

Os olhos tens chorosos; somnolento,
Estupido o semblante; rubicundas,
E quentes as orelhas;
O nariz frio; os braços pendurados:
Cambaleias? Tu cahes? Elpino, cahes?
Ah! Já sei; os symptomas bem conheço:
Opprime-te a ambrozia:
Nada-te o coração no licor forte,
Que corre em catadupas pelas veias.

Doce Padre Lyeo, acode, acode,
Acode ao teu Elpino:
Bacco, Bacco, evoé.

Vem,

Vem, vem, ó Dithyrambo, ſe as alegres,
Crepitantes Lenêas te não prendem,
Se affogado do fumo dos legumes,
Os olhos esfregando as ventas torces;
Vem, vem, q'eu te prometto
(Por eſta taça o juro)
Devoto celebrar as antheſterias:
Vem, vem Bacco, evoé.

Mas que ouço! Eſcuta, Elpino:
Ouço ao longe ranger os parafuſos
Dos cheiroſos lagares!
Deſcendo pelas roſcas grita avara;
Bom ſinal, evoé.

Vejo, por entre chuvas de bagaço,
Hum vulto pelos ares vir batendo
Compridas azas; mas não tem cabeça,
Não tem pés, não tem mãos:
Ah! já na terra pouza:
Vamos Elpino ver; hum Odre, hum Odre!
Es tu Bacco, evoé.

Elpino, toma, bebe
O valente elixir, que nos reſtaura
Das paſſadas fadigas,
Que aquenta os frios membros,
Que faz vermelho o velho deſcorado,
Que alegra a mocidade,
Que o ſomno concilia:
Elpino, toma, bebe,
Bacco, Bacco, evoé.

SA-

SATYRA I.

Coridon, Coridon, que negro fado,
Que frenezi te obriga a ſer Poeta?
Que eſperas de teus verſos? Ainda eſperas
Pelos antigos ſeculos dourados,
Quando achavão Mecenas bons Engenhos?
Não ſabes que das Muſas Portuguezas
Foi ſempre hum Hoſpital o Capitolio?
Viſte já, que ſeis Urſos arraſtaſſem
Em douradas Berlindas hum Poeta?
Não eſcreve Luziadas quem janta
Em toalhas de Flandres; quem eſtuda
Em Camarins forrados de Damaſco:
Quanto mais que eſſes verſos q' aſſoalhas
São trovas, de que os doudos eſcarnecem,
Sem que lhes valha o titulo eſtrondoſo
Com que talvez pertendes baptizallos:

Odes

Odes lhes chamas tu; elles murmurão
Não sei de que palavras: outro dia
Me disse Fabio o douto, o longo Fabio,
Que destes bolos o chavão não tinhas;
Que no *Alcaide* fallaste, e nos *Bugios*,
Nos *descalços Trombetas*, termos chulos,
E vedados a melicos cantores.
Pois hum Matuzio, o fallador Matuzio,
Que inda mais livros lêo de quantos teve
Ptolomeo, e conserva o Vaticano,
Nesta mesma bigorna lá de longe
Co' a pezada cabeça te martella:
Que furia te tentou com tal *Alcaide*?
Antes Tribuno, ou já Lictor dissesses,
E se sabes Francez *Sergent*, sería
Enfeitar o teu cepo mais á moda:
Mas tu não fallas? Callas-te; que dizes?
Que hei de dizer, Calfurnio! Que já cedo
Como Horacio aos prestigios de Canidia,
Que as mãos te deo a ti, e aos bons Letrados
Licurgos, e Ulpianos de palavras,
Com que me allegas, com que me intimidas.
Que alegre borrarei o nome de Ode
Dos versos meus, que por desastre virão:
Feliz eu, se consigo com dous rasgos
Da penna, que maneio tão ligeiro,
Escapar aos Malsins que me pesquizão.
E não fora melhor que te deixasses
De huma Arte desgraçada, que os prudentes
Já calvos Salamões, Padres Conscriptos
Aborrecem, desprezão, e condemnão?

TAl-

Almotacel que queiras ſer de hum Bairro,
Excluido ſerás ſendo Poeta.
Antes de ti ſe diga, que perdeſte
O dote da mulher, o páo dos filhos,
Porque Gelonio teve quatro d'honras.
Antes de ti ſe diga, que roubaſte
Ao pobre caminhante dez cruzados;
Que violaſte as Veſtaes; que em váo juraſte;
Que es Bruxo, Delator, q'es hum falſario:
Tudo o tempo conſome, tudo eſquece,
Tudo dourão riquezas; mas Poeta!
He furia ſem remedio, he cáo damnado;
Todos o apupáo, todos o apedrejáo.
Tu andas pelas ruas mui contente
Com teus grandes canhóes impertigado,
Inda que baxo, e fuſco, vais cuidando
Que reparáo em ti, que todos dizem,
Com o dedo moſtrando a má figura:
Eís o grande Poeta, que nos trouxe
A galante invençáo de verſos ſoltos,
O contagio das Odes, que atrevido
Quer extirpar a ſeita dos Sonetos.
Mas quanto Coridon, quanto te enganas!
He certo que te apontáo; mas bradando:
,, Lá vai o novo Horacio author da Ode,,
Varra o crédor ſoberbo a pobre caſa
C'o deſabrido Alcaide circumſpecto
Embicando no *varra*, e mais no *Alcaide*
Póe as máos na cabeça. Clamáo que Odes
Nunca viráo com termos táo raſteiros;
Penſamentos, que foráo condemnados

Nos rusticos escolios de Lucilio.
Basta, Calfurnio meu, ante os Juizes,
Que táo boa sentença proferírão,
Quizera retractar-me, e te prometto
De abjurar o estilo que seguia.
Buscarei novas frases, novos termos,
A lingua fallarei de Palainhos:
Ás minhas trovas, meus humildes versos,
Eu te juro, que nunca mais lhes falte
O sonoro záo záo dos consoantes,
Magestosas idéas Sybillinas,
E outros taes atavíos, com que arreáo
Suas composições esses bons mestres.
Mas tu que tens a dita de pizares
O Portico sagrado de outra Athenas,
Que es Estudante, e foste preservado
Da culpa original da pobre Arcadia,
Descendente do Adáo do grande monte,
Que larga as cans de prata no Mondego;
Por Anciáo famoso, e conhecido,
Vai, e por mim o Oraculo consulta,
Pergunta se tambem o Venuzino
Clara Estrella polar, o velho Horacio
Errou na opiniáo desses Cujacios,
Quando chamou sem pejo dentro em Roma
Ante a face de Augusto, em suas Odes
Garridos Espadões, a mil Eunûchos.
Ao bom Afio chamou vil usurario;
A Mevio fedorento; Mastim a outro,
Bruxa a Canidia; se varou em terra
Seu baixel alteroso; quando disse

De

De hum mão liberto, prodigo, e soberbo,
Que fora do Verdugo c'o azurrague
Nas costas fustigado até incharem
Ao gritador Porteiro as cordoveias
Do vermelho pescoço que suava.
Não te fallo na velha deshonesta,
Que os falsos arrebiques lhe cahião
Pelo verde semblante descórado,
Como o vermelho barro no alto monte,
Em laivos se derrama, quando a chuva
Principia a correr em enchorrada.
Repara, Coridon, que nessas Odes
As palavras que allegas são Latinas;
Logo póde em Latim dizer-se *Preco*,
Porteiro em Portuguez he condemnado.
Ora, Calfurnio, vai-te; em paz me deixa,
Que nem me lembro já de taes Doutores:
Qual o grande rafeiro, que seguindo
O dono vai, sem reparar nos fracos,
Insolentes cachorros da Cidade,
Que ora lhe ládrão, ora lhos assulão,
Mal lhe volta o focinho arreganhado,
E o lizo agudo dente que branqueja,
Qual a fouce da Morte os intimida.
Justo porém será que tu lhes digas,
Que varra cada qual sua testada,
Que asśás borbulhas tem para coçar-se.
Que seus versos não leio, que não leião
Elles os versos meus, Odes, ou trovas;
Não lhe quebro os ouvidos, não os canso
C'a importuna lição dos meus Poemas:

N'Arcadia os leio; alguns de ſeus Paſtores,
A quem verde era cinge, e adorna a fronte,
Pejo não tem de lellos, e approvallos.
Que ſe guardem de mim, porque ſe peço
Ao Campião de Apulia a longa eſpada,
Com que fendia as coſtas dos Romanos,
Nem a maldita fama bolorenta
De ſeus célebres Nomes eſquecidos,
Illéſa deixarei, ſerão cantados,
E fabula do Povo em toda a idade.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde de S. Lourenço.

SATYRA II.

NÃo posso, amavel Conde, sujeitar-me
A que ás cégas se imitem os Antigos;
Quero dizer, aquelles Portuguezes,
A que hoje chamamos Quinhentistas:
O bom *Sá*, bom Ferreira, o bom Bernardes
Forão grandes Poetas; qualquer delles
Foi discreto, e foi sabio; em fim as Musas
Lhe embalárão o berço, e lhe cobrírão
Com murta, e com loureiro a sepultura;
Mas nem por isso os Pobres escapárão
Á culpa original: tem suas faltas,
Tem seus altos, e baixos, tem sedeiros,
Onde dá c' os focinhos hum Pedante,
Que vá por onde for ha de seguillos,
Que ha de furtar-lhe tudo quanto dizem;
E seja bom, ou máo, isso que importa?
O ponto está que o diga algum daquelles,
Que Craesbeeck imprimio: ha maior teima!
As Graças são muchachas, são rizonhas,
São faceis, são suaves: elles querem

Á

Á força pôr-lhe brancas, e bigodes,
E não lhos ſabem pôr: que he o que eu digo?
Imitão o peior; mas não imitão
Os verſos mais canoros; e correntes,
A ſizuda dicção, a fraſe pura;
Aquelle Atico ſal, que não conhece
Quem nunca vio o Portico de Athenas,
Se quer em caixas opticas pintado;
Iſto he Anacreonte traduzido,
Ariſtophanes, Sophocles, e Sapho:
Sem que fique de fóra o bom Homero,
E outros, em quem poder não teve a morte.
Para imitares tu, Senhor, os feitos
De teus claros Maiores, neceſſitas
De calças, e gibão? Se hoje ſahiſſes
Com jaquete, e golilha; quem ſeria
Tão ſério, e tão ſizudo, que pudeſſe
Conter o rizo? Nada te valêra
Reſponder-lhe gritando, que imitavas
Os diſtinctos Avôs, que dos Noronhas
A Proſapia exaltárão generoſa
Nos ſeculos paſſados: Todos ſabem
Que o valor não conſiſte nos veſtidos,
Antes ſeguem as modas. A virtude
Aſſiſte com ſocego inalteravel
Nos grandes corações: Ora eſta regra
Corre a nivel d' altura do Parnaſo.
Imite-ſe a pureza dos Antigos,
Mas ſem eſcravidão, com goſto livre,
Com polida dicção, com fraſe nova,
Que a fez, ou adoptou a noſſa idade.

Ao tempo eſtão ſujeitas as palavras;
Humas ſe fazem velhas, outras naſcem:
Aſſim vemos a fertil Primavera
Encher de fòlhas ao robuſto tronco,
A quem deſpio o Inverno deſabrido.
Mudão-ſe os tempos, mudão-ſe os coſtumes:
Camões dizia *imigo*, eu *inimigo*;
O ponto eſtá que ambos expliquemos
Aquillo que penſamos: a energia
Do diſcurſo, e da fraſe não conſiſte
No feitio das vozes, mas na força:
Salvo conforme aos Garrulos Troviſtas,
Que não te chamão juſto, ſem chamar-te
Ou robuſto, ou auguſto; inda que ſabio
Deteſtas a liſonja. O raro Apelles
Rubens, e Rafael, inimitaveis
Não ſe fizerão pela cor das tintas;
A miſtura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem eſte ſegredo,
Cuida que em dizer *mor* tem dito tudo:
Que muito, ſenão ha diſcernimento,
E reina a affectação! Vejo Pedantes
Trepados em Cadeiras, deſcompondo
Os mais honrados Cidadãos de Athenas,
Sem razão, nem vergonha: e vejo gente
Prudente, e ſabia embaſbacar nos geſtos
Do Mono petulante. Muito póde
A opinião, a teima, ou o capricho!
E o Pedantiſmo póde mais que tudo;
Pois arraſta a Razão, piza a Verdade;
E em ſabendo ſervir-ſe da liſonja,

Voa

Voa por eſſes ares, ſobe ao cume,
Onde a vaidoſa Idéa ergueo o Templo
Da fantaſtica Fama. Alli ſe abraça
A Soberba, e a Vaidade co' a Preguiça:
Vive a Ignorancia alli, dalli pertende
Dictar as leis ao Mundo. Mas que digo?
Que furor atrevido me arrebata?
Que Demonio me inſpira alegorias,
Sem permiſsão do Tribunal Cenſorio
Dos Criticos modernos? Não he moda
Hum Eſtro nobre; tudo eſtá mudado:
Ha Pragmatica nova, eſtreitas regras,
Que obriga a jejuarmos Poeſia
Tão longa quarentena; e não me eſpanta
Ver Poetas myrrados, ſe a abſtinencia
Das Clauſuras fogio para o Parnaſo.
Os nobres Portuguezes, Chriſtãos velhos,
Acaſo são Gentios, como forão
Pindaro, Homero, Sophocles, Virgilio,
Para inventarem couſas inauditas?
Fabulas novas? Baſtão as pinturas
De quatro bagatellas: huma fonte,
Hum boſque, hũ rio, hũ campo, hũ arvoredo,
Hum rebanho de cabras, dous Paſtores
Com cajado, e ſurrão; huma Paſtora,
Que ſe eſtá vendo n'agua: ha melhor couſa?
Quem póde fazer mais? Que nos importa
Que o verſo ſeja frouxo, ou deslocado,
Sem Grammatica a fraſe, ſem pureza,
E ſem graça a dicção; ou em fim tudo
Sem connexão, ſem ordem, ſem juizo?

O caſo eſtá que lembrem as pedrinhas
Lá no fundo do rio, ſem que eſqueça
A gaita do Paſtor, nem os abraços
Da ſimples Paſtorinha: e que as palavras
Sejão humildes, velhas, e caducas,
Se quer de quando em quando. Ah Senhor Conde!
Se iſto he ſer bom Poeta, bom Poeta
Eu o prometto ſer em pouco tempo;
Mas tu, Senhor, bem ſabes quanto cuſta
Ser fidalgo da caſa do Deos louro:
Não ſe compra a diſpenſa com dinheiro,
Nem vale ter o Pai no Deſembargo;
Mas he preciſo grande genio, longo,
E eſcolhido eſtudo; ouvir a todos,
Seguir a poucos; converſar c'os mortos,
Quero dizer, c'os livros todo o dia,
E toda a noite; alli ſe faça branco
O cabello, que foi ou preto, ou louro.

EPISTOLA I.

SE á ſombra dos loureiros ſempre verdes,
Que naſcem junto ás aguas de Aganipe;
Inda, Amigo, te encoſtas ſocegado:
Se das ſoltas correntes, que do cume
Do frondoſo Parnaſo eſtáo cahindo
Por entre frias, e muſgoſas pedras,
Sem nunca te fartares, ainda bebes:

Se

Se as graciosas Musas te rodêão;
  Encosta a curva Lyra sobre o peito,
  As aureas cordas fére, escreve a Olino:
Se a Rithma, como escravo, te traz prezo,
  Perdida a liberdade, ao duro cepo;
  Québra as fortes cadêas; não he justo
  Que o contínuo zum-zum do consoante,
  Que o ouvido agita só, a alma não,
  Esfrie o fogo, que na idéa nasce:
Não busques pensamentos exquisitos
  Em denegridas nuvens embrulhados;
  Não tragas não metaforas violentas,
  Imitando esse Corvo do Mondego,
  Que entre os Cisnes do Téjo anda grasnando:
Usa da pura lingua Portugueza,
  Que aprendido já tens no bom Ferreira,
  No Camões immortal, em Sousa, e Barros:
Em Grego não me escrevas, nem Latim;
  Dá-me conta da tua larga vida:
Desejo que me digas se inda preza
  No pensamento trazes a Cachopa;
  Se com tres companheiros n'uma banca
  De panno verde ornada o Whist jogas;
  Se ouves fallar Francez; e se inda lavra
  O mal, de que hoje tantos adoecem;
  Fallo daquella praga desastrada
  Dos enfermos Poetas, que não querem
  Os remedios tomar para sararem:
Conta-me em que exercicios vás gastando
  O tempo, que lá tens; se ao som do rio
  Compões os brandos versos, com q̃ arrancas
Do

Do cume das montanhas levantadas
Os arreigados Cedros para ouvir-te.
Eu, Amigo, depois que te deixei,
Trifte vejo nafcer, e pôr-fe o Sol;
Os mais dos dias paffo em minha cafa
Sentado n'um banquinho, e recoftado
N'uma defpida banca; poucos livros,
Algum papel, com pennas, e tinteiro
He quanto fó me adorna o eftreito quarto:
Alguns Amigos tenho, mas diftantes;
Nem cavallos, nem feges á bolea
Tenho para tão longe ir vifitallos:
Temo de fahir fóra. . . . Ah não te engano,
Temo de fahir fóra: Defta banda
Me empurra o aguadeiro, e de eftoutra
Me atropella a Saloia co' feu macho;
Hum vem á redea folta no rabão,
Outro corre no coche á desfilada;
Para efta parte fujo, eis-que de fima
Sobre mim vem a çuja caldeirada;
Os confufos, os vagos pregoeiros,
Os ouvidos me atrôão com feus gritos;
Hũ ,, Quẽ as flores merca ,, Outro os polvilhos
Então eu cá comigo vou dizendo:
,, De que fervem polvilhos a hum Poeta,
,, Se a hum filho de Apollo o verde louro
,, He o melhor adorno, he todo o fruto?
Defta forte não poffo, caro Amigo,
Novidades contar-te cá da Corte.
Pois que te contarei? Eu fei fómente
Que entrão nãos pela barra, e fahem nãos
Com

Com as vélas inchadas; ſei que corre
Para o ceruleo mar o louro Téjo;
De Lisboa, e das Cortes Eſtrangeiras
Não ſaberei dizer-te couſa alguma,
Que o tempo todo gaſto em ler Virgilio
No meu pobre, mas certo domicilio.

Ao Senhor Doutor João Evangelista.

EPISTOLA II.

QUal ſordido Pedreiro, que doente
De hum Hoſpital jazeo no leito pobre,
Quando torna dalli convaleſcido,
Mais esbelto, pellado, e macilento,
Em caſa não acerta com a trolha,
Picareta, e colher; tudo lhe falta:
Aſſim depois de tantos negros dias,
E noites longas, mais que as de Lamego,
Em funebres idéas mal gaſtadas,
Com pennas, e papel não ſei haver-me.
Quero graſnar em verſo, mas não poſſo;
Dos olhos me fugio o ſanto lume,
Que me guiava ao cume do Parnaſo.
Por fatuo me tivera, ſe a Fortuna,
Em cambio da alegria que me rouba,
Me déſſe dous rabões com tres lacaios
Brilhantes, rendas finas, e velludos,
Que bécas são de tolos, e caſquilhos.
Mas de Poeta, Amigo, ſó me reſta
Deſaſtres, e miſerias; filhos rotos,
De valadío o tecto, a vinha calva,

Ca-

Caſeiros, Arquitectos, e criados
Mais duros que as Cataſtas de Perillo:
E neſte bom eſtado me provocas
A cantar, e tanger na doce Lyra.
Que ha de fazer hum Cyſne deſazado;
Hum canſado rocim, que já não chega
Á méta deſejada, ſem mil vezes
Cahir, dando aos ilhaes na liza arêa?
Mas ſe pragas me rogas, que mais queres
Que ver Heytor dos fervidos cavallos,
Do colerico Achilles arraſtado,
Tingindo a dura terra o negro ſangue?
Supponho que a metafora percebes:
O Nadegas, que viſte esfrangalhado
A paſſapello vir da pobre Aldêa;
Porque lhe devo já huns tantos mezes,
Me ralha, e me governa focinhudo;
C' o rabo agazalhado, já capeia
As aias, as raſcoas da cozinha:
Eu delle me recato, ſó me falta
Lucrecia vir a ſer deſte Tarquino.
Agora te ris tu; e Manoel Gomes
O nariz encreſpando, te pergunta
Que fabulas são eſtas? Não lhe expliques
O ſentido moral; deixa-o confuſo:
Não convem que criados tudo ſaibão.
Dize-lhe que ſou doudo, que deſprezo
Opulentas heranças; que inflexivel
Com ſemblante ſereno, e ſocegado,
Não me canſa ſoffrer a mão pezada
Da Fome, e da Penuria; não me eſpanta

A

A carregada nuvem da Desgraça,
Que aos olhos me fuzila ha já dez annos.
Nem sonho com Perdizes, nem Lampreias;
Com mui pouco se calão meus desejos:
A males sempre affeito, não se accende
Na torpe fantasia a luz brilhante
De fartas mentirosas esperanças.
Nem com legados, quintas, beneficios;
Promessas, e presentes póde hum velho
O curvo anzol cevar, para pescar-me.
O peixe já sangrado desconfia,
Se vê surdir a isca á tôna da agua.
Eu que o trapo mordi, e que inda tenho
As cicatrizes da farpada ponta,
Nunca mais cahirei em esparrellas.
Antes quero jazer na estreita lapa,
Que embrulhado ficar em negras redes.
Mas para que Poeta não me chames,
Quero o ponto explicar-te; attento escuta.
Naquelles priscos tempos que fallavão
Os animaes, as arvores, as pedras;
O cerval Lobo, a cálida Raposa,
Em Juizo accusava, e lhe pedia
Restituição do furto que fizera:
Hum Mono petulante, mas sizudo,
Era o Juiz, que as partes escutava;
E lançando a sentença, disse ao Lobo:
Não julgo que te falta o que tu pedes;
Porém creio, ó Raposa, que roubaste
O que negas com tanta subtileza.
Esta Fábula, Amigo, nos ensina;

Que quem mente por genio, e por coſtume,
Quando diz a verdade, não he crido.
Agora applica o conto; e lá comtigo
Péza bem as razões, as vans promeſſas
Com que hum aſtuto Velho marralheiro
(Até que leſte Tacito, e Comines)
Te fez eſtar quieto, e allucinado,
Tirando-te por arte de Berliques,
Do nariz caſcaveis, fitas da boca.
O prazo de Valdeſte são os filtros
Com que eſta Circe torna em Leões fulvos,
Em ſedeudos Pórcos grunhidores
Do ſabio Grego os fortes companheiros,
Que em falſas apparencias embebidos,
Entrão nos Paços da famoſa Bruxa.
Não julgues tão boçal eſte moléque,
Que ſaia da cenzala por miſſanga.
Ao Minho paſſarei, ſe tu quizeres,
Nos altos tectos, onde já brilhárão
Precioſos rubins a agazalhar-me;
E ſem mais eſperança, que o deſejo
De ver-te, de tratar-te, e de paſſarmos
Bocejando a miudo as frias noites
Do enregelado Inverno, que já chega,
Á roda da fogueira aqueceremos
As engelhadas mãos; d'entre o brazido,
Saltando as rebordans, que na deveza
O Domingos colheo inda orvalhadas.
Alli te contarei como em Lisboa
Se dourão os Carrinhos ſem dinheiro;
Como tufa o Joſé, como o Lourenço,

Que

Que Duque foi no pateo, e Conde em Cintra,
Agora se vai pôr a Chapeleiro;
E a pállida infeliz Sebastiana
Condemnada a torcer negras prezilhas:
E se disto me ouvires, te enfadasses,
Tangendo a doce Lyra em brando verso,
Mil hymnos cantaria á tua Laura,
A Tia Catharina, Dulcinea,
Por quem vences Chymeras, e Gigantes.
E tomando no lar hum carvão liso,
Te pintára o retrato na parede
Daquelles olhos onde tu suspiras,
Por quem vives, e morres de saûdade.
Que facil he sonhar felicidades!
Tu já rico me crês; eu já supponho,
Agora que te escrevo, e que te fállo:
Mas esta Scena subito se muda;
O Chico mostra rotos os çapatos;
Huma quer lenços, outra quer roupinhas;
O Nadegas dinheiro para a ceia;
Á porta está batendo o Alfaiate.
Se alguem aos cáes lançou os patrios ossos;
Se foi traidor á Patria, se he falsario,
Seja lançado a filhos, e crédores.

FALLA

Do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, aos Portuguezes, querendo-lhe levantar huma Estatua pelo seu bom governo, o que elle não consentio.

NÃo, Lusitano povo, eu não consinto
Que Estatua ao meu Nome se dedique:
O amor da Patria, o zelo da Justiça,
Não sêde de mandar, ou da vangloria,
Me fez tomar as redias do governo:
Se fui clemente, justiceiro, ou pio,
Obrei o que devia. He mui pezada
A sujeição do Sceptro; e quem domina
Não tem a seu arbitrio as Leis sagradas:
Fiel executor deve cumprillas;
Mas não póde alterallas. He o Throno
Cadeira da Justiça: quem se assenta
Em tão alto lugar, fica sujeito
A' mais severa lei: perde a vontade;
Qualquer descuido chega a ser enorme,
Detestavel, sacrilego delicto!
Quando no horizonte o Sol espalha
Sobre a face da terra a luz do dia,
Ninguem a admira, todos o conhecem:
Mas se eclipsado acaso se perturba,
Nesse instante infeliz todos se assustão;

To-

Todos o obſervão, todos o receião.
Logo ſe premiei ſempre a Virtude,
Se os Vicios caſtiguei, nada mereço.
E não queirais, Vaſſallos generoſos,
Liſonjeiros tentar minha conſtancia,
Honroſa Eſtatua pertendendo erguer-me,
Porque bem vos regí; pois eu não devo
Condeſcender comvoſco: infamaria
Da alta Virtude as maximas conſtantes,
Com que auſtéro emprendi o Regio Throno,
O acaſo defender dos vicios torpes:
Se delle affugentei ſempre a Mentira,
A Liſonja infiel, o aſtuto Engano;
Não queirais offuſcar minha memoria,
Provocando-me a collocar no Solio
Hum injurioſo exemplo da vaidade,
Hum padrão da liſonja. A fama illuſtre
Deve durar na tradição intácta,
Sem a nota de fragil. Forá impropria
A gloria que me dais, ſe neſſa Eſtatua
Deſcobriſſem os Seculos futuros
As maculas horrendas da vangloria.
Vós meſmos, voſſos filhos, voſſos netos,
De tão clara doutrina convencidos,
Ou do tempo melhor aconſelhados;
A meſma Eſtatua, que quereis attentos,
Agradecidos hoje levantar-me,
A' manhã ſe veria derribada
Em pedaços jazer: com páos, e pedras
Os olhos lhe tirarem; que a Fortuna
Ligada co'a Inveja, e co'a Soberba

Não

Não deixa durar muito os Elogios.
Porém se vós, Illustres Portuguezes,
Desejais conservar meu Nome eterno;
Não he preciso o Marmore soberbo,
Basta-me a tradição de pais a filhos,
Com fiel saudade transmittida.
Este o Jaspe, este o Bronze, em que pertendo
O meu Nome esculpir: chegúe aos vindouros,
Sem perder o caracter, que o fez grande:
Lembre-se o benemerito do premio;
Recorde-se o culpado do castigo;
Todo o Reino do público descanço,
Em florente commercio em paz segura:
Mas haja quem se lembre deste caso,
E quem diga, que rejeitei modesto
As honras de huma Estatua; e que estas honras
Quem chega com justiça a merecellas,
Tambem sabe atrever-se a desprezallas.
Acabou de fallar; e os circumstantes
Immóveis, e calados pareciáo
Outras tantas Estatuas dedicadas
A' regencia feliz do sabio Infante.

A' feliz Acclamação do Senhor Rei D. José I. de gloriosa memoria.

ROMANCE

HENDECASYLLABO.

SUbi, Senhor, ao Throno Lusitano
A restaurar a perda de hum Monarca,
Que chora Portugal, para que seja
Allivio da saudade a semelhança.

Acceitai os obsequios da lealdade,
Que o Reino vos tributa, e vos consagra,
E em reciprocos votos a ventura
Illumine de amor a nobre chamma.

Arda nos corações, que a augusta idéa
Das heroicas virtudes nos abraza,
Debuxando o Prototypo dos cultos
A imagem da Justiça, que se exalta.

Ac-

Acclama, Lyſia, o Numen reſpeitado,
  Que a Regia ſucceſsáo o Sceptro chama;
  Ouçáo medroſas nos remotos Climas
  O Auguſto Nome, as Nações eſtranhas.

Aſia rica, theatro das victorias,
  Que o Luſo esforço conſagrou á Fama,
  Nas ribeiras do Ganges fertiliza
  Para novas conquiſtas, novas Palmas.

Nas entranhas da America opulenta,
  Ao brilhante metal, Delfica chamma,
  Para Diademas vos formar eternos,
  Vivifique em precioſas abundancias.

Na barbara regiáo de Africa aduſta
  Temeroſa a ouſadia Mauritana
  Veja eclipſar as luas dos turbantes,
  A ruina que o Téjo lhe prepara.

Os écos baſtaráõ do voſſo Nome,
  Para que Europa toda attenta, e ſabia
  Na conſtrucçáo do eſtatico ſocego
  De Portugal reſpeite as allianças.

Moderem os impulſos da piedade
  Das juſtas Leis a execuçáo ſagrada,
  Sem que a juſtiça ao merito ſe negue,
  Sem que o delicto indomito ſe faça.

Na

Na diſciplina militar ſe enſaia
O Luſo braço, que empunhando a eſpada
Será nobre terror dos inimigos,
Será da Patria invicta ſegurança.

Na protecção das letras felizmente,
Do voſſo influxo a erudição renaſça:
Os Virgilios, os Tullios ſe deſcubrão,
Que atégora Lisboa occulta avara.

Doutas maximas, Ethicas doutrinas,
Miniſtros ſejão das acções preclaras,
Que entre os myſterios da razão de Eſtado
Hão-de mover as bellicas campanhas.

Em fim, Senhor, a gloria Portugueza,
Que Europa admira, que reſpeita a Aſia,
Torna a brilhar nos ambitos do Mundo,
Donde o Sol morre, aonde a Aurora raia.

Vivei feliz, e governai glorioſo,
Do Mundo eſpanto, admiração da Patria,
Oſtentem para aſſombro do futuro
O ouro Lemas, os pórfidos Eſtatuas.

Vivei, reinai, o Tempo vos reſpeite
Ou abſorto, ou rendido, em quanto a Fama
No Templo da Memoria vos deſenha
Eternos buſtos, inclytas medalhas.

MO-

MOTE.

Marte, faze-te da moda,
E teus temores desterra,
Que os Soldados desta Era
Trazem por moda hũma roca.

GLOSA.

SE queres ser namorado
Da moça mais presumida,
Deixa de Paizano a vida,
Senta praça de Soldado:
Traze chapéo cerceado,
Espadada a testa toda,
Casaca com pouca roda,
Nunca dinheiro comtigo;
Pois he moda tal castigo,
Marte, faze-te da moda.

Não

Não temas a reluzente
Sanguinoſa eſpada fria;
O pelouro, que aſſobia,
E que mata de repente:
Nem petardo, que eſtridente
A' dura porta ſe afferra:
Buſca o deſprezo da guerra
Com torvo irado ſemblante,
Faze-te forte chibante,
E teus temores deſterra.

Com retorcidos bigodes
Os antigos Caſſuletes,
Sem rabichos, nem topétes
Trezandavão mais que bodes.
Marte, da moda bem podes
A roca brandindo fera
Moſtrar, que não foi nem era
Gente de tanto valor
Para batalhas melhor,
Que os Soldados deſta Era.

Inda que a roca ſe ponha
Como carocha aos poltrões,
Hoje ſeiscentos Roldões
Não tem da roca vergonha.
Empeſtados deſta ronha,
Que trouxe moda tão louca,
Fazendo aos rapazes côca
Em trajes de Cruz-Diabo,
Nos moſtrão por moda o rabo,
Trazem por moda huma roca.

MO-

MOTE.

De que me ſerve o querer-te,
Nem tão pouco idolatrar-te?
Sujeitar-me a teus preceitos,
E vir outrem a lograr-te?

GLOSA.

DE que me ſervem gemidos
Ao Ceo vãmente eſpalhados?
Se a meus rogos magoados
Cerras, Marilia, os ouvidos?
Se mil extremos perdidos,
Perdidos ſó por mover-te
Chegão, Cruel, a offender-te:
Se nada em fim me deſculpa,
Antes, o querer-te he culpa,
De que me ſerve o querer-te?

De que me ſerve? Que vale,
Que o pranto meu pezaroſo,
Qual ribeiro caudaloſo
As duras penhas abale?
Grite, murmure, ou me cale,
Nada chega a magoar-te:
Quem he que póde abrandar-te?
Se para, Ingrata, mover-te
De nada ſerve o querer-te,
Nem tão pouco idolatrar-te.

Cuidei que viver atado
Ao grilhão da Tyrannia,
Em compaixão trocaria
Tão eſtranho deſagrado.
Vejo-me deſenganado;
Vejo em lagrimas desfeitos
Meus olhos, que tão ſujeitos
Teu duro imperio rendeo;
Nada, Marilia, valeo
Sujeitar-me a teus preceitos.

Mas he tal o meu tormento,
Que hei-de com goſto ſoffrello;
Pois imaginar perdello
Inda he maior ſentimento.
Não, Marilia, o penſamento
Não ſabe deixar de amar-te;
Antes eſcolhe encontrar-te
Sempre ingrata, ſempre eſquiva,
Que ver-te em fim compaſſiva,
E vir outrem a lograr-te.

MO-

MOTE.

Tudo faz o Padre Antonio.

GLOSAS.

I.

A Negra Melancolia
Com os olhos no chão póstos,
Suspiros, pranto, desgostos
Sobre os mortaes diffundia:
Quando a rizonha Alegria
Apparece a tempo idonio,
E como o brando Favonio
Dissipa a nuvem do pranto;
Mas tornar em doce canto
Tudo faz o Padre Antonio.

II.

Tu fazes, Delfim sonoro,
Mudar em consolações
As penosas afflicções
Com o instrumento canoro:
Fazes que do Pindo o coro
Por ti deixe o lago Aonio;
Fazes descer do Telonio,
Por te ouvir o Deos Luzente,
E tu fazes.... Finalmente
Tudo faz o Padre Antonio.

CAN-

CANTIGAS.

DO campo de Rio-frio
Já vierão os Soldados,
Trazem corações de bronze
Em dura guerra ensaiados.

Ferozes, e carniceiros,
Arrastão duros Canhões,
Ameaçando ruinas,
Incendios, roubos, traições.

Com pifaros, e tambores
Nos atroão os ouvidos:
Os fundos valles, os montes
Gemem do estrondo feridos.

As bandeiras de Cupido
Desampararão traidores,
De linhas, e baterias
Se espantarão os Amores.

De improviso se levantão
As brancas azas abrindo;
Ora nos áres suspensos,
Ora ás estrellas subindo.

As

As ſettas, que lhe cahírão
Ficão no campo pizadas,
Rotos os ſonoros arços,
As vendas deſpedaçadas.

Succeſſo tão laſtimoſo
Andão as Moças carpindo;
Soltos os louros cabellos,
Deſcorado o roſto lindo:

Nas curvas margens do Téjo,
Que lambe a creſpa corrente,
Para onde fugio Amor
Perguntão triſtes á gente.

Pelos aſperos outeiros,
Com ſeu pranto rociados,
Humas bradão por Cupido,
Outras praguejão Soldados.

A ſeus férvidos gemidos,
O pobre não lhe reſponde;
Antes com pânico medo
Até das Moças ſe eſconde.

Teme, que até nos Paizanos,
Galharda gente mimoſa!
Se atêe o fogo voraz
Da feia guerra eſtrondoſa.

Nunca mais com brando rôgo,
Com reciprocos ſuſpiros,
Sujeitará corações
A ſeus laços, a ſeus tiros.

Fugio Amor, eſcondeo-ſe,
Levou comſigo a alegria:
Murchárão-ſe as lindas flores,
Apagou-ſe a luz do dia.

Mas quem quizer ſaber onde
Eſcondido Amor eſtá,
Venha ver de Lylia os olhos,
As fréchas de Amor verá.

Ah! Fecha, Lylia, teus olhos,
Não deixes ſahir Amor,
Em quanto ouvires das armas
O deſabrido fragor.

Eſpera que a Paz dourada
Tornando ao cóllo os Amores,
Com os cucáres dos Elmos
Empennem ſeus paſſadores.

Deixa, que ardidos Ginetes
Rompendo os campos talados,
Em vez de bellicos Sagres,
Arraſtem curvos arados.

En-

Então á ſombra dos ramos,
Que eſtende o Carvalho annoſo,
A caſta Pomba arrulando
Chamará o fido Eſpoſo.

Então co' a frauta ſonora
Modulando em deſafio,
O teu nome enſinarei
As manſas aguas do rio.

ENDECHAS

A. DUO.

Paſtora. QUem amor não tem,
Não tem coração,
De branda affeição
Alma ſe mantem.

Paſtor. Mas quem amor tem
Serve á crueldade,
E da liberdade
Não conhece o bem.

Paſtora. De dous corações
Reciprocas dores
Dos gentís Amores
São arco, e farpões.

Paſtor. O lindo volver
D' huns olhos rendidos
Em peitos feridos
Derrama o prazer.

Paſ-

Paſtora. Deſeja dizer
Balando o Cordeiro
No valle, no outeiro,
Que ſabe querer.

Paſtor. O pégo do mar
A praia nas fragas,
Quebrando mil vagas
A vem abraçar.

Paſtora. Que bom fora Amor
Se fora leal;
Mas he grande mal,
Que ſeja traidor.

Paſtor. Se em Amor náo ha
Singelas tençóes;
De enganos, traiçóes
Quem náo fugirá?

Paſtora. Bem poſſo moſtrar
Quem te ama fiel.
Paſtor. De quem he cruel,
Que devo eſperar?

Paſtora. Se me amas, Paſtor,
Sou fida Paſtora.
Paſtor. Se náo es traidora,
Já creio em Amor.

Am-

Ambos. Que doce prazer
Não sente quem ama:
Pastora. Tão suave chamma
Deixemo-la arder.

EN-

ENDECHAS.

EM mil agonias
Cercado de abrolhos
As noites, os dias
Me deixão Licoris.
Depois que teus olhos
Os meus cativárão,
E me ſujeitárão
A tanto rigor.

Se tratas aſſim
Com tal tyrannia,
Quem por ti ſe inflámma
A quem te não ama,
Que mais lhe faria
O teu deſamor?

CANTIGA.

CUidava que Briolanja
Era branda, como bella,
Cuidava que era Marmanja,
Mais tenra do que Vitella.

Mas ai, ai, ai,
Ella he cem vezes,
E cem mil vezes
Muito mais dura,
Que onça esfaimada,
Loba malvada,
Que na espessura
Degolla as rezes.

THEATRO
NOVO.
DRAMA.

ACTORES.

APRIGIO FAFES, *Pai de Aldonſa, e Branca.*

ALDONSA. } *Filhas de Aprigio Fafes.*
BRANCA. }

ARTUR BIGODES, *Mineiro, e Compadre de Aprigio.*

JOFRE GAVINO, *Muſico, e Meſtre de Aldonſa.*

INIGO, *Actor.*

BRAZ LICENCIADO.

MONSIEUR ARNALDO, *Archítecto.*

DOUTOR GIL LEINEL, *Poeta.*

SCE-

SCENA I.

APRIGIO, ALDONSA, e BRANCA.

APRIGIO.

MIl vezes, Filhas, já vos tenho dito,
Que noite, e dia penso, e que repenso
Em estado vos dar: o Ceo bem sabe,
E bem o sabeis vós, quanto o desejo;
Mas o tempo correo-me táo avesso,
Táo contrario ás magníficas idéas,
Que náo acho hum Piûga a quem se possa
Empurrar huma Filha, sem máis dote
Que seus olhos azues, louros cabellos.

AL-

ALDONSA.

Solteiras, e comtigo viviremos
Honradas, e contentes.

APRIGIO.

Caras Filhas;
Eſte emprego de Zangano, que tenho,
Com a alcunha de Corretor dourado,
De todo deo em droga, eſtá perdido:
A cada canto hum Myrra tópa a gente,
Tão caſado co' a burra, e tão cioſo
Dos lacrados cartuxos, que primeiro
Callado deixará vaſar-lhe hum olho,
Que pregar-lhe hum callote: não ſe atreve
A bulir nos dobrões: dos proprios dedos
Deſconfia, e ſe doe: os chicos guarda
Quaes medalhas dos Ceſares antigos.

BRANCA.

Inda, meu Pai, te não pedimos dote;
Deixa correr o tempo, caſaremos.

APRIGIO.

Algum dia (que tempo venturoſo!)
De lá de cima vinhão a cardumes
Eſcudeiros Serriz, rolhos Morgados,
Com Solares no concavo da Lua:
Pouſavão na Beteſga, ou no Cachimbo,
E mandavão chamar-me logo, logo
Por hum lacaio, ou pagem de polainas:

O

O biſonho Jangaz me deſcobria
O fraco de ſeu amo: eu lhe levava
Relogios, eſpadins, outras miſangas:
Tudo o boçal Jalôfo cobiçava;
Tudo ſe lhe vendia á queima roupa,
Gato por lebre: eu meſmo vi hum deſtes
Por tres dobras pagar huma pintura
Do Zeuxis do Caſtello; e mui ſiſudo
Jurar que era o painel de Ticiano:
Mas tudo o tempo gaſta, tudo leva.

ALDONSA.

Hoje os meſmos caloiros são ladinos.

BRANCA.

Capazes de lograr-nos.

APRIGIO.

Porém, Filhas,
Quando mais deſatados rijos ventos
Pela breada enxarcia ſilvão, quando
O mar no fundo muge, então nos tópes
Apparece Santelmo aos navegantes.
Deſcoberto já tenho outro caminho
De em breve enriquecer, e de caſar-vos:
Ajuſtei huma nova Companhia
De Comicos, e Muſicos chapados,
Por via de teu Meſtre, minha Aldonſa,
Do bom Jofre Gavino: tambem nella
Inigo quer entrar: eſta noticia
Bem creio, Branca, não te deſagrada.

Pa-

Para a despeza do Theatro novo
O dinheiro me empresta meu Compadre
O grande Artur Bigodes, que na frota
Veio ha pouco do Rio; e vem potente,
Traz infindo dinheiro, Papagaios,
Araras, e Bugios; traz mil cousas.

ALDONSA.

Bom proveito lhe faça: e que tiramos
De rico, ou pobre vir hum avarento?

APRIGIO.

O bico tem revôlto; mas podemos
O vélo tosquiar-lhe com bom geito:
Finge tu, minha Aldonsa, que lhe queres;
Chora, suspira, ri-te, a máo lhe beija,
Expõe-lhe o desamparo em que ficaste,
E tua irmã, por morte de Mafalda,
Boa Mãi de vossês, delle Comadre.

ALDONSA.

Triste empreza, meu Pai! E na verdade
Que fingir-me não sei; mas quando saiba,
Hum velho táo sagaz, e táo matreiro
Não cai em esparrelas.

APRIGIO.

Velhos, moços,
Em todos igualmente se descobrem
As tyrannas paixões, a pouca força
Da pobre natureza.

AL-

ALDONSA.

De que modo
Poſſo vencer o natural antojo,
Que me domina, em vendo arregalados
D'um velho deſtes, os ſumidos olhos?

BRANCA.

Antes, querida Mana, nada cuſta
Enganallos, rendellos; que eſta gente
Com pouco ſe contenta: hum leve riſo,
Qualquer agrado os enche de vaidade.

APRIGIO.

Tu, Branca, es minha filha; tu ſahiſte
A tua Mãi, ſigana refinada,
Que as almas attrahia: era eſta caſa,
Em quanto viva foi, era huma Corte;
Grandes, pequenos, todos aqui vinhão
Beijar a pedra d'Ara; as carruagens
Não cabião na rua: mal entravão
Huns, outros já ſahião. Que Matrona!
Sempre te carpirei, alma ditoſa,
Honra, e gloria dos Fafes! Porém, filhas,
Quem morreo, já morreo, nós que ficámos,
Façamos por viver; e não ſe vive
Sem a fome matar.

ALDONSA.

Sim; mas a Mana
Sabe contrafazer-ſe, que eu não poſſo.

APRI-

APRIGIO.

Aldonſa, Aldonſa, que reſpoſta he eſſa?
Aſſim pagas o amor com que te trato?

BRANCA.

Meu Pai, a Mana zomba; deſcanſado
Podes cuidar no mais, que o velho he noſſo.

APRIGIO.

Aldonſa, filha minha, ao velho, ao velho;
Se allivio queres dar a hum Pai canſado,
Que tanto bem te quer, e que deſeja
Ver-te caſada c' um Senhor de terras,
Rodando pelas ruas de Lisboa
Em dourado carrinho, inda que berre
O triſte Corrieiro, que bom homem
Acreditou a lábia do Morgado:
Mas vão voſsês compôr-ſe, e vão veſtir-ſe,
Para mais engodallo. Ei-lo que chega:
Vão-ſe, que logo as chamo.

SCE-

SCENA II.

Artur, e Aprigio.

APRIGIO.

Meu Compadre,
Cuidei que já não vinhas.

ARTUR.

Essa he boa!
Eu sou Pilatos; o que digo, digo;
Páo, páo, queijo por queijo: Artur Bigodes
Tem palavra de Inglez.

APRIGIO.

Assás conheço
O muito que te devo: e que me dizes
Do projecto de que tratámos hontem?

ARTUR.

Amigo, amigo Fafes, o negocio
Seus laivos tem de jogo; quasi sempre
Vale mais a fortuna, que a sciencia:
O coração presago, he o Piloto
Com que se arroja ao mar quem Deos ajuda:
Ha delgado Chatim, que mal entende
Que dous, e tres são sinco, e sempre ganha,
Ou no contrato lance, ou na commenda:

E quantos vemos nós com Guarda-livros,
Com ſeiscentos caixeiros zigues-zigues,
Dar c' os bodes na arêa; e nas eſquinas
O bom nome ſervir-lhes de Epitafio!
Mas deixando preambulos, approvo
A idéa do Theatro; he bom projecto;
O ponto ſó conſiſte em desbancarmos
O da rua do Conde, e Bairro Alto.

APRIGIO.

Senhor Artur Bigodes, meu Compadre,
Quem tem táo bom amigo, náo duvída
De abalançar-ſe á mais cuſtoſa empreza:
Eſte meu tal, e qual pouco beſtunto,
O trago prenhe ſempre, e recheado
De ſoberbas idéas; mas náo tinha
Calor baſtante na myrrada bolſa,
Para o braço chegar a executallas.
O Ceo bem ſabe, quantas vezes, quantas,
Vociferando, diſſe: Em hora infauſta,
Por longos máres, d' entre nós fugindo,
Se auſentou meu Compadre Artur Bigodes;
Coração de Alexandre, farto amigo,
Pé de Boi Portuguez; mal empregado
Nos deſertos Certóes deſſas Arabias,
Entre gente boçal, entre bugíos!

ARTUR.

Manſo, fiel amigo, eſſas liſonjas,
Carapuça náo são deſta cabeça;
Sou amigo, e Compadre; iſto me baſta;

Fa-

Faço o que devo: vamos adiante.

APRIGIO.

Tanto que a Frota veio, huma alma nova
Senti pular no peito; a fantaſia
Entrou a erguer palacios, e caſtellos:
Vi Dragos, Serpes vi: quando ſonhava,
Vologeſo, e Catão me apparecião
Com punhaes, e cadêas: acordava
Aturdido de caixas, e trombetas:
Eſtes, e outros projectos me inſpirárão
A idéa de hum Theatro: eu ſempre tive
Bom dedo para a couſa: fiz marmotas;
Varias Famas veſtí, e Cruzdiabos
Para os Cirios do Cabo, e d'Atalaia.

ARTUR.

O dinheiro eſtá prompto; agora falta
Quem nos arme a charola.

APRIGIO.

Caro amigo,
A teu arbitrio entrego, e deixo tudo.

ARTUR.

A mim, Aprigio? Fóra; não ſou deſſes,
Que empreſtando dinheiro com uſura,
Dão mil regras depois de economia
Ao pobre padecente; que corrido,
Como cão com funil atado ao rabo,
Vai ladrando, e fogindo á ſurriada.

APRIGIO.

Sempre graça tiveste: apalavrados
Alguns sujeitos tenho intelligentes,
Architecto, Poeta, bons Actores,
Hum Musico chapado; e para Damas
As minhas duas filhas, Branca, e Aldonsa;
Ambas filhas de peixe, ambas formosas.

ARTUR.

Pois isso he ouro sobre azul; que o povo
Ou dorme, ou ri, se vê huma Tapuia
Arrancando suspiros emprestados,
Torcer os vesgos olhos, e mostrar-nos,
Abrindo a negra boca, que he cerrada.
Eu empresto o dinheiro; mas declaro,
Que isto se entende em quanto as Damas forem
Engraçadas, formosas, e bem feitas;
Que para vir gastallo com serpentes
Não o ganhei, passando tantos dias
Por duros môrros, por incultas fragas;
Talvez comendo carne de Macacos.

APRIGIO.

Basta, Compadre, basta; as minhas filhas
Muito bem sabes como são galantes;
Aldonsa ha de fazer primeira Dama;
Branca, a segunda: tu verás pendentes
De seus travessos olhos todo o povo:
Tantos os corações, tantas as Troias,
Em amoroso incendio chammejando:

Tu

Tu mesmo, meu Compadre, sem remedio,
A pezar dessas cans, embaraçado
Has de sentir-te na Vulcanea rede.

ARTUR.

Eu não sou tão sizudo, nem tão velho,
Que viva por demais; em fim, sou homem;
Nem tive nunca coração de pedra;
E pouco bastará para mover-me;
Muito mais as paixões, que docemente
Os animos revolvem.

APRIGIO.

Ora vou-me
Chamar a nossa gente, para vermos
Em que alturas estamos: entre tanto
Te chamo as raparigas. Branca? Branca?
Aldonsa? Venhão cá. A Deos, Compadre. *Vai-se.*

SCENA III.

Aldonsa, Branca, e Artur.

ARTUR.

Como formosa vens, Aldonsa bella!
Em teus olhos fuzila a luz dos Astros:
Ao menos deste Mundo cá de dentro,
Es tu o claro Sol, tu es a Aurora.
Oh quanto, filha minha; (sim, que filha
Bem

Bem te posso chamar) oh quanto sinto
Que os annos me roubassem todo o lustre
Da fresca mocidade! Que os Invernos,
Nesta gelada estriga convertessem
A brilhante madeixa; que algum dia,
Dourados caracóes por estes hombros
Ao Zefiro entregava! Oh se eu pudesse
Banhar-me no Jordáo, e remoçando
Dar-te hum gentil mancebo por marido!

ALDONSA.

Sempre brincando vem o meu Padrinho.

BRANCA.

Senhor Artur Bigodes, como passa?

ARTUR.

Mui bem, Senhora Branca. Ouves, Aldonsa?
Eu náo brinco, antes fallo bem de véras.

BRANCA.

Pois a mana, Senhor, essa náo zomba:
Noite, e dia conversa em seu Padrinho;
Náo falla n'outra cousa: quantas vezes
Se á porta batem, vai correndo á porta;
E porque dá com outro, do semblante
A cor lhe amarellece; e recuando,
Sobresaltada, diz, que náo he elle.

ARTUR.

Quáo feliz, minha Branca, e quáo ditoso,
Se

Se iſſo verdade fora, me julgára!
Inda porém Aldonſa mo não diſſe
Para tão facil ſer, que me arreganhe.
Que dizes, bella Aldonſa: aquillo he certo?

ALDONSA.

A mana não te engana, nem te mente:
Mas ſe te adoro, deverei dizello?

ARTUR.

Devêras, devêras, que eſſa innocente
Suave inclinação em nada offende
A modeſtia, o decóro; inda que cuſta
Á moça mais amante o confeſſallo,
Poſto que honeſto fim lho approve, e doure.

ALDONSA.

Pois vive deſcançado que te quero.

BRANCA.

Eu dou-lhe os parabens, Senhor Bigodes.

ARTUR.

Eu os acceito, Branca. Minha Aldonſa,
Que nunca me enganei com os teus olhos,
Agora o chego a ver; nelles ao longe
Muito ha que deſcobri hum brando géſto,
Que n' alma me bulia; mas atado
Ao pezado trambolho de meus annos,
Lutando afflicto com ſetenta Invernos,
Por mais que ardião fervidos deſéjos,

Ca-

Capazes de animar a fria pedra,
Tiritando com medo, enregelava:
Porque hũ homem q' he ſério, e q' he prudente,
Antes ſe humilha a parecer covarde,
Que levar na bochecha huma apupada
Deſtas raſcoas de hoje, preſumidas,
Que buſcão Tamorlões, Imperadores,
Franchinotes, caſquilhos, e Poetas;
Para ao depois berrarem com ciumes,
Sem achar cabeções com que os ſubjuguem:
Tu es, Aldonſa, a excepção da regra,
Amavel, linda, candida, innocente;
Qual roſa pudibunda em manhã freſca,
Que da ruſtica mão do Jardineiro
Deixa talhar o pé, deixa colher-ſe.

ALDONSA.

Tão eſtranhos, tão gandes elogios
Não chego a merecer; antes conheço,
Que a maior parte da fortuna he minha:
Huma pobre Donzella, ſem mais dote,
Que ſeu ſingelo amor, em noſſos dias
Mui pouco, ou nada vale: ſem riqueza
Quem ſoffre a formoſura? Sãos coſtumes,
Honrado ſangue, angelico ſemblante,
Não namorão os Noivos deſte tempo.

BRANCA.

Maior favor te faz o teu Padrinho.

ALDONSA.

Aſſim, mana, o confeſſo, aſſim lho digo.

SCE-

SCENA IV.

Aprigio, Jofre, Inigo, e os meſmos.

APRIGIO.

Aqui trago, Compadre, eſtes Senhores,
Ambos hum *non plus ultra* do Theatro:
São Muſicos, Actores, Dançarinos,
Grandes Poetas; tudo ao meſmo tempo:
São dous tomos de rara miſcelania.
Em ambos quiz moſtrar a Natureza,
Que ſabia fazer huma obra prima.
O Senhor Jofre, quando as arias canta
As almas arripia; calla os ventos.
Pois o mancebo cá, o meu Inigo!
Eſte vivo Bemól, eſte magano,
Nos lances amoroſos, he hum paſmo!

ARTUR.

Ambos, bem me parecem: gentís moços!

JOFRE.

Sou antigo criado deſta caſa,
E Meſtre da Senhora Dona Aldonſa;
Por tão honrado titulo me julgo
Merecedor de grandes elogios.

AR-

ARTUR.

Logo o Meſtre ſahio o mais esbelto!

INIGO.

Eu não poſſo allegar antiguidades;
Mas vou tambem na folha: Venturoſo,
Se de applauſo, e favor me vejo digno,
A pezar de não ter merecimento.

ARTUR.

Ambos diſcretos são.

APRIGIO.

Mais que diſcretos!
São os melhores Ciceros da Corte,
Capazes de prégar! Aqui o Amigo,
Hum Drama já compoz: logo o veremos.

INIGO.

Dize-me, Branca, que Affonſinho he eſte?

BRANCA.

He Padrinho da mana.

ARTUR.

O Senhor Jofre,
Quanto tempo ha q' enſina neſta caſa?

JOFRE.

Ha já tres annos, pouco mais, ou menos.

AR-

ARTUR.

Com que tres annos ha, que neſta caſa
Tem entrada o Senhor!

APRIGIO.

Ai, meu Compadre,
Tu cuidas q' inda táo alarves ſomos,
Como no tempo em que daqui te foſte?
Já lá váo os biôcos Portuguezes;
Mouriſca uſança, barbaro ciume,
Que huma pobre mulher afferrolhava,
Quaes ſe guardáo freneticos orates:
Ha gente mais feliz! Outros coſtumes
Adoptou a Naçáo, abrio os olhos.

ARTUR.

Eu cuido que os tapou.

BRANCA.

Que rabujento!

JOFRE.

A Deos, Senhor Aprigio.

ALDONSA.

Eſpera, Jofre.

JOFRE.

Que eſpere! Para que?

APRIGIO.

Para tratarmos
Deſte novo Theatro.

JOFRE.

Que Theatro?
Com eſte prégador, mandas chamar-me
Para ouvir a miſsáo de hum Carióca?

ARTUR.

Olhem lá ſe ſe dóe da matadura.

INIGO.

Não deſeſperes, Jofre; tem prudencia.

SCENA V.

GIL, e os meſmos.

GIL.

SEnhor Aprigio Fafes, aqui venho
Cumprir as ſuas ordens.

APRIGIO.

Caro Amigo,
Homero Portuguez, Pindaro noſſo,
Já cá te ſuſpirava: vem comtigo
As Muſas, vem as Graças.

GIL.

GIL.

Basta, basta:
Não estamos nós-outros os Poetas
A fartos elogíos costumados:
Os mesmos que nos pedem hum Soneto
Para render a dama desdenhosa,
Ou os annos louvar de huma Abbadessa;
Depois de ter campado por discreto
Á custa de hum Poeta, sem vergonha,
Jurão, que são huns doudos os Poetas.

SCENA VI.

Braz, Monsieur Arnaldo, e os ditos.

BRAZ.

Amigo Aprigio Fafes, aqui trago
Monsieur Arnaldo, prático Architecto:
O Pozzi, Paradossi, e Bibiena
Traz alli no emicraneo; a Perspectiva
Na pineal lhe vellica com tal força,
Que em cada pulsação da traca-arteria,
Hum Theatro magnífico levanta.

APRIGIO.

Viva, viva, Senhor Arnaldo: Agora
Que

Que eſtamos todos juntos, comecemos
A noſſa conferencia: venha a banca:
Voſsês não ouvem? Tragão mais cadeiras.

ARTUR.

Quero que apar de mim ſe aſſente Aldonſa.

BRANCA.

Queres q'eu fique cá da outra banda? *Para Inigo.*

JOFRE.

Para bem, para bem, Senhora Aldonſa.

ALDONSA.

Se tu ſouberas, Jofre....

JOFRE.

Bem entendo.

INIGO.

Que te parece, Branca, o Tupinamba?

BRANCA.

Velho, e relho.

APRIGIO.

Sentemo-nos, Senhores:
Que grave Tribunal! Que mageſtoſo!
Mal ſabe o Mundo agora, que pendente
Deſte conclave eſtá o ſeu deſtino.
Oh quanto, amada Patria, quanto deves

A

A teu bom Cidadão Aprigio Fafes,
Suando, e tressuando por salvar-te
Do pélago profundo da Ignorancia,
Onde pobre jazias, atolada
Entre pessimos Dramas corriqueiros!
Deste cano real hoje te sáco,
Qual sáca o Gandaeiro hum prégo torto
D'entre os chichelos velhos da enxurrada.

GIL.

Senhor Aprigio Fafes, isto he tarde,
E eu tenho que fazer: vamos ao ponto.

APRIGIO.

Sim, Senhor, sim, Senhor: o caso he este:
E bem o sabeis vós, ha quanto tempo
Que eu desejo fundar hum bom Theatro:
Agora que a Fortuna me depara
Feliz occasião de executallo
Com o favor, alli, de meu Compadre,
He preciso ajuntar a sarabanda,
Repartir os papeis, escolher obra,
As vistas idear, e celebrarmos
Com solemne escritura este contrato.

GIL.

Senhor Aprigio Fafes, o Theatro
Depende, mais que tudo, do Poeta:
Que fazem bastidores, e instrumentos
Sem Dramas regulares? Huma boa,
E perfeita Tragedia, inda despida

Da magnifica pompa do apparato,
Tem mais graça, e mais força, q̃ hũ máo Drama
No Theatro de Reggio, ou de Veneza,
Com ſoberbas tramoias recitado.

JOFRE.

Amigo Gil Leinel, ninguem te nega
O conſtante poder da Poeſia:
Mas quem ha de ſoffrer Catão, ou Dido
Do grande Metaſtazio, repetido
Entre velhas cortinas, ſem orcheſtra?

APRIGIO.

Nada, nada, Senhores; deſſe modo
Aqui nos amanhece: todos juntos
Não podemos fallar: irá votando
Por turno cada qual, quando lhe toque.
Continúa, meu Gil; dize o que entendes.

GIL.

Errado vai, quem julga que o Theatro
Só para divertir o povo rude,
Dos antigos Poetas foi achado.
Com mais alto deſignio, Athenas, Roma,
E outras Cidades mil, o recebêrão:
Póde nelle enſinar-ſe á Mocidade
Guardar as ſantas Leis; a fé devída
Á cara Patria, ao Principe, aos Amigos:
Póde nelle moſtrar-ſe quanto he feio
O pállido ſemblante da Cobiça;
Da Avareza infeliz; da triſte Inveja:

Mas

Mas para recolher tão grande fruto,
He necessario, Aprigio, que o Poeta
Em sizuda dicção, em frase nobre,
Com sonoroso verso torneado,
Exponha ao povo fábulas sublimes,
Tragedias, ou Comedias regulares.
Daqui venho a tirar, que no Theatro
Não devemos soffrer Drama imperfeito,
Cuja graça consiste na doçura
D'affeminada Musica moderna,
Na remendada frase de mil vozes
Barbaras, ou guindadas, ou rasteiras.
Longe, longe de nós esta manía:
Restauremos o Portuguez Theatro,
Desaggravando a casta lingua nossa
Dos aleivos, que sem razão lhe assacão.

APRIGIO.

Viva o Doutor Leinel, Doutor das Gentes:
Quem me dera q'o bom Goldoni ouvisse
Como ronca hum Poeta de Lisboa!
Agora falla Braz Licenciado.

BRAZ.

Eu que posso dizer? Que me parece
Muito mal tudo quanto aqui se disse.
Que proveito tiramos em metter-nos
No princípio em camiza de onze varas?
Tragedia he cousa que ninguem atura;
Quem ao Theatro vem, vem divertir-se,
Quer rir, e não chorar; lá vai o tempo

De lagrimas comprar ás Carpideiras:
Não faltão boas Operas, Comedias
Em Francez, Italiano, em outras linguas,
Que póde traduzir qualquer pessoa,
Com enredo mais comico; que o povo,
Só se agrada de lances sobre lances:
Quem isto não fizer, já mais espere
Que o povo diga *bravo*, e dê palmadas.
He o voto que dou.

APRIGIO.

Optimamente.
Arnaldo, agora vota.

ARNALDO.

Meus Senhores,
Venho ajustar o preço do Theatro;
Com Dramas não me metto: os Bastidores
He só o que me toca. Porém digo,
Que regular Tragedia nas Italias
Muito ha que se não usa; que a mudança
De Vistas sobre Vistas; as tramoias,
Mares, incendios, Dragos, e batalhas,
São cousas de que o povo se namora.
Já eu fiz em Theatro torvoadas,
Com raios, e relampagos tão proprios,
Que as damas desmaiavão: era hum gosto
Ver a gente fugir dos camarotes
Espantada, bradar misericordia.

ALDONSA.

Negro gosto! Quem póde divertir-se
Co' a pavorosa Scena de hum flagello?

BRANCA.

Bom Architecto! Magico parece.

APRIGIO.

Calai-vos, filhas. Vote agora Inigo.

INIGO.

Muito dizer podia, pois que tenho
Experiencia bastante de Theatros;
Actor de profissão; isto me basta:
E tambem, Senhor Gil, o louro Apollo,
De comigo tratar não se envergonha:
Mas por não demorar a conferencia,
Em branco assignarei; estou por tudo.

ARTUR.

O cão he Mouro.

APRIGIO.

Inigo, desabafa;
Dize quanto souberes: falla, falla:
Es a columna do Theatro novo.

INIGO.

Pois se devo fallar, digo, Senhores,
Que o Theatro sem Dança pouco vale;

Muito menos ſem Muſica. Podia
Quem a gloria quizeſſe de primeiro,
Pôr no Theatro as Operas cantadas
Na lingua Portugueza: eu aqui trago
Huma por mim compoſta neſte goſto.
He a perda de Troia: vê-ſe Eneas
Sahir c'o Pai ás coſtas: vai Aſcanio
Com os caros Penates abraçado:
Arde a Cidade: cahem as altas torres:
Embarca a gente Frigia: muitos annos
Por inhoſpito mar andão vagando,
Até que ſurgem no diſtante Lacio,
Onde Eneas a Turno tira a vida,
E caſa com Lavinia.

APRIGIO.

Bravo! Bravo!

INIGO.

Tem varios dúos, árias, cavatinas:
Eu cuido que desbanco a Metaſtazio.

BRANCA.

Agora ſigo-me eu.

APRIGIO.

Eſpera, Branca.
Perdoa, amigo Jofre, que a memoria
Principia a faltar-me: preterido
Por engano ficaſte; e bem podias
Pedir a tua vez. Perdoa, e falla.

JOFRE.

Em tal não reparei: eu ſou ſincéro,
Digo o que entendo; e cuido q' o Theatro
Sem Muſica, e ſem Dança, nada vale:
Ha couſa mais formoſa, que a ligeira
Callada Pantomima, cujos géſtos,
Sem auxilio das vozes, repreſentão
Reconditas paixões, mudos ſuſpiros,
Que entende o coração, ouvem os olhos?
Que melhor eſpectaculo, que os leves
Grandes ſaltos mortaes? Que ver nos áres
Bater c' os calcanhares oito vezes,
Torcer o corpo, e revirar os braços?
Mas nunca votarei em que façamos
Opera em Portuguez, toda cantada:
Para tanto não he a lingua noſſa:
Algumas árias, dúos, recitados
Se podem tolerar; o mais em proſa:
Para o Theatro nós não temos verſo.

APRIGIO.

Fallas como hum Catão. Que dizes, Branca?

BRANCA.

Eu ſou de parecer, que ſó ſe fação
As Portuguezas Operas impreſſas:
Encantos de Medéa; *Precipicios
De Factonte*; *Alecrim, e Mangerona*:
Em outras nunca achei galantaria.

APRI-

APRIGIO.

Esse voto era digno de mais annos.
A ti, amigo Artur, que te parece?

ARTUR.

Que podem parecer-me taes loucuras?
Estou tonto de ouvir estes Senhores!
Parece-me que estou entre Paulistas,
Que arrotando Congonha, me atordião
Co' a fabulosa illustre descendencia
De seus claros Avôs, que de cá forão
Em jaléco, e ceroulas. Mas pergunto:
As Comedias de Calderon, Mureto,
Candâmo, e Salazar, isso não presta?
Tem bichos, meus Senhores? Tanta gente,
Imperadores, Reis, Infantes, Duques,
Os Condes, e os Marquezes, q' as ouvião
Com gosto, e com prazer, erão huns asnos?
Só estes, meus Senhores, tem juizo?
Que Colombos, e Gamas denodados,
Para achar novos Climas, novos Máres!
Pois digo-vos, que só se a minha Aldonsa
For de contrário voto, o meu dinheiro
Servirá para as barbaras idéas,
De que prenhes trazeis essas cabeças.

APRIGIO.

Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes?

AL-

ALDONSA.

Eu digo, que me louvo no teu voto.

GIL.

Falla, formosa Aldonsa, tu bem sabes
Quaes são as leis, e regras do Theatro.

ALDONSA.

Não acceito a lisonja; porém digo,
Q' em fim approvo quanto tu votaste.

APRIGIO.

Eu que tenho dous votos, digo o mesmo.

ARTUR.

Acabou-se a questão; vivamos todos.

APRIGIO.

Agora, amigo Gil, que obra faremos?

GIL.

Eu tenho varios Dramas traduzidos
De Sophocles, d' Euripides, Terencio.

APRIGIO.

Nada de Grego, nada; fóra, fóra:
Sempre te ouvi dizer, que elles não tinhão
Os lances amorosos de que gosta
O povo Portuguez.

GIL.

Queres a *Castro*,
Tragedia do Ferreira?

APRIGIO.

Deos me livre!
Amigo Gil Leinel, eu desejava
Hum Drama teu: conheço nesses olhos
A suave ternura de teus versos.

GIL.

Pois, Amigo, encetemos o Theatro
Com a minha *Ifigenia.*

APRIGIO.

Bello nome!
Isso he que eu chamo titulo arrogante;
E que em vermelhas letras, nas esquinas
Ha de pescar curiosos a cardumes.
Repartão-se os papeis; vamos a isso.

GIL.

Ifigenia, será Aldonsa bella.

ALDONSA.

He extenso o papel?

GIL.

Não; he pequeno.
O Senhor Jofre seja Achiles: seja....

AR-

ARTUR.

Eſpere ; tenha mão , Senhor Poeta ;
Veja como reparte eſſas garrochas ,
O primeiro Galan a mim me toca.

GIL.

Não póde ſer , Galan ; has de ſer Barbas.

ARTUR.

Eu Barbas ! Eu que empreſto o meu dinheiro !

GIL.

E que tem o dinheiro co'a figura ?
Hum velho nunca póde ſer mancebo ?

ARTUR.

Senhor Poeta Gil , faça-me graça ,
E ponha-ſe na rua. *Levantão-ſe todos.*

APRIGIO.

Artur. . . . Amigo . . . .
Onde eſtá a prudencia deſſes annos ?

ARTUR.

Quaes annos. *Antes que todo es mi Dama* :
Aldonſa , não a largo ; tenho dito.

JOFRE.

Que tal , Senhora Aldonſa ?

AL-

ALDONSA.

Escuta, Jofre.

BRANCA.

Senhor Artur Bigodes, não se engrile;
Será o que quizer: quer ser Achilles?

BRAZ.

Arnaldo amigo, vamo-nos çafando,
Que isto não pára aqui.

ARNALDO.

He gente douda.
Vão-se os dous.

SCENA VII.

Todos, menos os dous.

APRIGIO.

OH Paz, serena Paz! Que nos deixaste,
E abrindo as brancas azas te sumiste!
Inspira-me palavras, com que possa
O velho socegar incarniçado.
Amigo Artur Bigodes, que me perdes!

ARTUR.

Queria o Doutor Gil, esse barbicas,

Po-

Poeta bordalengo, desfraudar-me
D'ametade de mim! Fóra c'o talho!

INIGO.

Jofre amigo, despede-te de Aldonsa.

GIL.

Amigo Aprigio Fafes, eu attendo
Ao respeito devido á tua casa;
Por isso não respondo a taes injúrias.

ARTUR.

A Deos, Senhor Poeta; faça versos
A's moças do seu bairro; não se metta
A Padre Cura de outra Freguezia.

GIL.

Senhor Artur Bigodes, fallaremos. *Vai-se.*

SCENA VIII.

Os mesmos, menos Gil.

JOFRE.

A Deos, ingrata Aldonsa.

ALDONSA.

Ouve-me, Jofre.

JO-

JOFRE.

Não venho do Brazil; eu cá ſou pobre.

BRANCA.

A mana não tem culpa: crê-me, Jofre.

ARTUR.

Senhor Meſtre de Solfa, vá-ſe embora,
Que eſta menina toma agora eſtado,
E vai ſenhora ſer da ſua caſa.

INIGO.

Branca, o Mineiro cuida que eſta caſa
He cenzala, ou poſſilga de crioulos.

BRANCA.

Aſſim convem, aſſim melhor ſe encrava.

APRIGIO.

Amigo Artur, as noivas não coſtumão
Os Meſtres deſpedir: levão comſigo
Cravo, livros de Solfa. O Meſtre attento
Vai logo no outro dia viſitalla.

ARTUR.

Se for a minha caſa, hei de partillo.

JOFRE.

Sim, barbas lhe deo Maio. A Deos, Aprigio.
Vai-ſe.

AL-

ALDONSA.

Infauſta sêde de ouro, a quanto obrigas
A cara liberdade! O puro affecto
A duro captiveiro hoje condemnas!

ARTUR.

Amigo Aprigio Faſes, de Theatro
Bem te podes deixar; aſsás nos báſtão
Os Theatros, que temos em Lisboa:
Nem tudo ha de ſer Operas, ou Comedia.
Eu caſo com Aldonſa, e dóto Branca:
O noivo, lá o buſca; pois conheces
Os Bonifrates de chapéo pequeno,
De rabicho, e caſacas eſtiradas,
De que goſtão as moças deſte tempo.

APRIGIO.

Alli Inigo eſtá, que para Genro
Deſeja de comprallo a meſma Thetis.

INIGO.

Que ventura maior! Branca, que dizes?

BRANCA.

Bem ſabes o que poſſo reſponder-te,
Se de antigos extremos não te eſqueces.

APRIGIO.

Inda o Fado não quer, inda não chega
A Epoca feliz, e ſuſpirada,

De

De lançar do Theatro alheias Muſas,
De reſtaurar a Scena Portugueza.
Vós Manes do *Ferreira*, e de *Miranda*:
E tu, ó *Gil Vicente*, a quem as graças
Embaláraõ o berço, e te graváraõ
Na honrada campa o nome de Terencio;
Eſperai, eſperai, q' inda vingados,
E ſoltos vos vereis do Eſquecimento.
Illuſtres Portuguezes, no Theatro
Não negueis hum lugar ás voſſas Muſas:
Ellas, não as alheias, publicaráõ
De voſſos bons Avôs os grandes feitos,
Que eternos ſoaráõ em ſeus Eſcritos:
E podeis eſperar paga tão nobre,
Se deteſtando parecer ingrato,
Lhe defenderdes o Paterno Ninho,
E quizerdes com honra agazalhallas.

AS-

ASSEMBLEA,
OU
PARTIDA.

DRAMA.

ACTORES.

BRAZ CARRIL.

D. URRACA AZEVIA, *Mulher de Braz Carril.*

JOFRE.
D. DULCE. } *Filhos dos ditos.*
D. BRANCA.

JACOB BILHOSTRE.

GASPAR PICOTE.

GIL FUSTOTE, *Compadre de Braz Carril.*

DOUTOR MUCONIO, *Medico.*

D. MAFALDA, *ſua filha.*

FLORESTÃO, *Eſcudeiro.* } *de Braz Carril.*
LOURENÇA, *Criada.*

Hum Alcaide.

Hum Eſcriváo.

Dous Gallegos.

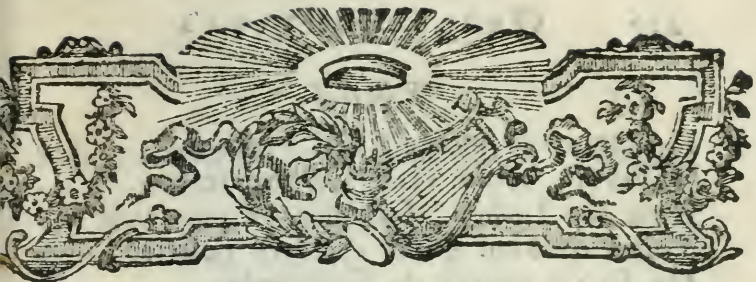
Proſtaticas.

Jogadores, e convidados.

Damas convidadas.

Quadrilheiros.

A Scena repreſenta a caſa de Braz Carril.

SCE-

SCENA I.

Braz Carril, e Gil Fustote.

BRAZ.

Ntendes, Gil Fuſtote, o que te digo?

GIL.

Entendo, entendo: dizes que partida
Hoje em caſa terás, ou Aſſembléa;
Amigo Braz Carril, eſtas galhoſas,
Jantares, e merendas são o fruto
Da reloucada teima de Fidalga
Com que tua mulher ſagaz te enloixa,
Ou te embrulha na rede em que perneas:
Compaixão grande, compaixão me deves.
Partidas! Aſſembléa! Que mania!

BRAZ.

E chamas tu mania, Gil Fuſtote,
O viver, como vive a gente ſéria
Hoje em Lisboa? Grandes, e pequenos
Todos querem gozar das ſans delicias,
Do ſuave prazer da Companhia.

GIL.

Sem eſſes bons prazeres, e delicias
Noſſos Avôs, e noſſos Pais vivêrão
Fartos, alegres, ricos, e contentes.

BRAZ.

Ora já que traziáo retorcidos
Os grizalhos bigodes; eſtirada
A eſqualida guedelha: no peſcoço
Creſpas golilhas: gorra na cabeça;
As calças retalhadas, e pantufos;
Não tragas tu caſaca, e cabelleira,
Nem átes com fivelas os çapatos.
Mudão-ſe os tempos, mudão-ſe os coſtumes.
Não vês no frio Inverno ao tronco annoſo
Cahir-lhe as murchas cans, e quando torna
A freſca Primavera, verdejarem
Cobertos de mil folhas novos ramos?
Aſſim as modas são, aſſim os uſos:
E devemo-nos todos ſujeitar-nos
A tão perpétuas leis da Natureza.

GIL.

GIL.

Amigo, amigo, eſtás perdido .... Doudo.

BRAZ.

Com os olhos abertos.

GIL.

Não to invejo,
Nem quero governar a caſa alheia:
Fica-te em paz com tuas Aſſembléas,
Podes ſem mim fazer a Synagoga.

BRAZ.

Caro Fuſtote, eſpera que não poſſo ....

GIL.

Eu não canto, nem ſou árreborrinho:
Pouco góſto de Chá, menos de Jogo:
Falta cá não farei: a Deos, Amigo.

BRAZ.

Eſpera, eſpera, podes divertir-te,
Ouvindo duas árias, temos doce,
E doce delicado, ſe quizeres.

GIL.

Não caio neſſe anzol.

BRAZ.

Meu Gil Fuſtote,

Eſpera, eſcuta....

GIL.

Dize, que mais queres?

BRAZ.

Eu queria pedir-te algum dinheiro,
Porque eſtou ſem real: olha em que dia!

GIL.

Pois a perpétua lei da Natureza,
Que murcha as folhas, e que traz partidas,
Não dá tambem dinheiro para o gaſto?

BRAZ.

Amigo Gil Fuſtote, eu pouco peço;
Dá-me, ſe quer, ſeis mil e quatrocentos:
Acode-me; e conforme o noſſo ajuſte
Sete e duzentos, lançarás na conta.

GIL.

Seis mil e quatrocentos! Quem mos dera?
Não me pagão tão bem os teus foreiros;
E a divida vai já de foz em fóra.

BRAZ.

Oito mil reis porás.

GIL.

Iſſo he perder-te.

BRAZ.

BRAZ.

Qual perder-me.

GIL.

Amigo, eu não podia;
Mas vejo o grande aperto... Toma ... eſcuta:
Eu chamo a Deos dos Ceos por teſtemunha
Sem juro te levar, ſem intereſſe
De tão forçoſa vexação remir-te;
E que o pouco que mandas q' accreſcente
A' noſſa conta, he dado, e não por força;
Sim de livre vontade. A Deos, amigo,
Que vou veſtir-me, e logo tórno. *Vai-ſe.*

SCENA II.

Braz ſómente.

BRAZ.

Tenho
Para ſequilhos, chá, café, e cartas,
Fálta ſó pára luzes. Que remedio!
Recorro ao coſcorrinho da Senhora,
Que he fonte limpa. Dona Urraca ... Urraca ...
Cantando.

SCE-

SCENA III.

BRAZ, e URRACA.

URRACA.

ASsim ſe chama, Braz, huma Fidalga?

BRAZ.

Perdoa, filha, que hoje não me lembro
Nem de Excellencias, nem de Senhorias:
Mandando á via eſtou a não ronceira.
Com vento eſcaſſo, e com eſtofas aguas.

URRACA.

O rato ſempre foge para a palha;
E preto velho não aprende lingua.

BRAZ.

Que vens a dizer niſſo? Que me eſqueço
De etiquetas, meſuras, ceremonias,
E mais ritos, e leis da fidalguia,
Com que queres Urraca ſer tratada?
Ou entendes, que meus Progenitores
Deſcendem de outro Adão, e que não forão
Por ſeus honrados feitos eſtimados,
Bons Vaſſallos fieis, e ſervidores?

UR-

URRACA.

Tem bem que ver Carris, com Azevias
Por linha mafculina defcendentes
De Principes, de Reis, Imperadores,
E que até nos colchetes dos coftados
Tem mitras, e roquetes!

BRAZ.

Bafta, bafta!
Senhora, Excellentiffima Senhora, *Fazendo-lhe*
Dona Urraca Azevia! Mas menina, *muitas cor-*
Vamos ao cafo: falta para a noite *tezias.*
Dous arrateis de vélas... Eu não poffo....

URRACA.

Queres, já fei, pregar-me effe callote.

BRAZ.

Não he callote: que pagar prometto.

URRACA.

Quando tiverem dentes as gallinhas;
Mas para que conheças que não falto
Quanto he precifo, mandarei bufcallos.

BRAZ.

Onde mezas não ha, não ha cadeiras,
Colheres, cafticaes, pratos, bandejas:
Querer dar Affembléas, e Partidas,
He nadar fem bexigas.

URRACA.

Mas com labia
Tudo ſe vence, tudo ſe conſegue;
Porque a gente ordinaria agazalhada
Com huma tal lhaneza, facilmente
Deixa cardar a lã. Anda o dinheiro
Pelas mãos de villões contra vontade;
E como galgo em tréla cubiçoſo
De entrar nas algibeiras de Fidalgos,
Para brilhar com pompa, e luzimento
Em ricas mezas, em cuſtoſas galas.

BRAZ.

Ah, Voſſa Senhoria, ou Excellencia,
He perdida entre nós: que sã doutrina,
Que politicas maximas do Eſtado,
Cahindo não lhe eſtão por entre os dedos.
Que florente não fora o vaſto Imperio
Das fulas Amazonas, ſe o regêra
Tão gentil coração, alma tão nobre.

URRACA.

Só me julga capaz de mandar gente
Tão cáfara, e boçal? Negros, Tapuias?
Agradeço-te, Braz, o bom conceito
Que tu fazes de mim: bem me conheces,
Se foſſe outra qualquer deſſas que campão
Por Letradas, que goſtão de ouvir verſos,
Que os repetem, que os fazem, ſe lhos fazem,
Deſſas....

SCE-

SCENA IV.

Hum GALLEGO *com huma teiga, e os meſmos.*

GALLEGO.

AQui, Senhor, manda meu Amo
Senhor Jacob Bilhoſtre, o que ſe pede,
Vem oito caſtiçaes; diz que tiſoura
He traſte que não tem, menos de prata;
Que virá a ſeus pés, como lhe ordena,
Que ſempre eſtimará poder ſervillo.

BRAZ.

Vai-te, dize ao Senhor Jacob Bilhoſtre,
Que tudo recebi, que fica entregue.

Vai-ſe o Gallego.

SCENA V.

BRAZ, e URRACA.

BRAZ.

VEjamos que taes são. Oh lá! Soberbos!
Que ſécia, minha Urraca! Eſtás contente?

UR-

URRACA.

Nunca vi caſtiçaes? Tu imaginas
Que em berço de cortiça me embalárão?
Que naſci n' hum curral?

BRAZ.

Não digo tanto;
Mas olha, são magníficos, e novos.

URRACA.

Na verdade são bons, mal empregados
Em caſa, onde baſtava huma candeia;
E talvez que nem eſſa ella teria,
Quando cebo vendia ao Remulares
Na fetida baiúca.... Mas o tempo....

SCENA VI.

Outro GALLEGO *com teiga, e os meſmos.*

GALLEGO.

AQui manda o Senhor Gaſpar Picote
Açucareiro, bulle, e cafeteira
Com tres duzias de chicaras, e pires,
Que ſente não ter mais; e fica prompto
Para a voſſas mercês ſervir em tudo.

UR-

URRACA.

Mercê, a mim mercê? mercê, maroto! *Irada, e*
Atrevido, insolente, vai-te embora, *furiosa.*
Tu não sabes fallar? Dize a teu amo
Que te mande ensinar: logo pareces
Criado de Villão....

BRAZ.

Urraca, Urraca....

URRACA.

Tolo, tolo! E pertendes que tolere
Semelhante dizer? Foras tu outro,
E souberas melhor desaggravar-me.
Mas tenho quem nas veias lhe circule
O sangue generoso de Azevias,
Que vingar saberá tamanha offensa. *Vai-se.*

SCENA VII.

GALLEGO, e BRAZ CARRIL.

GALLEGO.

A Senhora está douda? Coitadinha.

BRAZ.

Vai-te, rapaz, a Deos, vai-te de pressa,
Não te venha pregar alguma surra.

GAL-

GALLEGO.

A mim! Senhor, porque?

BRAZ.

Çafa-te, foje.
Vai-se o Gallego.

SCENA VIII.

Jofre, Urraca, Florestão, Lourença, e Braz.

JOFRE.

MAroto... Patifão... Villão... Gallego...
Atrevido... Insolente... *Correndo todo o Theatro.*

BRAZ.

Oh lá, que he isto?
Jofre, não ouves? Onde vais? ... Espera. *Correndo atrás de Jofre.*

JOFRE.

Este Villão ruim, ladrão, patife...

URRACA.

Mata, filho, mata. A ferro, e fogo
Assolárão teus inclytos maiores
Tetuão, Azamôr, Tângere, Arzilla.

FLO-

FLORESTÃO.

Mate, Fidalgo, mate esse Gallego
Seja David, do sordido Golias. *Com huma tisoura.*

BRAZ.

Tem mão, tem mão. *A Jofre.*

JOFRE.

Senhor, deixe-me.

URRACA.

Mata.

Mata, meu filho, mata.

FLORESTÃO.

Morra, mate.

BRAZ.

A quem, a quem? *Enfadado.*

JOFRE.

Villão....

URRACA.

Filho....

FLORESTÃO.

Fidalgo....

LOU-

LOURENÇA.

Mate....

BRAZ.

Tem mão, oh lá! Jofre, que fazes? *Péga-lhe no braço.*

LOURENÇA.

Com a pá de varrer nesta batalha
A forneira serei de Aljubarrota. *Dando em Jofre.*

BRAZ.

Não ouves, marotão? Anda patife. *Dá-lhe.*

URRACA.

Villão....

FLORESTÃO.

Fidalgo.

URRACA.

Assim se trata hum filho,
Descendente de heroes?

FLORESTÃO.

Fidalgo. *Sustendo a Braz.*

LOURENÇA.

Dalgo.

FLORESTÃO.

Vossa Excellencia, Vossa Senhoria....

SCE-

SCENA IX.

Jacob, e os ditos.

JACOB.

A Partida por Entremez começa?
Senhora Dona Urraca.... Amigo, amigo.

BRAZ.

Senhor Monſieur Bilhoſtre, eſte magano....

URRACA.

Senhor Bilhoſtre, hum filho meu... Fidalgo
Deſcendente do grande Lancerote
Que a Barbasrôxas arrancava as barbas,
Que arraſtou pelos ſordidos cabellos
Solimões, Muſtafas, e Mafamedes,
Não devêra ſeu Pai injuriallo,
E na minha preſença.

BRAZ.

Mas que injúria?

URRACA.

Não he injúria dar-lhe bofetadas?
Alma fidalga de meu Pai, que gozas
No Empyreo ao menos do lugar de Duque,
Co-

Como não desces a vingar tamanha,
Tão desmedida affronta?

JACOB.

Não, Senhora,
O castigo de hum Pai não he injúria.
Mas, Senhores, o dia de partida,
Hum tão solemne dia, não he dia
De arruidos, de rixas, e disputas:
Em Londres, em Pariz, Parma, e Veneza
Estes bons dias são em todo o Mundo
Ao prazer, e socego dedicados.
Solto, e mil farpas de ouro despedindo
Anda voando Amor nas Assembléas,
E qual sonora abelha em lindas flores
Bebe o suave nectar nos formosos,
E triunfantes olhos das Madamas,
Com que ferozes corações abranda,
D'homens os mais austéros, e sizudos.

BRAZ.

Muito bem me parece: pazes, pazes.
Leva a teiga dahi: ouves, Lourença?

URRACA.

Que pertendes, meu Jofre?

JOFRE.

Huma arrecada,
Que me cahio da orelha: e tenho sangue.
Apalpando-a.

BRAZ.

BRAZ.

Huma orelha?

FLORESTÃO.

Não, Senhor, hum brinco.

URRACA.

Buſca, Lourença.

LOURENÇA.

Hum... dous... tres, e argollinha
* *Brincando, e cantando.*
Eila... não... finca pé de pampollinha. * *Parando.*

FLORESTÃO.

Eila, Fidalgo. Alviçaras, Fidalga.

BRAZ.

Ora eſtá bem, Senhora, vá veſtir-ſe:
Vai tu, Lourença, vai limpar a prata;
E tu vai, Floreſtão, comprar o doce.

URRACA.

Com licença, Senhor. *Fazendo huma meſura, vai-ſe.*

JACOB.

Minha Senhora.

JOFRE.

Quem ha de pentear-me, ſe vais fóra?

FLORESTÃO.

Se me manda seu Pai.

BRAZ.

Não, não, primeiro
O podes pentear.

FLORESTÃO.

Vamos, Fidalgo.

JOFRE.

Vamos de pressa, Florestão, que he tarde.
Vão-se.

SCENA X.

JACOB BILHOSTRE, e BRAZ CARRIL.

JACOB.

HOje, Senhor Carril, vinha mais cedo
Para metter em ordem de batalha
As mezas, e cadeiras: todos fallão
Em Partida, Assembléa: poucos sabem
As regras da importante symmetria,
Com que se deve preparar a sala,
Que serve para hum acto tão vistoso;
Po-

Porém vejo que tudo eſtá já prompto,
Tudo no ſeu lugar.

BRAZ.

Falta-me a cera,
Acabou-ſe o dinheiro.

JACOB.

Eu pouco trago:
Baſtará hum quartinho?

BRAZ.

Baſta, baſta:
Eu lhe mando já vir as raparigas.

JACOB.

Muito bom Cravo.

BRAZ.

He do Doutor Mucónio,
Daquelle Corifeo da Medicina.

JACOB.

Elle vem cá?

BRAZ.

Eſpero que não falte.

JACOB.

Sua filha virá?

BRAZ.

Foi convidada.

JACOB.

Venha com Deos.

BRAZ.

Eu cuido que me chamáo.

SCENA XI.

JACOB, BRAZ, DULCE, e DONA BRANCA.

DULCE.

VÁ depressa, meu Pai, que he lá preciso.

BRAZ.

Que falta lá?

DULCE.

Dinheiro para açucar. *Vai-se Braz.*

BRANCA.

Boa tarde, Senhor Jacob Bilhostre.

JACOB.

Senhora Dona Branca, boa tarde.
Minha Dulce, meu bem, minha Senhora.

DULCE.

A Pedro donde vem fallar Gallego?

JACOB.

Do coração, do coração rebenta
O vezuvio de fervidos suspiros,
Com que humilde, captiva a liberdade,
Ante esses lindos olhos ajoelha.

DULCE.

Não me falle em Latim, que não entendo.

JACOB.

Entendes bella Dulce, bem me entendes,
Estas as frases são, com que se explica
Huma alma tão discreta que te adora.

DULCE.

O bem que representa! Logo mostra
Que a filha do Doutor soube ensaiallo.

JACOB.

A filha do Doutor?

DULCE.

Dona Mafalda.

JACOB.

Se eu, Branca, lhe fallei....

BRANCA.

Eu, que me importa.

JACOB.

Efcuta, minha Dulce....

DULCE.

He mui formofa!

JACOB.

Aqui de cumprimento....

DULCE.

Mui difcreta.

JACOB.

Se fui a fua cafa.....

DULCE.

Que bem canta!

BRANCA.

Dança muito melhor!

JACOB.

Porêm, Senhoras....

DUL-

DULCE.

Tem bom dote.

JACOB.

Mas eu....

BRANCA.

O Pai he rico.

JACOB.

Efcuta, minha Dulce....

DULCE.

Eu não fou fua.
Da formofa Mafalda he fó vaffallo,
Effe perdido coração infame;
Tudo, tudo já fei.

JACOB.

He tudo engano.
Se, Dulce, quebrantei a fé jurada,
Nunca mais a meus olhos efclareça
O vivo, e gentil lume que amanhéce
Em teu femblante angelico; troando
Em vermelhos corifcos fe converta,
Caia, fulmine, affombre, defpedace
Alma, vida, fentidos, penfamentos,
E o fido coração onde tu reinas
Deixe a teus pés de lagrimas banhados
Entre pizadas cinzas palpitando.

DUL-

DULCE.

Branca, não lhe resisto.

BRANCA.

Eu me estremeço.

JACOB.

Dulce, minha Senhora, Dulce amada,
Ah! não fujas, escuta, ouve-me, espera,
Ao menos me permitte o desafogo
Daquella mão beijar por despedida,
A cujo acêno o mesmo Amor se humilha.
E que de Amor o arco retorcido
Enristadas as fréxas estridentes
Mirou ao fraco peito que anhelava
De teus soberbos olhos ser ferido.
Bem me viste cahir, Dulce, bem viste
Do roto coração o sangue quente
Fumegando brotar, e em crespos rios
Alagar a campanha que pizavas,
Os miseros despojos arrastando.

DULCE.

Oh que fracas nós somos! Pois nos rende,
Nos encanta, e captiva a liberdade
O doce som d' umas sonoras vozes,
Que raras vezes, Mana, percebemos.

BRANCA.

As que de versos gostão, não resistem

A'

A' buena dicha d' um Poeta amante.

JACOB.

Dulce, formoſa Dulce! Dulce ingrata,
Se minhas triſtes queixas não entendes,
Entende, entende as lagrimas que choro:
Olha, vê c' os teus olhos, em meus olhos
Brilhar o vivo fogo, com que abrazas
Huma alma, que ſó vive de querer-te.

DULCE.

Branca, não poſſo .... Morro.

BRANCA.

Choras, Dulce?

DULCE.

Baſta, baſta Jacob, em fim venceſte,
De tão fiel rendida vaſſallagem
Não quero deſprezar o ſacrificio;
Mas ouve a dura lei, ſe me promettes
Obſervalla com animo conſtante.

JACOB.

Pela luz dos teus olhos o prometto.

DULCE.

Vê o que dizes, nunca mais a caſa
Tornarás de Mafalda.

JACOB.

Assim o juro,
Dulce, minha Senhora.

SCENA XII.

GASPAR PICOTE, e os mesmos.

PICOTE.

Boa tarde,
Senhora Dona Dulce: minha Branca,
Boa tarde, ou bons dias, pois já vejo
Que vão amanhecendo nesta casa
Os polidos costumes estrangeiros.
Graças a Deos, que temos Assembléa,
Que já temos Partida, que podemos
Sem pejo conversar, que rir podemos
Sem receio dos olhos assustados,
Com que a Senhora Dona Urraca altiva,
Inda mais que ciosa, pertendia
Espantar os lindissimos Amores,
Que em torno do seu rosto andão voando.

BRANCA.

Isto he Comedia, Dulce; trazem ambos
Os papeis estudados.

DUL-

DULCE.

Eu te creio.

BRANCA.

Imaginas, Senhor Gaſpar Picóte,
Que iſto he caſa de baile? Inda não ſabes
Que peſſoas da noſſa qualidade....

PICOTE.

Já vejo, são de pedra, são de bronze:
E em vez de alvos, de cryſtallinos peitos,
Trazem arnezes d'aço, e diamante,
Onde de balde rompe Amor as ſettas.

BRANCA.

Não o diga zombando, póde crello.

PICOTE.

Santas Paſcoas; mas iſto de Partida
He a feira da Gualva, onde ſe eſcolhe:
Logo viráõ Pelouros, branda cera;
Que com mui pouco lume ſe derrete.

DULCE.

Lé com lé, cré com cré.

PICOTE.

Amor he cego,
E nunca ſoube ler Genealogias.
Dize, Branca, virá Dona Mafalda?

BRAN-

BRANCA.

Virá, logo virá, perfido, ingrato.

DULCE.

Tu chóras, Branca?

BRANCA.

Chóro, Dulce, chóro
O negro fado, a minha desventura,
Que a querer me forçou com tanto extremo
Hum perjuro, traidor, perfido, ingrato.

PICOTE.

Hum perjuro, traidor, perfido, ingrato,
Palavras são de Amor, e de quem ama;
Mas tão grande Senhora, e tão fidalga
Não póde ter amor, amar não deve,
Que desta vil paixão nasceo izenta.
E dous milhões de Avôs, que não farião,
Se sonhassem que a Neta namorada
Maculava a prosapia generosa,
Acolhendo os suspiros de hum amante,
Que ao certo não se sabe se descende
De Abel, ou de Caim. Melhor me fora
Remar n' uma Galé, qual outro Orestes
Das veneraveis Furias avexado
Me víra em toda a parte perseguido
De finados Heroes, sombras illustres.

JA-

JACOB.

Caro amigo Picote, baſta, baſta,
Eſtes arrufos são de namorados.
Mas hoje não he dia....

SCENA XIII.

Jofre, e os ditos.

JOFRE.

Meus Senhores,
Meu Jacob, meu Gaſpar, caros amigos....
Mas pára, carruagem; foi á porta....
Será Dona Mafalda.... Com licença.
Vou abaixo buſcalla, e dar-lhe o braço. *Vai-ſe.*

PICOTE.

Perdoa, minha Branca.

BRANCA.

Ahi vem Mafalda,
E não vais recebella?

PICOTE.

Não, Senhora.

SCE-

SCENA XIV.

Jofre, Mafalda, Urraca, e os ditos.

MAFALDA.

NÃo pude vir mais cedo, Senhor Jofre.

JOFRE.

Quando a Aurora apparece, ſempre he cedo.

BRANCA.

Eu aqui venho já c'a minha Dama.

URRACA.

Minha linda Mafalda, quanto eſtimo
Que venhas divertir-te, e divertir-nos.

BRAZ.

O Doutor não virá?

MAFALDA.

Teve recado
Para ir a huma junta; mas vem logo.

SCENA XV.

Gil Fustote, Lourença, Braz, e Florestão.

GIL.

Ora vejamos isto de Assembléa
Em que vem a parar.

BRAZ.

Que te parece,
Amigo Gil Fustote? Não te agrada
Tão sincéra alegria?

GIL.

Agrada, agrada.

BRAZ.

Não ha maior prazer, que a companhia.

GIL.

Té o lavar dos cestos he vendima.

BRAZ.

Lourença, Florestão, venhão cá todos,
Tragão cadeiras, tragão cartas, luzes.

LOU-

LOURENÇA.

Trarei os caſtiçaes, ou candieiro?

BRAZ.

O Candieiro, tolla. Vélas, vélas.

LOURENÇA.

Sem caſtiçaes?

BRAZ.

Com caſtiçaes. Que burra!

LOURENÇA.

Temos ſepulcro. *Vai-ſe.*

FLORESTÃO.

Cuido que he charola. *Vai-ſe.*

SCENA XVI.

BRAZ, JACOB, GASPAR PICOTE, JOFRE, GIL FUSTOTE, MAFALDA, DULCE, BRANCA, e URRACA.

BRAZ.

EIa, Senhores, vamos, comecemos
A famoſa Partida, haja fandango,
Alegria, brinquemos, alegria;

Eó-

Fóra huma cá ſe lance, fallem, fallem:
Minhas Senhoras, dancem, cantem, rião:
Fóra, fóra daqui as ceremonias.
Allon, ſentar, ſentar ſem precedencias,
Venha chá, venha doce, venhão cartas,
Joguem, e ralhem, gritem, deſcomponha
O praceiro ao praceiro, he deſafogo,
Que foi ſempre a quem perde concedido.
Senhor Bilhoſtre, a boa Poeſia
A pezar de Platão, e de ſeiscentos,
Que nunca o lêrão, ſeu lugar merece:
Venha mote, lá vai, lá vai, ouçamos.

JACOB.

Amigo Braz Carril, a Poeſia
Não he Aduſe, Gaita, nem Viola,
Que tanja cada qual quando lhe agrada;
Logo, logo ſerá.

PICOTE.

Ao Cravo, ao Cravo,
As Senhoras cantando nos inſpirão
Verſos das Muſas, e de Apollo dignos.

JOFRE.

A Senhora Mafalda principie.
Já pezados nas azas os Amores
Eſtão co' a boca aberta para ouvilla,
E os eſtrondoſos ventos enclauſtrando
Eolo amarra o Odre, porque teme
Que tão doces angelicos accentos

Varrendo os manſos áres lhe deſmanchem.

MAFALDA.

Iſſo, com pouco mais, era hum Soneto.

DULCE.

E dos da moda.

PICOTE.

O Prologo he já grande.
Vamos, que o tempo voa.

BRAZ.

He certo, he certo;
Senhores, attenção: fallem calados:
Vá, ſente-ſe, Senhora Mafaldinha.
Mas eſpere; a Cantata de Dido ha de
Ser recitada: Seja em pé. Ouçamos.

MAFALDA.

Inda mais eſſa?

BRAZ.

Faltão baſtidores,
Cuidarei no Theatro pouco a pouco.

CAN-

CANTATA.

MAFALDA.

JÁ no rôxo Oriente branqueando
As prenhes vélas da Troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos Ventos se escondião.
A miserrima Dido
Pelos Paços reaes vaga ullulando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta:
Com medonho fragor na praia núa
Fremem de noite as solitarias ondas:
E nas douradas grimpas
Das cúpulas soberbas
Piáo nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulcro
Attonita imagina
Que mil vezes ouvio as frias cinzas
Do defunto Sichêo com débeis vozes,
Suspirando chamar: Elisa, Elisa.
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara;
Mas vio esmorecida
Em torno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças:
E o derramado vinho

Em pélagos de ſangue converter-ſe.
Frenetica delira;
Pállido o roſto lindo,
A madeixa ſubtil deſentrançada;
Já com trémulo pé entra ſem tino
No ditoſo apoſento,
Onde do infido amante
Ouvio enternecida
Magoados ſuſpiros, brandas queixas:
Alli as crueis Parcas lhe moſtrárão
As Iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado deſcobrião
O luſtroſo pavêz, a Teucra eſpada.
Com a convulſa mão ſubito arranca
A Lamina fulgente da bainha,
E ſobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro cryſtallino peito:
E em burbutões de eſpuma murmurando
O quente ſangue da ferida ſalta:
De rôxas eſpadanas rociadas
Tremem da ſala as Doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-ſe,
Tres vezes deſmaiada ſobre o leito
O corpo revolvendo, ao Ceo levanta
Os macerados olhos.
Depois attenta na luſtroſa malha
Do profugo Dardanio,
Eſtas ultimas vozes repetia,
E os laſtimoſos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer ſe ouvirão.

Do-

Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Em quanto os fados,
Em quanto Deos
O consentião.
Da triste Dido
A alma acceitai,
Destes cuidados
Me libertai.

Dido infelice
Assás viveo;
D'alta Carthago
O muro ergueo:
Agora núa,
Já de Charonte,
A sombra sua
Na barca feia,
De Flegetonte,
A negra veia
Surcando vai.

BRAZ.

Bravo, bravo!

DULCE.

Que viva!

JACOB.

Bravo!

BRANCA.

Viva!

URRACA.

Excellente Cantata!

PICOTE.

Bella, nobre!

JACOB.

A Muſica he ſublime!

JOFRE.

A Poeſia
Náo he menos ſuave, e na verdade
Póde calçar o Tragico Cathurño.

MAFALDA.

He do Senhor Bilhoſtre.

BRANCA.

Viva, viva!

DULCE.

He do Senhor Bilhoſtre?

JA-

JACOB.

Sim, Senhora.

DULCE.

Fella para a Senhora?

JACOB.

Não, Senhora.

MAFALDA.

Não, minha Dulce.

DULCE.

Basta, já percebo.

BRAZ.

Seguem-se versos, cantem os Poetas
Com plectro de marfim em Lyras de ouro.

JOFRE.

Lá vai.

BRAZ.

Tu o primeiro?

URRACA.

Tu Poeta?

SONETO.

JOFRE.

NÃo menti, não, ſe diſſe q'os Amores
Eſtavão no ar ſuſpenſos, eſperando
Que tua voz divina modulando
Aplacaſſe dos Ventos os furores:
Ergue, Mafalda, os olhos vencedores,
Vêllos-hás para aqui andar voando,
E os retrocidos arcos affrouxando
Largar das tenras mãos os paſſadores.
Não vês o fulvo Téjo c' o Tridente
Os cavallos azues eſtar detendo
As levantadas ondas reprimindo?
Se iſto ſente Mafalda, quem não ſente,
Que não ſentirei eu, ouvindo, e vendo
Tua angelica voz, teu roſto lindo?

MAFALDA.

Bello, ſublime!

JACOB.

Viva!

BRAZ.

Bravo, bravo!

PI-

PICOTE.

Que viva, Senhor Jofre!

JOFRE.

Baſta, baſta.

URRACA.

Tu Poeta, meu Jofre? Coutadinho!

PICOTE.

E que máo he, Senhora, ſer Poeta?

URRACA.

De frenezi tão louco imaginava
Que ſó pobres, villões, adoecião;
E teus grandes Avôs, q'erão illuſtres,
Sabião de cavallos, não de livros.

BILHOSTRE.

Serião excellentes Alveitares.

DULCE.

Poetas, nunca achei nos Nobiliarios.
Antes Mouro, ou Judeo.

BRANCA.

Dulce, eſtás douda?

JACOB.

Que ha de ſer, ſe eu compuz o recitado.

BRAZ.

BRAZ.

Victor sério, Senhores; versos, versos.

DULCE.

Queres que todos só de versos gostem,
He perverter as leis da Natureza.

JACOB.

He perverter as leis da Natureza.

SONETO.

SE tuas longas azas despregando
De negras louras plumas estofadas
Atrás das leves horas apressadas
O bom dia q'espero vem voando:
Como te estás, ó Tempo, demorando
Nestas só de desgosto prolongadas:
Já que vierão tão acceleradas,
Co'a mesma pressa deixas ir passando.
Mas eu cuido que a scena lastimosa
De meus males te deixa suspendido,
Ou perdes só comigo a ligeireza.
Ah! foge de Tragedia tão pasmosa,
Que mostrar-te huma vez enternecido
He perverter as leis da Natureza.

DULCE.

Viva!

PICOTE.

Bonito!

BRAZ.

Dee-me c'os pés n'alma!

URRACA.

Nem o Soneto os tem, nem tu Amores.

BRAZ.

O Soneto tem pés, amor eu tenho.

URRACA.

Insolente, traidor, tu imaginas
Que ter hum velho amor, náo he tontice?

PICOTE.

Que ter hum velho amor, não he tontice.

SO-

SONETO.

ESTavão as tres Graças penteando
O cabello ſubtil de Amor hum dia,
Qual c' o marfim Aſſyrio lhos abria,
Outras andão mil gemmas preparando.
Amor, como rapaz, de quando em quando
Co' a dourada cabeça lhe fogia;
Porém vê q' Eufroſina ſe ſorria,
Porque Aglauro lhe eſtá as cans tirando.
O menino paſmado vê no eſpelho
Por entre os anneis de ouro reluzente
Branquejar a ſaraiva da velhice:
Suſpira, e diz: Oh! Saiba a cega gente,
Que Amor naſcendo moço ſe faz velho,
Que ter hum velho amor, não he tontice.

URRACA.

Senhor Picote, viva muitos annos.

BRAZ.

Bravo, Picote, viva, bom Soneto!

BRANCA.

Viva, Senhor Picote! Ha de eſcrevello.

PICOTE.

Tal não farei, por certo.

BRAZ.

BRAZ.

Eu tambem quero
Moſtrar o meu talento : venha mote.

URRACA.

Que fazes, Braz, que fazes?

BRAZ.

Verſos, verſos;
Porque tambem levei palmatoadas,
Aprendi, eſtudei; e no meu tempo
Soube mui bem Syntaxe.

SCENA XVII.

Muconio, e os ditos.

MUCONIO.

Boas noites.
Criado, meus Senhores, e Senhoras.

JOFRE.

Senhor Doutor Muconio.

MUCONIO.

Senhor Jofre.
Mas que vejo, Senhores! Fujão, fujão.
Foge, Mafalda, fujão, fujão todos.

BRAZ.

BRAZ.

De que havemos fugir?

DULCE.

Ai que eu desmaio.

BRANCA.

Que he?

URRACA.

Que será?

MUCONIO.

Fujamos.

JACOB.

De quem?

MUCONIO.

Fujão,
Fujão, fujão, Senhores! Estão cegos?
Não tem visto, não tem inda observado
No Senhor Jofre os tetricos symptomas
Da endemica, epidemica estrangeira
Pestifera lethal enfermidade,
Que grassando em Lisboa, insulta, ataca
A pobre, debil mocidade estulta?

BRAZ.

He peste, meu Doutor?

MU-

MUCONIO.

Sim, Senhor, peſte;
E peſte a mais cruel que tenho viſto.

URRACA.

Deos nos livre, Doutor!

JACOB.

Eſtá zombando,
Senhor Muconio?

PICOTE.

Branca, ſerá ópio?

MUCONIO.

Não zombo, não, Senhores, fallo ſério.
He hum forte contagio de chicotes,
De tranças, e de arrochos no cachaço,
De que andão enfeitados os Caſquilhos.

JACOB.

Eu não diſſe, Senhores, que era brinco?

MUCONIO.

He bom brinco, Bilhoſtre, he mal, he peſte,
He a Plica Polonica doenças,
Que aſſim como no Norte, e em varios climas
Os Polacos, e Sármates transforma
Em medonhos eſpectros, e fantaſmas,
Transforma cá no noſſo continente

Os

Os mancebos gentís em bonifrates.

BRAZ.

Que nova, que recondita ſciencia!
Já tinha reparado na groſſura
Deſte immenſo chicote de meu filho;
Mas cuidei que era moda.

MUCONIO.

Boa moda!

JOFRE.

He boa lograçáo, Doutor Muconio.

MUCONIO.

Que he boa lograçáo? Fujáo, fujamos.

BRAZ.

Eſpere, meu Doutor, diga primeiro
Em que pára eſte mal, em que conſiſte?

MUCONIO.

Conſiſte na disforme, na medonha,
Eſpantoſa groſſura dos cabellos,
Que ſcirrhoſos, talvez ſignificados,
Se grudáo, e ſe empaſtáo hum com outro:
Eſta maſſa fatal, ou codea eſpeſſa,
A cutanea excreçáo embaraçando,
Os humores eſtagna excrementicios
Se inflammáo, ſe coaguláo nas minutas
Seriferarias glandulas reprezos.

JO-

JOFRE.

Que ſe ſegue dahi?

MUCONIO.

O que ſe ſegue?
Mais alta, que a columna de Trajano,
Huma agulha, ou pyramide disforme
De eſquallidos cabellos, ſobre a teſta
Dos enfermos eſtupidos erguida,
Lhe carrega a molleira com tal pezo,
Que convulſos os olhos retorcidos,
Ou abertos em horridos eſpaſmos,
Se trabalhão, ſe canção, ſe enfraquecem,
Donde veio o contagio das lunettas,
Que tantos Polyphemos de hum ſó olho
Encreſpando o nariz, mettem a cara.

BRAZ.

Forte doença!

BRANCA.

Triſte enfermidade!

JOFRE.

Chiméras, petas, lograções, mentiras.

BRAZ.

Calte, inſolente. Diga, meu Muconio.

MUCONIO.

A disforme pasmosa intumescencia
Atacando estas glandulas que disse,
E que por locação são conglobadas,
As conglomera tanto, e tanto as une,
Que a estranha mole, turgida grandeza
Nos inchados pescoços apparece,
A pezar de dez varas de gravata,
Que amortalha os focinhos espantados.

URRACA.

Coutado do meu Jofre.

BRAZ.

Eu bem dizia,
Vendo que não bastava meia peça
De Cambraia, de Cassa, ou Muselina
Para duas gravatas. Meu Muconio,
Falla, dize-nos tudo quanto sabes.

MUCONIO.

Quanto sei, meus Senhores, são incriveis
Deste tremendo mal, deste contagio
Os enormes, e magicos portentos,
Peiores que os Thessalicos prestigios,
Com que Circe tornou os Companheiros
Do sabio Grego em Javaliz cerdosos.
Alevedado o tumido fermento,
Que as glandulas, em fim, apinhoadas
Em tamanhas escrofulas acabão,

Que

Que em ſeus doutos eſcritos nos atteſtão
Banivenio, e Boneto que cortárão
Alporcas de ſeſſenta, e trinta libras.

PICOTE.

Opio, carapetão.

BRAZ.

Bravo, Muconio!

MUCONIO.

Leião, Senhores, leião, não ſe rião,
Oução: *In momento temporis* do enfermo
Incha o peſcoço; os tabidos bracinhos
Se myrrão, e ſe encolhem, e parecem
De boneco de maſſa: mal campeão
As entanguidas pernas maraſmadas,
E dos luidos pés caſcos vidrentos
O tarſo, e metatarſo edematoſo
Só conſente nas unhas as fivellas.
Finalmente, Senhor, degenerando
A maſſa dos humores pelas pravas
Eſtranhas qualidades, que lhe adquire
A errada nutrição em todo o corpo;
Os horrendos eſtragos ſe propagão
Da triſte, da fatal metamorfoſe,
Que os enfermos, e miſeros Caſquilhos
Em Peraltas ridiculos transfórma.

BRAZ.

Tem razão, tem razão, agora atino

Na causa, e na molestia, e já me lembro
De varios Maniquins empanturrados,
Que passeião as ruas de Lisboa
Pállidos, paralyticos, convulsos,
Quasi sempre c'os beiços ruminando,
Que trazem já çafados de lambellos.

JOFRE.

Tal não creia, Senhor, he zombaria.

BRAZ.

Calte, tollo, asneirão. Senhor Muconio,
Quero são o rapaz, ahi lho entrego;
E se manda que faça quarentena,
No telhado o porei, não nos empeste
Com seus malignos, e mortaes vapores.

MUCONIO.

O mal ainda parece incipiente,
Remedio lhe daremos; mas primeiro
Intento desecçar este cabello:
He valente tortulho, enorme trança!

URRACA.

Meu Jofre, tem constancia, tem paciencia.

JOFRE.

Senhora, que he mentira.

MUCONIO.

Qual mentira.

BRAZ.

BRAZ.

Chiton, tollo, chiton.

JACOB.

E cai no logro!

PICOTE.

Forte pateta; come bem as petas!

BRAZ.

Floreſtão, Floreſtão.

FLORESTÃO.

Senhor.

BRAZ.

De preſſa,
Deſmancha eſſe rabicho, eſſa ſerpente.

JOFRE.

Hei de ficar, Senhor, eſgadelhado?

BRAZ.

Sim, Senhor, ſim, Senhor. Senhor Muconio,
Faça quanto quizer, talhe, retalhe,
Purgue, ſangre, toſquie, deſenrole....

MUCONIO.

Olhem lá, meus Senhores, ſe me engano!
Lignificada a putrida materia

Já

Já vem apparecendo. Vejão, vejão
Que taſſalho de páo: he caſo horrendo!

BRAZ.

Pois que vai, minha Urraca, que me dizes,
Em que ſe torna o ſangue de Azevias?

URRACA.

Que poſſo reſponder, eſtou paſmada!

JACOB.

He forte ſurra!

PICOTE.

Logração completa.

MUCONIO.

Que tal he o caroço do lobinho?
Coutado do rapaz.

BRAZ.

Deite iſſo fóra.

MUCONIO.

Nada, nada, Senhor, deve guardar-ſe,
Eſtes são os cabellos com que ſára
De tão damnado cão a mordedura.
Agora vamos receitar, eſcute:
Eſte villoſo, eſqualido chumaço
Scirrhoſo laparão, turgido, edema
De tumentes cabellos empaſtados,

Creſ-

Crestado, secco, estitico, myrrhado,
Pela má rotação do sangue podre,
E total discrazia dos humores
Acidos, corrosivos, virulentos
Adquire a secca, e tabida dureza,
Que do secco Cação a rija pelle,
Para estendello, para amaciallo
Deve ungir-se com balsamo Azinino,
E para o ver elastico, e flexivel
Duas vezes ao dia, nove dias,
Ha de batello, e muito bem sovallo
Com este mesmo arrocho, taco, ou tôco.
He remedio excellente, he approvado,
Que descubri nos priscos cartapacios
De Filon, Serapião, dos Apollonios.

JACOB.

Não está máo o récipe, Muconio!

JOFRE:

Basta, basta de judear comigo.

BRAZ.

Câllas-te, ou queres, Jofre, que te cure?
Approvo esse remedio; mas, Muconio,
Onde acharei o balsamo Azinino?

MUCONIO.

A providente Madre Natureza
Não cria sem antidoto o veneno.
No mesmissimo corpo dos enfermos

Bem atrás das orelhas depoſita
Eſte forte elixir em tenues vaſos,
Ou delgados ſolliculos, que cheios
Do ſuco burrical, ſendo eſpremidos
Talha, embota as particulas do ſangue,
E o deixa circular ſem embaraço.

BRAZ.

Mas diga-me, Doutor, como ſe eſpreme?

MUCONIO.

Puchar-lhe muito bem pelas orelhas.

PICOTE.

He bom o tal remedio?

BRAZ.

Quer que o faça?

JACOB.

Peior, peior.

URRACA.

Coutado do meu Jofre.

MUCONIO.

Não, Senhor, inda não, e depois diſto
He preciſo cortar-lhe aquella trunfa,
Para a fauce meſſoria ficar livre,
E a coronaria região ſem pezo,
Deſembaraçada: os liquidos rotantes
Dei-

Deixará premiar pelos ſeus vaſos:
Banhos, emborcações, e cataplaſmas,
Além de outros remedios, facilmente
A força vencerão deſtas medonhas
Tão enroſcadas Áſpides da Lybia;
E ſe com todos ſe pratíca o meſmo;
A florente Lisboa vereis limpa
De caraças, ou frentes de Meduſa;
Praga, ou nuvem de eſtultos gafanhotos,
De Tarecos rabões, melhor diria:
De rabudos Bachas, de enormes caudas.

BRAZ.

Eſtou, Doutor, attonito; e já vejo
Quanto ſabe, quem ſabe a Medicina.

MUCONIO.

Agora ouçamos duas arias novas.

SCENA XVIII.

Lourença, Florestão, e os ditos.

LOURENÇA.

Senhor, Senhor.

FLORESTÃO.

Senhor.

BRAZ.

BRAZ.

Temos mais peſte?

FLORESTÃO.

Peior, Senhor, peior!

BRAZ.

Dize, que he iſſo?

LOURENÇA.

Peior, Senhor, peior!

BRAZ.

He fogo em caſa?

FLORESTÃO.

Peior, peior, Senhor!

LOURENÇA.

Minha Senhora.

DULCE.

Morreo o Papagaio? Dize, dize?

FLORESTÃO.

Peior, muito peior! Batem á porta.

BRAZ.

Vai ver quem he.

FLO-

FLORESTÃO.

Peior!

BRAZ.

Vai ver, Lourença.

LOURENÇA.

Peior, muito peior!

FLORESTÃO.

Peior que tudo!

BRAZ.

Falla; dize, quem he?

FLORESTÃO.

Peior! Alcaides,
Escriváes, e Diabos Quadrilheiros.

URRACA.

Ai, mofina de mim!

BRANCA.

Tremo.

DULCE.

Desmaio.

BILHOSTRE.

Ronda talvez será.

BRAZ.

BRAZ.

A ronda, a ronda?

FLORESTÃO.

He o poder do Mundo com eſpadas,
Com chuxos, alanternas, até cuido
Que trazem o Carraſco, e mais a forca.

BILHOSTRE.

Que ſerá?

PICOTE.

Que ha de ſer?

BILHOSTRE.

Comigo nada.

PICOTE.

Menos comigo.

BRAZ.

Se ſerá comigo?
Abre-lhe, Floreſtão, abre-lhe a porta.

SCE-

SCENA XIX.

Meirinho, Escrivão, e os ditos.

MEIRINHO.

Eu, Senhor Braz Carril, venho mandado.

ESCRIVÃO.

Somos mandados, manda-nos quem póde.

BRAZ.

Pois são (e tanto Fariſeo) mui mal mandados.

MEIRINHO.

A parte requereo: ſomos mandados.

ESCRIVÃO.

He parte rija.

MEIRINHO.

Não ſe dobra a nada.

BRAZ.

Mas, que querem de mim, Senhor Meirinho?

MEIRINHO.

Eſte Mandado.

BRAZ.

BRAZ.

Irra! Mais mandado,
Vem mandado o Meirinho, e vem mandado
O Efcrivão, os Esbirros vem mandados,
E fobre ifto ainda vem mais hum mandado!

URRACA.

A cafa d'hum Fidalgo Quadrilheiros?

MEIRINHO.

Somos mandados.

ESCRIVÃO.

Seja, ou não Fidalgo:
Quem deve, paga; porém eu, Senhora,
Ao Senhor Braz Carril, bem o conheço,
E que foffe Fidalgo não fabia:
Nomeallo por tal agora o ouço.

URRACA.

A gente baixa não conhece a nobre.

ESCRIVÃO.

E nobre! Póde fer.

URRACA.

Meia rigella.

ESCRIVÃO.

Iffo he louça quebradiça.

UR-

URRACA.

He prata fina.

MEIRINHO.

Vamos, vamos, Senhor, eſte mandado,
Senhor Carril.

BRAZ.

E que mandado he eſſe?

ESCRIVÃO.

Novecentos mil reis, que o Senhor deve
A Martinho Raimon.

MEIRINHO.

He Eſtrangeiro.

BRAZ.

He hum ladrão ladino: bem conheço
O Capataz de quantos Berlinguetes
Nos vem aqui vender Gatos por Lebres,
Nabos em ſaccos; caſcaveis, pandeiros,
Gaitinhas, berimbaos, quinquilharias;
Que promptos a fiar, tentão a gente,
E depois de empolgar rapaces unhas,
Fervem as citações, fervem penhoras.

MEIRINHO.

Iſſo não he do caſo, eſta ſentença....

BRAZ.

BRAZ.

E como hei de pagar eſſa quantia?
Venháo cá outro dia, hoje náo poſſo.

ESCRIVÃO.

Entáo, Senhor Carril, dê-nos licença.

BRAZ.

Licença, para que?

ESCRIVÃO.

Para fazermos
Penhora no que acharmos.

MEIRINHO.

Ou ir prezo.

URRACA.

Ir prezo meu Marido?

ESCRIVÃO.

Náo ſe aſſuſte:
Talvez, Senhora, q' haja neſta caſa
O valor da ſentença, e mais das cuſtas;
A noſſa diligencia, iſſo cá fica.

MUCONIO.

O Cravo he meu, cuſtou-me o meu dinheiro.

BI-

BILHOSTRE.

Sáo meus os Caſtiçaes, Senhor Carrança.

PICOTE.

As Chicaras são minhas; e proteſto,
Senhor André Garrote, que são minhas. *Para o Eſcrivão.*

MEIRINHO.

Nós, Senhores, fazemos a penhora,
Depois requereráõ.

MUCONIO.

Eſſa eſtá boa!

BILHOSTRE.

He forte chaſco!

PICOTE.

A Deos, Chicaras, Bulle.

FUSTOTE.

Como te vai, Amigo, co' a partida?
He divertida, em fim, he uſo, he moda.

BRAZ.

Té o lavar dos ceſtos he vendima.
Meu querido Jacob, Picote Amigo,
Doutor Muconio, amigo, caro amigo:
Generoſo Fuſtote, alma d'hum Principe,

Acudi-me, livrai-me, bons amigos:
E que acçáo mais illuſtre, mais honrada,
Que acudir hum amigo a outro amigo?
A amizade fiel, e verdadeira
He dadiva do Ceo, e do Ceo digna,
E dos humanos o maior theſouro;
He fonte donde mana a honra, a fama,
Que os miſeros mortaes transforma em Deoſes:
Brilhando eſtáo no Ceo Caſtor, e Pollux;
E no ſagrado Templo da Memoria
Nizo, Eurialo, Pylades, Oreſte.
Haverá coraçáo, haverá peito
Tanto de aſpero, e rigido diamante,
Que náo eſtale, ao menos ſe enterneça,
Vendo do caro amigo miſeravel
A Conſorte fiel deſamparada,
Os innocentes filhos ſem abrigo,
E nas meſquinhas máos da Fome horrenda,
Da triſte Deſnudez, e da Vergonha
Expoſtos a deſprezos, e ludibrios?
Sois meus amigos? Que fazeis, amigos?

FLORESTÃO.

Es tu Tullio, meu Braz? Eu náo ſou neſcio:
Náo me quero perder, náo tenho em caſa
Partidas, Aſſembléas: bem me baſta
O que perdi comtigo, e tu gaſtaſte
Em golodices, ſecias, pataratas:
Quem muito náo tiver, que gaſte pouco:
Deixe-ſe de Partidas, d' Aſſembléas,

Bri-

Brilhar não queira á custa dos amigos.

DULCE.

Que inhumano!

URRACA.

Que baixo, vil!

BRANCA.

Infame!

DULCE.

Jacob, caro Jacob! Da triste Dulce
Os suspiros, e lagrimas ardentes,
A fé immaculada, amor sincéro,
Se alguma cousa podem merecer-te,
Não me deixes Jacob; e se por minhas,
Estas sentidas vozes, não te movem,
Mova-te o grande, e triste desamparo
De huma casta Donzella, bem nascida.

JACOB.

Dulce, minha Senhora, minha gloria,
Não te assustes, não chores, não te afflijas,
Quanto sou, quanto valho, quanto posso
Tudo ao teu descanço sacrifico.

BRANCA.

Acaso esperas, dize, que te peça?

PICOTE.

Não, Branca, não, Senhora; efpero....

BRANCA.

Efperas?

PICOTE.

Que me deixem fallar. Senhor Carrança,
Vou bufcar o dinheiro.

MUCONIO.

Efpera, efpera:
Amigo Braz Carril, não fou de pedra,
Nem fou Tigre, homem fou, os homens amo,
De ter humano coração me prézo.
Defcança, pagaremos o que deves:
Darás Dulce, a Jacob, Branca, a Picote,
Jofre cafe co' a minha Mafaldinha,
E todos tres o efcote pagaremos.

BRAZ.

Que dizes, Dona Urraca?

URRACA.

Paciencia;
Perdoem meus Avôs; mas a defgraça....

BRAZ.

Cafem, cafem; Muconio, eftais contente?

BILHOSTRE.

Minha Dulce, meu Bem!

DULCE.

Caro Bilhoſtre!

PICOTE.

Branca, minha eſperança, que ventura!

BRANCA.

Que ventura, Gaſpar, meu doce emprego!

LOURENÇA.

E nós, meu Floreſtão, não nos caſamos?

FLORESTÃO.

E porque não, Lourença, ſendo gratis?

MUCONIO.

Senhor André Garrote, em minha caſa
O eſpero daqui a meia hora:
Para pagar mandado, e diligencia,
Tenho não ſó dinheiro, mas bigodes.

BRAZ.

Que generoſo exemplo de amizade,
De nobres corações, de honrados peitos!
Mas neſte raro exemplo ſe não fie
Quem ſe empega no mar de deſperdicios.

Guar-

Guarde-ſe da ſubita procella
D' Alcaides, é Crédores, que Santelmos
Nem em todos os topes apparecem;
E Bilhoſtres, Muconios, e Picotes
São difficeis de achar. Batei as palmas.

DIS-

DISSERTAÇÃO PRIMEIRA SOBRE O CARACTER DA TRAGEDIA,

PROPONDO

SER INALTERAVEL REGRA DELLA,

NÃO SE DEVER

ENSANGUENTAR O THEATRO,

E no desempenho de cujo Drama devem reinar o terror, e a compaixão : para que assim com esta representação se purguem os Expectadores destas, e outras semelhantes paixões.

RECITADA NA CONFERENCIA DA ARCADIA LUSITANA

No dia 26. de Agosto de 1757.

Nec pueros coram populo Medea trucidet.

Hor. Poet. v. 185.

NOBILISSIMOS, SAPIENTISSIMOS, E AMANTISSIMOS

SENHORES.

SE aſſim como a voſſa compaixáo proſegue no deſignio de inſtruir-me, póde deſculpar os meus erros a voſſa indulgencia; perderei o medo de fallar diante de vós, ſem me enſaiar no eſtudo das mais ſolidas Doutrinas. Mas quem me ha de perſuadir, que exercendo funções do meu deſtino, e levado da honra de obedecer-vos; não deſperdice aquelle tempo, que podia aproveitar em ouvir as voſſas lições? Que ſyſtema, ou que queſtáo poſſo eu diſcutir na voſſa preſença, ſem que vos enfaſtie ouvir o que já ſabeis; ou talvez o que refutais? De que Arte, ou de que ſciencia poderei combinar huma regra de que vós, melhor do que eu, não conheçais profundamente toda a ſua ex-

extensão? Assim he, Senhores; porém vós quando me chamastes para membro desta Sociedade, concebestes outra idéa mais illustre. Quizestes ser uteis á Patria: e hum projecto tão generoso não se póde praticar sem com effeito ensinardes os vossos Compatriotas. Affortunado fui eu, se fui hum dos que primeiro vos deveo esta piedade: e seria ingrato se olhando para vós, como para Mestres, tivesse pejo de mostrar a minha insufficiencia: e capacitado pois desta verdade, e não podendo resistir a tão formosa reflexão, discorrerei em hum Ponto, que entre todos os da Poetica foi sempre para mim o mais difficultoso.

Seguindo a Demetrio Phalereo, ou a Neoptolomeu de Paros, e certamente a Aristoteles, estabaleceo Horacio a inalteravel regra de que na Tragedia se não devia ensanguentar o Theatro; isto he, que as feridas, os tormentos, e as mortes, que são inseparaveis do caracter deste Poema, se não devião expôr á vista dos Expectadores; mas sim fiallas de huma facunda narração, ainda que o mesmo Horacio (1) parece que forneceo as Armas aos fautores da opinião contraria; lembrando-lhes que com menos efficacia persuade o que se conta, do que aquillo de que os olhos se informão por si mesmos.

Quem

(1) Orat. Poet. vers. 180.

Quem obſervar com circumſpecção as Tragedias antigas, achará, que eſta regra foi quaſi ſempre religioſamente guardada. Ainda entre os modernos ha poucos documentos que poſsão conteſtalla. Os Francezes a recebêrão, a adoptárão, e a defendem com a prática, e com a doutrina. Nós temos a gloria de que a noſſa (1) *Caſtro* ſeja hum exemplo de que não ignoramos, e de que a ſeguimos. Os Inglezes, Nação em que mais ſe deſcobre (2) os genios dos Republicanos antigos, e que no Orbe Literario fazem huma grande figura; os Inglezes, digo eu, são os que menos reſpeitárão eſta lei, infringindo-a reiteradas vezes, de que he triſte teſtemunha o ſeu *Catão*, e de que talvez os fez goſtar aquelle odio, com que ſacrificão á ſua pertendida liberdade huma Teſta Coroada.

He verdade que á primeira viſta parece eſtranho que hum Poema, que naſceo nos braços da Alegria, e da Feſtividade, exiga da ſua natureza huma peripecia ſanguinolenta; e ainda mais extraordinario, que ſendo do ſeu caracter as mortes, as feridas, e os tormentos, hajão de fruſtrar aos olhos eſtas imagens funeſtas, e horroroſas; parecendo que huma vez que ellas não ſejão o principal objecto da

(1) Doutor Antonio Ferreira.

(2) *Reges & exactos Tyrannos denſum humeris bibit aure vulgus.*

da Scena Tragica, perderá grande parte da ſua força, e da ſua efficacia eſte Poema.

Antes de deſatar eſta dúvida, he preciſo deſcobrirmos a razão por que ſejão os cataſtrofes funeſtos eſſenciaes da Tragedia, lembrando-nos, de que eſte Drama, ſegundo a ſua natureza, he, como diſſe hum grande homem, (1) o Throno das paixões, em que conforme Ariſtoteles, devem reinar o Terror, e a Compaixão, para que aſſim nos purgue deſtas, e outras ſemelhantes. Ora ſe os Expectadores ſahirem alegres com huma peripecia affortunada, perderão ſem dúvida toda a ternura, e ſemente de conſtancia (digamo-lo aſſim) que o Poeta lhe tiver inſpirado, pondo-lhe em movimento o terror, e a compaixão. Deſte principio naſce a juſtiça com que são criticados aquelles máos Poetas, que ordinariamente acabão ás ſuas Tragedias com huma cataſtrofe ditoſa, atropelando não ſó a regra, mas a razão, em que ella ſe funda.

Ainda que ſeja eſta a natureza da Tragedia, não he ella tão auſteramente rigoroſa, que haja de expôr aos olhos de todos o que a humanidade não poderia ſoffrer ſem indignação, e que a policia pede que ſe occulte, ainda que ſe conte; com tanto que ella ſeja efficazmente o fim a que ſe dirige; iſto he,

(1) Le Buſſu Poem. Epiq. T. 2. pag. 194.

he, a mover o terror, e a compaixão. Para o Poeta chegar a este fim não he preciso que Medéa diante do Povo despedace os filhos; que Atreo preparasse a nefanda cea; que Prógne se converta em ave, ou Cadmo em serpente, tudo o que assim se dispõe no Theatro fica incrivel, desgosta os ouvintes, e não persuade: basta que eloquente narração o exponha aos nossos ouvidos com eloquencia, que chegue ao coração: as figuras, as imagens, (n' uma palavra) a verdadeira Poesia, hum estilo pathetico, sem que os olhos se perturbem com os espectaculos horrorosos.

Persuadidos assim de que para mover o terror, e a compaixão, não he preciso derramar o sangue no Theatro, fica menos difficultoso o conhecimento, e a contemplação desta doutrina, pois consegue assim a Tragedia o purgar-nos de semelhantes paixões pelo meio o mais suave, e o mais decoroso. Assim se mistura o util com o deleitoso; assim foge o Poeta de fazer inverosimil a sua acção, ou de dever mais a habilidade dos Actores á disposição das scenas, e tramoias, do que á boa economia da Fabula, e energica força dos seus versos.

Falta-nos examinar se com tudo persuade mais o que se vê, do que aquillo, que se ouve, como lembra Horacio. E se a narração basta para mover as paixões, quanto exige a na-

natureza da Tragedia. He esta huma dúvida, que certamente me abria o campo para huma larga Dissertação; se a angustia do tempo, e o respeito da Arcadia não acudissem á pobreza do meu discurso.

Não saberei negar de que mais individualmente ficarei capacitado, do que eu testemunhar com os meus olhos, do que aquillo, que simplesmente ouvir; mas esta vantajem, que sería precisa para eu dispôr de qualquer successo em hum Tribunal, não he necessario que assim seja no Theatro; ainda que bem conheço que a differença, que ha entre a Poesia Dramatica, e exageratica, consiste em que aquella obra, e esta conta. No Theatro não só escuto o que se diz; mas vejo o que se faz. Na Epopeia não vejo o que se faz, ouço o que se diz.

Devemos não perder de vista o fim da Tragedia, para mover a terror, e a compaixão. Se por exemplo me propõe o Poeta a desgraça de Oedipo, consiste a força desta persuasão em mostrar-me hum homem, que inviolavelmente commette hum parricidio, matando a seu Pai Laio; hum incestuoso adulterio, casando com sua Mái Jocasta. Usurpa hum Reino, irrita a Divina justiça; e depois com teimosa curiosidade procura indagar a origem de tantos males, até que chegando a conhecer-se réo dos mais abominaveis delictos, homicida de seu Pai, incestuoso com

sua

ſua Mãi ; Pai, e Irmão de ſeus filhos, deſeſperado, com as ſuas proprias mãos tira a ſi meſmo os olhos.

Abre-me a Scena, moſtrando-me a mocidade de Thebas diante do altar profetico de Iſmeno: o Summo Sacerdote ſacrificando; na Cidade não ſe ouvem ſenão prantos, e ſuſpiros: huma violenta peſte devóra aquelles miſeraveis. Conſulta-ſe o Oraculo, vem a reſpoſta, deſcobrem-ſe alguns indicios, exige o Ceo, que o delicto original ſe expie com a morte do Delinquente. E em quanto ſe examina quem he o deſgraçado, quantas vezes me aſſuſto, receando não ſeja aquelle meſmo homem que eu vi, como Pai da Patria, chorar com os innocentes, jurar-lhe, que não deixará de ſolicitar o remedio daquella calamidade, ainda que ſeja á cuſta da ſua vida; hum homem, que diſſolveo o enigma da Eſfinge: finalmente hum Rei clemente. Chega o reconhecimento, vejo que eſte meſmo Oedipo he o culpado: quanto me compadeço! Affirmo-vos, Senhores, que nunca li eſta Tragedia de Sophocles, que não choraſſe; quando vejo o miſeravel Rei com os innocentes filhinhos, ora fazendo imprecações, ora chorando ſobre elles lagrimas de ſangue, e neſte triſte deſamparo deixar a Mulher, a caſa, e o Reino: ao meſmo tempo ouço a noticia de que Jocaſta ſe matou. Ha mais terror! Ha mais compaixão! Eis-aqui como a

Tra-

Tragedia conſegue o ſeu fim, ſem me fazer inveroſimil a ſua fabula.

Pelo contrario, ſe eu viſſe eſte meſmo Oedipo metter os dedos pelos olhos até arrancallos, ou duvidaria do meſmo que eſtava vendo, ou a difficuldade, com que o Actor executaſſe eſte paſſo, me provocaria a riſo. Por iſſo Horacio manda, que ſe paſſe por detrás da Scena, o que não deve apparecer no Theatro. Ariſtoteles diz, (1) que iſto he que ſe chama golpes de Meſtre; porque he preciſo que a fabula ſeja compoſta de modo, que quem não faz mais do que ouvir as couſas que ſuccedem, ainda que as veja, trema com tudo, quando lhas contarem, e ſinta o meſmo terror, e a meſma compaixão, que ſe não póde deixar de ſentir, quando ſe ouve a Tragedia de Oedipo.

Ficando pelo que toca á razão relativa deſta regra, em que provado aſſim o que me atrevi a propôr-vos, devo examinar ſe a authoridade de Ariſtoteles, em que ſe fundou Horacio, padece no texto alguma dúvida, ou ſe tem ſido conteſtada. He certo que muitos, e grandes homens tem interpretado mal as palavras do Filoſofo, tirando dellas a errada conſequencia de que o Theatro ſe deve enſanguentar, para bem ſe mover a terror, e a compaixão. O maior Tragico de França Mon-

(1) Ariſt. Poet. cap. 14.

Monſieur Corneille no exame do ſeu Horacio diz : Se he huma regra não enſanguentar o Theatro, não he certamente do tempo de Ariſtoteles, que nos enſina que para mover efficazmente são preciſos grandes deſgoſtos, feridas, e mortes em eſpectaculo. Varios traductores deſta inextimavel Obra, quero dizer, da Poetica de Ariſtoteles, traduzem o texto no meſmo ſentido (1) *mortes in aperto factam*; porém outros, a quem abona o ſabio Dacier, *mortes evidentes, e certas*; pertendendo que debaixo deſta expreſsão geral comprehenda Ariſtoteles as duas eſpecies de mortes que ſuccedem na Tragedia, as quaes ſe não vem, e as que ſe vem; porque huma Perſonagem póde vir acabar de morrer no Theatro, com tanto que nelle não tenha ſido ferido.

Vejamos, Senhores, ſe repetindo-vos o texto, conforme a traducção de Dacier, ſe comprehende melhor eſta verdade, ou ſe a traducção Franceza quadra melhor com o ſeu contexto. (2) Além deſtas duas partes da Fabula, que pertencem á materia, ha tambem huma terceira, que eu chamo Paixão: já ſe tem explicado o reconhecimento, e a peripecia. Chama paixão huma acção, que deſtroe alguma Perſonagem, ou que cauſa violentas dores, como são as mortes evi-

(1) Alexandre Paecio Florentin.

(2) Dacier Traducção de Ariſt. cap. 11. not. 14.

dentes, e certas; os tormentos, as feridas, e todas as outras cousas semelhantes. (1)

A palavra *Paixão*, de que se serve aqui Aristoteles, não significa huma paixão, que se move na alma por este, ou aquelle respeito; mas sim no sentido, em que ella significa padecimento, como quando dizemos (se he que se póde explicar huma cousa profana com os Mysterios da nossa Religião) a *Paixão de Christo.* Nesta significação se entende este termo: e para que esta paixão se ache em huma Tragedia, não he preciso que as feridas, as mortes, e os tormentos se exponhão no Theatro; basta que o auditorio fique certo que esta, ou aquella Personagem vai padecer infallivelmente aquella morte, aquelle tormento, e que depois com energia, e com facundia outra Personagem lhe conte este lastimoso caso, ajudando-o a compadecer-se com as reflexões, lamentações, e, se preciso he, com as lagrimas, como diz Horacio: *Que se o Poeta quizer que chore o Expectador, ha de elle chorar primeiro.* Aqui me lembra advertir, que esta paixão he tanto do caracter da Tragedia, que póde haver Fabula simples, isto sem peripecia, ou reconhecimento, como he o *Ajax* de Sophocles, e a *Hecuba* de Euripedes: mas não póde haver nenhuma sem paixão, pois sem ella, como já vimos, he impos-

(1) Arist. Poet. cap. 11.

possivel mover a terror, e a compaixão, que he o fim da Tragedia.

Daqui se infere incontestavelmente, que o Filosofo estabelece esta regra. Não he verosimil que hum homem, que apoiou toda a sua doutrina (1) na prática dos antigos, concebesse a idéa de fundar hum systema que lhe he contrario. O mesmo *Ajax* de Sophocles, com que os fautores da opinião contraria se tem allucinado, não se mata no Theatro, como elles pertendem; mas bem se percebe que esta fatalidade se passa em hum bosque vizinho: assim se excutão os clamores (2) de Agamenão; assim se ouve gritar (3) Clytemnestra, quando he ferida por Orestes; e os mais exemplos, que vós sabeis, e que eu julgo superfluo repetillos.

Finalmente, Senhores, não deixaria de ser culpavel a minha affoiteza, se eu me atrevesse a descutir mais huma materia, em que devia só consultar-vos. Basta que eu mostre o desejo que tenho de instruir-me, e que vos protesto sinceramente que não me dedico aos trabalhos Academicos, com outra esperança mais, do que com a idéa que tenho concebido, de que correndo por vossa conta

(1) Hedelin in Praxi Theatrica.
(2) Agamen. de Eschil.
(3) Sophoc.

a direcção dos meus eſtudos, algum dia ſaberei imitar-vos; e que então poderei ſem pejo fallar na voſſa preſença, e concorrer para a utilidade pública, para o credito do Reino, e para gloria da Arcadia.

DIS-

DISSERTAÇÃO SEGUNDA

SOBRE

O MESMO CARACTER

DA

TRAGEDIA,

E UTILIDADES RESULTANTES

da ſua perfeita compoſiçáo,

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

LUSITANA

No dia 30. de Setembro de 1757.

Et quocumque volentes, animam auditores agunto.

Horat. Art. Poet. v. 100.

NOBILISSIMOS, SAPIENTISSIMOS, E AMANTISSIMOS

SENHORES.

Omo eſtou ſeriamente perſuadido de que vós não ſó ſoffreis, mas em certo modo approvais o meu trabalho com o projecto, certamente, de promovello, e de adiantar-me aſſim em materias de Literatura; tórno a fallar na voſſa preſença; tórno a moſtrar quanto neceſſito das voſſas lições; (1) tórno a implorar a voſſa indulgencia. E já que no congreſſo paſſado tratei a regra, que ſerve de limite á força com que a Tragedia move nos noſſos animos o terror, e compaixão, ſem largar de mão o

---

(1) *Ille per extentum funem mihi poſſe videtur*
Ire poeta; meum qui pectus inaniter angit
Irritat, mulcet falſis terroribus implet,
Magnus ut & modo me Thebis, modo ponit Athenis.

o prumo, procurarei ſondar eſte maravilhoſo pélago, moſtrando quanto he neceſſario que a Tragedia mova as paixões para conſeguir o fim a que ſe dirige: qual he eſte fim, e ſe elle de ſua natureza he capaz de concorrer para a boa policia de huma République.

Horacio conhecendo profundamente a razão, a força, e os admiraveis effeitos deſte activo filtro da Poeſia, propõe na ſua Poetica a regra não ſó para a Tragedia, mas para todos os Poemas; advertindo-nos que não baſta que elles ſejão adornados de bellezas, mas que he preciſo tambem que o Poeta mova nos corações dos ouvintes as paixões que lhe parecer, ou que exigir a natureza da ſua compoſição. Eſte meſmo grande Crítico eſcrevendo a Auguſto, lhe dizia: „Que para „elle ſó era bom Poeta o que poſſuindo „bem a difficil Arte de mover as paixões, „lhe commovia o coração com poeticos fin„gimentos; ora irritando-o, ora aplacan„do-o, e finalmente enchendo-lhe o peito „de terror, e de eſpanto: bem como hum „Magico, que o tranſportaſſe huma vez a „Thebas, outra a Athenas.„

Para conhecermos nós quanto eſta regra não ſó he relativa á Tragedia, mas que inconteſtavelmente quadra com a ſua natureza, e he como alma de todas as ſuas forças, ſerá preciſo trazermos á memoria a definição

ção defte Poema (1) ,, A Tragedia he pois
,, a imitação de huma acção grave, inteira,
,, e que tem huma jufta grandeza, cujo ef-
,, tilo he agradavelmente temperado; mas dif-
,, ferentemente em todas as fuas partes, e que
,, fem o foccorro da narração pelo meio do
,, terror, e da compaixão acaba de purgar
,, em nós efte genero de paixões, e todas as
,, outras femelhantes. ,, (2)

He precifo que a Tragedia mova as paixões, e nifto fe conforma com os mais Poemas. Deve efpecialmente mover (3) o terror, e a compaixão a que fe affafta delles, e deve purgar-nos deftas, e de outras paixões femelhantes: affim os excede; affim fica util; affim he maravilhofa.

Quanto he precifo para mover as paixões, he efcufado que o examine, pois julgo que qualquer de vós trará continuamente nas mãos as melhores Poeticas, as Rhetoricas de Ariftoteles, de Longino, de Demetrio Falereo, de Cicero, e de Quintiliano, além dos modernos, que excellentemente tem tratado efta materia. Agora baftará que vejamos qual he o melhor caminho de mover a terror, e a compaixão.

He certo que eftas duas paixões nafcem (4) da

(1) Arift. Poet. cap. 6. pag. mihi 72.
(2) Boileau. Poet. Cant. 3.
(3) Le Boffu Tract. du Poem. Epiq. chap. 9.
(4) Arift. Poet. 9.

da forpreza. E isto he a admiração que nos causa hum successo inesperado, que quando menos o cuidamos, então nos assusta, e nos arrebata. Esta he a qualidade de tudo quanto he sublime, e admiravel; pois no que assim vemos succeder, achamos sempre hum caracter maior (1) do que nas revoluções que vem, quando nós as esperamos. Se hum homem nunca tivesse visto a luz do dia, que espanto lhe não causaria ver sahir do horizonte hum globo luminoso, que estendendo os seus raios pela superficie da terra, cubria tudo de côres, e de claridade? Mas para que a surpreza cause este bom effeito na Tragedia, he preciso (2) que as cousas nasção humas das outras contra a nossa esperança: não basta que os incidentes sejão (3) puramente furtuitos; mas he preciso que o Poeta com boa economia disponha de tal fórma a sua Fabula, que os Episodios, ou os incidentes, nascendo huns dos outros, conduzão a pessoa fatal do Drama ao reconhecimento; que deste reconhecimento nasça a peripecia; que a peripecia mostre a protogneste em huma catastrofe desditosa, contra o que promettião as circumstancias, e ideava a esperança dos espectadores: então he infal-

(1) Arist. Poet. 9.
(2) Ibi.
(3) Dacier. Not. 26.

fallivel a compaixão, e tambem he natural o terror; então me compadeço; então me assusto; então me transporto fóra de mim mesmo.

Aqui vemos que o maior segredo deste methodo de mover as paixões, consiste na surpreza, que nos causa hum successo tirado de incidentes nascidos huns dos outros, e que nos permittião o contrario. E porque esta circumstancia falta nos casos puramente furtuitos, por isso a surpreza, que procede delles, não chega a mover em nós estas paixões com a actividade que pede a natureza da Tragedia, falta-lhe a qualidade de maravilhosos. Com effeito nada tem disso hum naufragio, a cahida de huma casa, e outros desastres semelhantes: he verdade que então nos compadecemos, (1) mas nesta compaixão não tomamos maior parte do que aquella, a que simplesmente nos obriga a humanidade. Mas nos incidentes que nascem huns dos outros, a idéa do espectador movida, e cheia do objecto, vê juntamente a causa, e fim daquelle horroroso successo; e desta duplicada, outra segue infallivelmente a surpreza, e as paixões: e por isso ha tanto de maravilhoso na Sagrada Escritura, onde são tão frequentes os successos extraordinarios produzidos sempre de incidentes, que nascem huns

(1) Dacier. Not. 27. á Poet. de Arist. cap. 9.

huns dos outros contra a expectação dos Leitores.

Para o Poeta conseguir o effeito que se propoz pelo meio do movimento das paixões, deve ter diante dos olhos (1) duas cousas: huma he o meio de as fazer receber dos seus ouvintes, ou Leitores; e outra he fazer-lhas effectivamente sentir. Em quanto á primeira, he preciso que disponha os animos para lhes embutir as paixões; em quanto á segunda, deve não misturar paixões incompativeis (2): com effeito para transportarmos huma cousa, he preciso primeiro tiralla de donde estava para a levarmos para onde a queremos pôr: assim devemos com tal progresso conduzir os incidentes da Tragedia, que pouco a pouco vão crescendo os embaraços; e quando o expectador está já como abalado, esperando algum grande successo, então he que o Poeta se deve de aproveitar desse instante para soltar os diques do terror, e da compaixão.

Por estar fóra desta regra, critíca (3) o Padre Le Bossu o Ajax dos metamorphoseos, pois Ouvidio fazendo comparecer este Capitão na presença de huns Juizes, que estavão em perfeita tranquillidade, principia o re-

(1) Le Bossu Tract. du Poem. Epiq. cap. 9. pag. 261.
(2) Idem ibi.
(3) Le Bossu já citado.

requerimento pelas figuras as mais violentas, e as mais patheticas. O que em lugar de inclinar os animos ao partido que pertendia Ajax, o dá a conhecer por hum homem colerico, desarrazoado, e que está fóra de si mesmo; caracter certamente mais proprio para ser aborrecido, do que para persuadir.

Ainda que esta doutrina seja mais propria para a Epopeia, e outros Poemas, no que toca á primeira parte; com tudo eu me lembro della, para que advertissemos, que ainda que a surpreza he a origem do maravilhoso, e que he da natureza da Tragedia; não devemos com tudo dispôr huma contextura de incidentes falsissimos, e de repente, sem que, nem para que, amontoarmos incidentes lastimosos, e funestos; (1) mas que devemos tirallos huns dos outros, com tal graduação que insensivelmente se vão dispondo os animos dos ouvintes para receber aquillo mesmo que não acceitárão, se dependesse de seu arbitrio a sorte do Protognista.

Em quanto á segunda parte, todos sabem que o amor, e o odio não podem estar juntos, e que assim mesmo sería impossivel que a reinarem em huma Dama diversas, e incompativeis paixões, além de cahirmos na Polymithia, ou perdermos a unidade da acção, sería difficultoso que huma paixão repu-

(1), Boileau. Poet. Cant. 3.

pugnasse ao effeito da outra, e que por este modo se nos não fizesse impraticavel o mover os animos.

Alguns espiritos fracos não sendo senhores de huma fertil imaginação, tem cahido em outro defeito mais ridiculo, e mais estranho; quero dizer, procurão mover o terror, e a compaixão pelo meio das tramoias, e decorações, ou de incidentes monstruosos; por isso diz Aristoteles, que nascer o terror, e a compaixão da contextura dos incidentes he o melhor, e que a isto he que se chama *Golpe de Mestre.* (1) Eschylo cahio naquelle defeito nas suas Eumenides, não excitando o terror, e a compaixão mais do que com o espectaculo. Todos sabem a Historia do seu terrivel Coro das Furias, e os nocivos effeitos que produzio no seu auditorio. He notavel o parallelo que faz Dacier deste Drama com o Oedipo de Sophocles. *Quando nós* (diz elle) *lemos hoje as Eumenidas de Eschylo, não nos sentimos muito penetrados; porque o que havia de terrivel neste Drama, nascia da decoração; mas quando lemos o Oedipo, não podemos deixar de tremer, e de sentir os mesmos movimentos de terror, e de compaixão, que sentião aquelles, que havião representar no Theatro.*

Desprezando estas reflexões, e estas solidas

(1) Arist. Poet. cap. 14. pag. mihi 211.

das doutrinas, tinha o máo gosto adoptado o peior systema: Dragões, Magicos, navios, incendios, batalhas, naufragios, carceres, Patibulos, Demonios, e Espectros, erão os milagres do Theatro. Ha bem pouco que huma Corte polida fazia as suas delicias de semelhantes espectaculos. E Metastasio, não obstante alguns destes defeitos, teria, se quizesse, huma Estatua no Capitolio. He para sentir, que hum homem como este, excellente Poeta, tenha innumeraveis vezes infringido as mais irrefragaveis leis da Tragedia. Outro defeito ha, que não he menos impio: com effeito, não só não move, mas he ridiculo. Deste genero são as transformações, as serpentes, e outras puerilidades semelhantes, de que deve abster-se hum bom Poeta, e de que não póde gostar hum discreto expectador.

Tambem devemos notar, que para mover a terror, e a compaixão não he conveniente, como entendêrão muitos, escolher para assumpto das Tragedias os martyrios, quero dizer, os Martyres, não devem ser Heroes de semelhantes Poemas. (1) Aristoteles diz, que a pessoa fatal da Tragedia não deve ser nem hum homem muito máo, nem muito bom; porque se virmos padecer hum grande infortunio a hum homem muito bom, es-

(1) Arist. Poet. cap. 13.

eſte eſpectaculo mais nos moverá á indignação do que a terror, e a piedade; e ſe for hum homem muito máo, iſto he, hum impio, hum facinoroſo, tambem a ſua deſgraça não fará em nós eſte effeito, pois he certo que o terror, e compaixão são paixões que naſcem promptamente das deſgraças dos noſſos ſemelhantes: logo quem ſe ha de compadecer, ou atemorizar de ver em hum Patibulo hum famoſo malfeitor? Huma péſte da Républica? O amor proprio he baſe de todas as paixões, e por iſſo o martyrio do homem ſanto, e que nos he ſuperior em virtudes, cauſa-nos horror, mas nunca compaixão, ou piedade; pois o horror as affugenta neſtes caſos tão fortemente, que ou ficão ſupítas, ou deſapparecem. Corneille he de opinião contraria, talvez por ter dado ao público os ſeus Polyeutes antes de ter lido Ariſtoteles apoiado em Menturno, que na ſua Poetica decide que a Paixão de Noſſo Senhor Jeſus Chriſto póde ſer materia de Tragedia.

Tudo iſto he neceſſario para que a Tragedia chegue ao deſejado fim a que ſe dirige, iſto para que conſiga o purgar em nós o terror, e a compaixão, e todas as outras ſemelhantes paixões. Platão, que lhe não attribuio tão util efficacia, a banio da ſua Républica; e muitos pertendem que eſte effeito não ſeja mais do que huma chimera, tra-

ba-

balhando por moſtrar, que a Tragedia em vez de purgar-nos das paixões, as ſuſcita, e as promove. Porém eſtas accuſações, como são fundadas em ſofiſma, não podem vencer a força da razão, e da verdade.

He certo que á primeira viſta parece impoſſivel que a Tragedia haja de purgar-nos das paixões, que ella meſma influe nos noſſos corações; mas em reparando em Dacier, como ſe deve entender eſte termo de *purgar as paixões*, conheceremos a razão. Os Academicos, e os Eſtoicos dizem: *Lançar fóra as paixões; deſarreigallas da alma; iſto he ſuperior ás forças da Tragedia; iſto não faz ella.* Mas os Peripateticos perſuadidos que o exceſſo das paixões he que as faz viciosas, e que ſendo reguladas, são uteis, e ainda neceſſarias, entendem por *purgar as paixões*, reduzillas a huma juſta moderação. Eis-aqui o fim da Tragedia; eis-aqui o que ella he capaz de fazer; e não he pouco.

A Tragedia move em nós o terror, e a compaixão, expondo-nos no theatro as deſgraças dos noſſos ſemelhantes; deſgraças, que merecêrão por culpas involuntarias. Aſſim nos familiariza com eſtes infortunios; aſſim nos enſina não temellos, ou tolerallos com paciencia, e com conſtancia. O Emperador Marco Aurelio he da opinião de Ariſtote-

 les:

les: diz (1) ,, Que as Tragedias forão primeiro introduzidas para fazer lembrar aos
,, homens dos accidentes que ſuccedem na vi-
,, da; para lhes advertir, que devem neceſ-
,, ſariamente ſucceder; e para lhes enſinar
,, que as meſmas couſas, que os divertem na
,, Scena, lhe não devem parecer inſupporta-
,, veis no Theatro do Mundo.

Não ſó a Tragedia purga, como temos viſto, o terror, e a compaixão, tambem modera todas as outras paixões: obriga-nos a que examinemos a cauſa das deſgraças que nos repreſenta: e conhecendo nós qual foi a paixão, que por exemplo precipitou Oedipo em ſemelhantes deſeſperações, he impoſſivel que não cuidemos muito em nos abſtermos de huma temeraria, e cega curioſidade, pois huma vez que ſe leia aquelle excellente Drama, facilmente ſe conhece, que eſtas duas paixões, mais do que o inceſto, e do que o parricidio, forão a cauſa da deſgraça de Oedipo. Deſta ſorte he que huma Fabula Tragica, com o disfarce das Alegorias, nos imprime na alma as proveitoſas maximas da Ethica; aſſim nos fórma para a ſociedade; aſſim nos diſpóem para a virtude; aſſim nos enſina a obrarmos grandes acções; a ſer util á Patria, e á Républica. Os Heroes de Athenas, de Thebas, e

(1) Marc. Aur. art. 6. no liv. das Reflex.

e de Roma talvez que ſejão Diſcipulos da Tragedia.

E com effeito, que frutos não colheria huma Républica, ſe nos Theatros ſe enſinaſſem as virtudes, e as grandes acções? Bem ſei que na noſſa Religião ha melhores Cadeiras, e Eſcolas da Ethica. Os Prégadores Evangelicos inconteſtavelmente farão ſempre melhor progreſſo; mas a depravação dos coſtumes, e dos caprichos dos homens, obſta não poucas vezes a eſte ſanto projecto. Hum homem da Corte raras vezes vai ouvir os Prégadores, ſem a prevenção de que elles hão de cenſurar-lhe o ſeu procedimento; e eſte pejo com que olhão para elles, como para ſeus inimigos, ou ao menos como para Juizes ſeveros, embaraça notavelmente a perſuasão. Aos Theatros concorre todo o Mundo com a idéa de que ſó vai divertir-ſe, e recrear-ſe. E ſe o Poeta tem a feliz Arte de obrigar a que os expectadores ſe tranſportem com o movimento das paixões, e neſte tranſporte lhe inſpira huma maxima de obra Ethica, o triunfo he infallivel. Aſſim para hum Menino enfermo beber o remedio ſe lhe coſtuma banhar com o mel a circumferencia do cópo. Os bons Generaes uſão muitas vezes de eſtratagemas. Não quero dizer niſto, que ſe levantem Theatros, e que ſe deſamparem os Pulpitos: hajão humas, e outras Aulas. Deva-ſe a todas a boa educação da mocida-

 de;

de; a refórma dos coſtumes; as maximas da virtude; o aborrecimento dos vicios; o amor da Patria; e gloria da Nação.

Não he meu intento defender as Tragedias irregulares, e monſtruoſas, aquellas, em que ſó reina huma paixão criminoſa; aquellas, que enſinão o adulterio, a aleivoſia, e que atacão vigoroſamente a caſtidade; que pintão os Ceſares, os Brutos, os Eneas, não como homens, mas como Mancebos affeminados, e impertinentes amadores. Eſta formidavel péſte, que depreſſa ſe derrama não ſó pela Corte, mas pela Cidade; eſta Tragedia ainda que tem mais fautores, he certamente a que deve ſubir á ſentença de Platão, á cenſura dos Santos Padres, e á condemnação dos Concilios.

Não me atrevo a canſar mais a voſſa paciencia: com argumentos tão treviaes acabareis de conhecer a debilidade do meu diſcurſo; e permitta o noſſo Numen Tutelar, que não deſeſpereis do meu adiantamento, que eu da minha parte, para vos deſcubrir a ſinceridade, com que me ſacrifico aos trabalhos Academicos, vos confeſſo, que para obedecer-vos me tenho feito Plagiario, não fazendo nos meus diſcurſos mais do que tranſcrever aquelles poucos Authores, que a má fortuna, que me perſegue, me não póde arrancar das mãos.

DISSERTAÇÃO TERCEIRA

SOBRE

SER O PRINCIPAL PROVEITO

PARA FORMAR

HUM BOM POETA,

PROCURAR, E SEGUIR SÓMENTE

A IMITAÇÃO

DOS MELHORES

AUTHORES DA ANTIGUIDADE,

RECITADA

NA CONFERENCIA

DA ARCADIA

LUSITANA

No dia 7. de Novembro de 1757.

Nec verbum verbo curabis reddere fidus
Interpres . . .

Hor. Poet. v. 135.

PRECLARISSIMOS, AMANTISSIMOS, E SAPIENTISSIMOS SENHORES.

E assim como vós, ó Arcades, desejais formar em mim hum membro digno de tão illustre Sociedade, quizesse a Fortuna dar a mão a meus desejos, ajudando-me, ao menos, com a tranquillidade, de que necessita quem escreve, poderia eu de algum modo desempenhar vossa generosa eleição, e assentar-me menos envergonhado em hum lugar, que por sorte do Escrutino tocava a hum de nossos melhores, e mais distinctos Socios. Substituir as vezes de hum homem sabio, eloquente, e erudito; as vezes de hum Elpino Nonacriense (*), não he pezo com que posão meus hombros. Para commetter tão ardua empreza, necess-

(*) *O Senhor Antonio Diniz da Cruz e Silva.*

cessitava de mais brilhantes armas. Longo estudo; profunda erudição; hum vasto conhecimento dos Authores mais versados, e de melhores tempos; huma natural elegancia, e delicada pureza de linguagem, são predicados, e talentos que não descubro em mim, e os que só me podião desculpar a confiança, com que me sacrifiquei a tão difficil empenho. A gloria de obedecer-vos he a unica, e feliz circumstancia que me anima, e me promette a indulgencia, de que me fazia talvez indigno meu atrevimento. Senão satisfaço, ao menos obedeço.

Entre as solidas maximas, com que Horacio pertende formar hum bom Poeta, não he, como vós sabeis, menos importante a imitação: não fallo da imitação da Natureza; mas da imitação dos bons Authores: daquella imitação, a qual deve a Arcadia sua grande reputação, e não pequena parte dos honrados Elogios, com que foi recebida de nossos mais prudentes, e doutos Patricios, e que ha de espalhar seu nome pelas Nações estrangeiras. Este foi em todos os seculos, e será em todas as idades, o maior segredo de tão divina Arte. Os Gregos, e os Latinos, que dia, e noite não devemos largar das mãos estes soberbos Originaes, são a unica fonte de que manão boas Odes, boas Tragedias, e excellentes Epopeas. Este he o verdadeiro genio, a que o vulgo chama *Veia*

Po-

Poetica, e os doutos *Enthuſiaſmo*. Muito póde o eſpirito humano! Mas nunca terá força para ſubir tão alto, ſenão for pela eſtrada que trilhárão os Antigos Poetas, e Oradores. Entre nós, depois que acabárão os bons dias da Poeſia Portugueza, poucos forão os que penetrárão ſemelhante myſterio, de que são miſeraveis teſtemunhas as Obras dos Seiſcentiſtas. Guardava o Ceo para a Arcadia a honra, e a vaidade de erguer eſta bandeira, e levar comſigo ſeus Compatriotas. Hoje todos deſejão imitar os Antigos, todos eſtudão pelos Gregos, pelos Latinos, e pelos noſſos bons Authores; mas fugindo de Scylla, quantos várão em Carybdes? Querem ſer imitadores, e não paſsão de huns humildes Plagiarios.

Para evitar tão depravado extremo, nos recommenda Horacio o modo, com que devem ſer imitados os Antigos; e ainda que neſte lugar eſtabeleça outras regras para conſeguirmos tão deſejado fim; a mim me pareceo, olhando para o vicio mais commum, que devia eſcolher para aſſumpto as poucas, mas importantes palavras, com que tão grande Critico nos enſina a imitar, e nos moſtra o perigo, de que devemos fugir.

Muitos, querendo imitar Virgilio, fazem huma má traducção déſta, ou aquella imagem de tão grande Poeta; e eſcravos de ſuas palavras, não paſsão de traductores. Não imi-

imitão, roubão, e despedação as Obras alheias: desfigurão o que lhes agradou, como se tomassem por empreza fazer-nos aborrecer o que admiramos. Disto acha-se que enfermão tantos, quantas são as Obras, que todos os dias apparecem cheias de lugares dos Poetas, não imitados, mas servilmente traduzidos. He tão forte a preoccupação, de que nascem tão lastimosas desordens, que muitos com vaidade, e com soberba apontão, e mostrão os pensamentos, ou idéas, que roubárão, ou traduzírão.

Esta epidemia, que talvez reinava no tempo de Horacio, lhe deo razão para advertir aos Poetas dos vicios de que devião fugir, quando quizessem imitar, recommendando-lhes, que não traduzissem palavra por palavra, como hum fiel Interprete: assim explicão este lugar os melhores Commentadores da sua Poetica. E não sei com que razão o Traductor Portuguez trabalha por mostrar, que Horacio nestas palavras dá regras para as traducções, julgo que a ninguem deixará de parecer obvio, e natural o sentido do texto, tão livre de anfibologia. Todos sabem que Horacio, ainda quando parece passar de humas para outras cousas, guarda o melhor methodo, e conserva o fio da sua doutrina. Dom, que não podia faltar em hum tão grande Lirico acostumado ás digressões, que parecendo-lhe alheias do as-

aſſumpto, naſcem delle, e o deixão mais brilhante, mageſtoſo, e ſublime.

Não falta quem compare os Poetas com os Navegantes. A agulha, que lhes moſtra os rumos, he a eſtrella que os guia, e leva a ſalvamento: ſem ella ſerião mais frequentes os naufragios, e não poucas vezes os que demandaſſem remotas praias, não voltarião com a feliz noticia de novos Continentes. O Poeta, que não ſeguir aos Antigos, perderá de todo o norte, e não poderá já mais alcançar aquella força, energía, e mageſtade, com que nos retratão o formoſo, e angelico ſemblante da Natureza.

Devemos imitar, e ſeguir os Antigos: aſſim no-lo enſina Horacio, no-lo dicta a razão, e o confeſſa todo o Mundo Literario. Mas eſta doutrina, eſte bom conſelho, devemos abraçallo, e ſeguillo de modo, que mais pareça que o rejeitamos, iſto he, imitando, e não traduzindo. Os Poetas devem ſer imitados nas fabulas, nas imagens, nos penſamentos, no eſtilo; mas quem imita, deve fazer ſeu o que imita: ſe imito a fabula, devo conſervar a acção, ou alma da fabula; mas devo variar de fórma os Epiſodios, que pareça outra nova, e minha: ſe imito as pinturas, não devo no meu Poema introduzir hum Polyfemo; mas do painel deſte Gigante poſſo tirar as cores para hum Adamaſtor: ſe imito o eſtilo, não devo ſervir-me

das

das palavras dos Antigos, mas achar na linguagem Portugueza termos equivalentes, energicos, e mageſtoſos, ſem torcer as fraſes, nem adoptar barbariſmos.

Olhando para a prática dos Latinos, e bons modernos, achamos religioſamente guardados eſtes preceitos. Aſſim imita Virgilio a Homero na ſua Eneida: aſſim imita a Teocrito na ſua Bocolica. Aſſim imitou Camões a Virgilio: Antonio Ferreira a Horacio: Sophocles a Theocrito: Bion a Moſeo. Todos conhecem o Original que achou Ovidio em Euripedes para formar a ſoberba pintura do Carro de Faetonte; nos conſelhos com que o Pai encaminhou a reſolução do filho; do cuidado com que ſe aſſuſta; e da paternal miſericordia, com que prantea a deſgraça do atrevido Mancebo. Quando em idade mais adulta obſervamos mais attentamente eſtes formoſos Aſtros da Poeſia, ſenão foſſe irrefragavel a Chronología, ſenão conſtaſſe da Hiſtoria, poderiamos duvidar de quem era o Original; aſſim como tem havido quem ponha em problema, qual das duas Nações merece a primazia?

Se fallaſſe com homens menos inſtruidos, canſar-me-hia em confrontar as Cópias com os Originaes; os Latinos com os Gregos; os Portuguezes com huns, e outros. Mas na preſença de Arcades não me atrevo a moſtrar com o cabedal meu o que tem feito tre-

trevial a innundação de Poeticas, e Rhetoricas; que já cansão o espirito mais ávido de erudição, e mais cubiçoso de sciencia.

Não pareça que levado desta doutrina; quero dizer, do muito que Horacio, e todos os bons Criticos recommendão a imitação dos Antigos, tiro por consequencia, que o Poeta não deve dar hum passo livre, e que não póde adornar seus Poemas com pinturas, de que não conheça Originaes. Bem será que não chegue a perdellos de vista; mas seguindo este rumo, póde largar as vélas á sua fantasia, e voar até descubrir novos Mundos. Feliz aquelle, que não só imita, mas excede ao seu Original. Virgilio não poucas vezes cortou esta palma, excedendo na conceção, e energía a abundancia do Poeta que imitava. Nas poucas palavras deste emestichio *Jovis omnia plena*, abrangeo as circumstancias, com que Aracto descreve a Omnipotencia: outras vezes applicando, e vestindo de mais formosas cores a imagem que imitava, como nestes versos:

Olli dura quies oculos, & ferrus urget
Somnus in æternam claudientur lumina noctem.

nos quaes accrescentou magestade á magestade de Homero. Algumas vezes servindose dos Oradores Gregos, dava a seus pensamentos a luz, e pompa da Poesia, como neste versos:

Aut

Aut furiis Caci mens effera, nequid inausum
Aut intentatum scelerisve dolive fuisset:

que os Criticos conhecem ser imitação de outra semelhante sentença de Demosthenes, ou de Eschiries. Esta generosa liberdade concede Horacio aos Poetas; e tanto se não envergonha, que se jacta de havella tomado, quando fallando dos Imitadores servís, disse de si mesmo:

Ob imitatores tetrum pecus, ut mihi sæpe
Bilem, sæpe jocum vestri movere tumultus
Libera per vacuum posui vestigia princeps,
Non aliena meo pressi pede; qui sibi fidit
Dum regit examen.

Solto de tão pezada escravidão, imita o mesmo Horacio o Lirico Grego, sendo em muitos lugares conhecidamente superior a Pindaro. Quantas vezes a simples mudança de huma palavra afformosea hum verso, de fórma, que parece não só outro, mas fica na verdade melhor. He bem conhecido o verso de Euripedes, que se lê em Sophocles, sem mais differença que a de hum vocabulo; mas tão differente, que nada tem Sophocles que restituir a Euripedes, nem Euripedes que pedir a Sophocles.

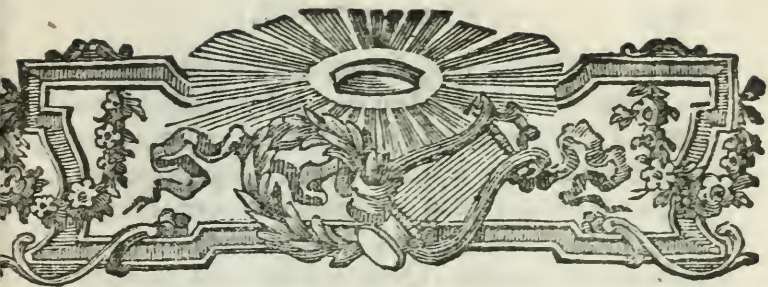
Eis-aqui o que não penetrão a maior parte dos nossos Poetas, pois adorão com tal superstição seus antigos Originaes, que queren-

rendo imitallos, não tem valor para mudar huma syllaba, quanto mais huma palavra. Sobem pela estrada, que pizárão nossos bons Poetas; seguem as pizadas dos Latinos, e dos Gregos; mas tão cobardes, e medrosos, que tarde, ou nunca chegaráõ aonde elles subírão. Semelhantes ao desgraçado caminhante, que em huma tenebrosa noite piza o caminho tão carregado de susto, que finalmente tropeça, cahe, e se precipita.

O Poeta he senhor da materia de que trata: se a invenção he toda sua, póde formalla como lhe parecer; se a pedio emprestada a algum dos antigos Poetas, deve, quanto lhe for possivel, reduzilla a tão nova figura, que pareça outra, e que fique sendo sempre a mesma.

ORA-

ORAÇÃO
PRIMEIRA,
EM QUE INTIMA, E PERSUADE
AOS
ARCADES
SE INTERESSEM EM CUMPRIR
AS LEIS DA ARCADIA;
QUE ERÃO EMPENHAREM-SE COM TODO o esforço na reſtauração da Eloquencia, e antiga Poeſia Portugueza,

RECITADA
NA CONFERENCIA
DA ARCADIA
LUSITANA
No dia 8. de Maio de 1758.

NOBILISSIMOS,
E
SAPIENTISSIMOS
ARCADES.

SE a opulencia da materia póde fertilizar a idéa do Orador, ſe lhe póde dar força, energía, e elegancia para mover, para arrebatar, e para perſuadir, certo eſtou eu, ó Arcades, de que hoje poderei com minha Oração dominar voſſos animos, ganhar voſſa attenção, e benevolencia.

Sois Arcades, ſois Portuguezes. Falla comvoſco hum compatriota, e não pertende mais, do que obrigar-vos a cumprir o que diſpõem as leis da Arcadia; o que exige a voſſa honra, e o que ſe deve á gloria da Nação, do Eſtado, e do Principe.

Já vejo que todos eſtais ſuſpenſos, e que talvez não falta quem diga: que ho-

mem he efte, que fempre excogita para af-fumpto das fuas Orações objectos fantafti-cos? Que nos accufa de crimes, que nós não commettemos, e que devendo aprender com-nofco a Orar, tem degenerado em declama-dor? Mas tambem eu, ó Arcades, vos per-gunto: e fe efte Declamador vos narrar fa-ctos inconteftaveis, fe produzir documentos authenticos, fe tratar de huma materia per fi mefma grande, magnífica, e capaz de le-vantar a reputação da Arcadia, chamar-me-heis Orador? Confeffareis, que tenho apren-dido comvofco? Que vos imito? E que me-reço fer admittido a fallar em voffa prefen-ça? Pois, Arcades, hoje não quero fenão moftrar-vos, que o pacifico, e profpero Rei-nado do noffo Clementiffimo Soberano eftá clamando, que cumpramos o que promette-mos; quero dizer, que féria, e inalteravel-mente nos appliquemos com todas as noffas forças ao honrado trabalho de reftaurarmos a Eloquencia, e Poefia Portugueza.

Sem a fundação de huma Arcadia fería impraticavel o magnífico projecto de reftau-rar eftas duas Divinas Artes: Artes, em que fe apoia a duração da Sociedade; de que de-pende a memoria dos homens illuftres; e não poucas vezes, a confervação da Répu-blica; ifto reconhecêrão os Medicis, as Cri-ftinas, os Pedros Grandes; Luiz XIV. e D. João o V. Que importa que entre hu-

ma

ma congregação de homens, ou barbaros, ou ignorantes, haja hum Homero, ou hum Demosthenes? Isto fará que religiosamente se guarde a pureza da linguagem, a energía da dicção, ou verosimilidade de pensamentos? Persuado-me que este homem será obrigado a calar-se, a esconder as suas Obras, e a suspirar no seu gabinete, em quanto o resto da Nação prostitue o credito de todos, divulgando escritos de que os Estrangeiros ou zombem, ou se compadeção.

Corre o tempo; ateia-se a epidemía; desprezão-se os bons Authores; não vale o exemplo da Antiguidade; apaga-se a memoria da Arte; e finalmente se transforma o genio da Nação. Se no fim desta Epoca apparecesse huma Alma capaz de atalhar o damno, acha já com tantas forças o Inimigo, que ainda que adquira a honra de atacallo, raras vezes cólhe os louros do triunfo. São tão frequentes, e talvez tão domesticos os exemplos, que não devo respeitallos. Prouvera Deos, ó Arcades, que ainda hoje em Portugal não avultassem mais as ruinas deste geral destroço, do que as miseraveis reliquias da restituida Lisboa. Só huma Academía, huma Sociedade de homens sabios, zelosos do bem, e da honra da sua Patria, he o Alexandre que póde cortar este Nó Gordiano, he o Achilles de que pende a expugnação de Troia.

Vós

Vós meſmos, Senhores, conheceſtes a força deſta maxima; vós a adoptaſtes; e vós a tendes felizmente praticado. Mas não reparais, Senhores, que eſta empreza he trabalho de hum Rei ſabio, de hum Rei grande? Nós podiamos ſoffrer ſobre noſſos hombros pezo tão formidavel? Não, Senhores: a outro ſe deve a reſtauração da Eloquencia, e da Poeſia. Hum Soberano, que Deos creou para Pai de ſeus Vaſſallos; hum Principe, que nós amamos, e que nos ama; hum Rei tão grande, que não neceſſita de conquiſtas para fazer reſpeitado ſeu Auguſto Nome; hum genio clementiſſimo, amante da Paz, e das Sciencias: eſte foi o novo Aſtro, que influio tão glorioſa revolução no Portugal Literario. A Paz, ſantiſſima Paz, Dom Celeſtial: Tu que affugentas os vicios, que conſervas a Religião, que produzes a abundancia, que defendes a honeſtidade, que animas as Artes, e Sciencias: a Paz, a ti, ſantiſſima Paz, devemos o feliciſſimo Reinado do Amabiliſſimo Auguſto Portuguez: Tu no-lo conſervas, Tu fazes gozar da pública tranquillidade, de que neceſſitão as Sciencias, e as Artes.

Não vos pareça, ó Arcades, que hum Soberano ſó protege as Academias: mandou-lhe paſſar hum Alvará, e huma Provisão Régia. Talvez que eſta protecção não ſeja a mais efficaz. Enche de vaidade os Membros

bros

bros da Academía ; e honrados com titulo, adormecem, desprezão a gloria, que só adquirem com o trabalho ; esquece-se a instituição, e se se ajuntão, não se colhe de suas Assembléas mais fruto do que o apparato. A verdadeira protecção consiste na tranquillidade pública, na Paz, e na abundancia.

Agora provar-vos-hei, ó Arcades, que devemos esta venturosa situação á sabedoria do nosso Augustissimo Soberano. Mostrarei que restaurou, ou para melhor dizer, que fundou o Commercio : aquelle admiravel apoio da Monarchia, de que pendem as forças da Nação, a magnificencia do Principe, e a reputação do Estado : aquelle negocio fundado na boa fé, e na verdade ; aquelle, que honrão as Leis ; aquelle, que tem feito gloriosas, e florentes tantas Monarchias, deverei provar, que este grande Rei para sustentar o novo Commercio lhe franqueou os meios de formarem tão importantes fundos ; que concedeo Privilegios, e que lhe deo Navios.

Vós não sabeis, ó Arcades, para que se fundou hum Tribunal de Commercio. Quem ignora a severidade, com que se prohibírão os contrabandos ? E a magnificencia com que se fundárão Fabricas ? Pois a que se dirigia todo este apparato ! Que desejava o Coração deste Amabilissimo Principe ? Não era a nossa tranquillidade, a pública abundancia,

e

e a ſegurança do Eſtado ? E ſe faltaſſe eſte apoio ás Artes, e ás Sciencias, quem poderia reſtabelecellas ? Qual sería o Alcides, que venceſſe eſte trabalho ? Se hum Principe imprudente, ou ambicioſo, deſejaſſe as Provincias alheias; ſe para devaſtallas, ou para poſſuillas levantaſſe numeroſos Exercitos, lançaſſe pezados tributos, fizeſſe innumeraveis reclutas : ſe nos eſtrugiſſe a Artilheria; ſe nos incommodaſſem os quarteis; ſe nos algemaſſem os Inimigos, quem eſtudaria ? Quaes seriáo noſſos verſos ? Que força teria a Eloquencia Portugueza ?

Sem revolvermos muitos livros, fictando a noſſa contemplação unicamente na Hiſtoria das Letras, acharemos com facilidade, que os bons ſeculos naſcêrão nos braços da Paz; durárão, em quanto durou a tranquillidade pública; e acabárão, tanto que ſe arvorou o Eſtandarte da Guerra. Grecia, Roma, Italia, França, e Portugal ainda nos offerecem em ſeus Annaes inconteſtaveis exemplos deſta verdade. Quem fez emmudecer a lingua de Cicero, ſenão quem deſtruio a Paz, aquella meſma Paz, que talvez ſe devia em grande parte á Eloquencia do Orador. Finalmente, para que me canſo em amplificar o que vós ſabeis, e huma materia, que para ſer grande, e mageſtoſa, não neceſſita nem dos adornos, nem dos auxilios da Rhetorica.

Mas,

Mas, ó Arcades, se nós conhecemos esta verdade, senáo somos táo ingratos, que neguemos este beneficio, para que nos esquecemos da nossa obrigaçáo? Que esperamos? Que nos acobarda? Que nos prende? Náo deixemos, Senhores, náo deixemos passar inutilmente hum tempo táo precioso: agora, agora he que devemos honrar-nos de sermos Arcades, de cumprirmos o que devemos a hum Principe táo digno de ser honrado. He, Arcades, he tempo de lhe pagarmos tanto beneficio; náo como nós devemos, mas como nós podemos. Trabalhemos seriamente em adiantar os progressos de táo illustres faculdades. Façamos táo glorioso, quanto he feliz o seculo de D. José o I.

Aqui deveria eu propôr-vos o methodo de conseguirmos esta empreza, e de verificarmos táo soberbas esperanças; mas eu fallo com Arcades, fallo comvosco, que bem sabeis qual he a estrada, que devemos seguir para adiantar o progresso de táo Illustre Sociedade.

Frequentar as Assembléas he sem dúvida a primeira pedra deste sumptuoso edificio; mas frequentar sem methodo, e sem proveito, he deixar a máquina sem alicerses. Qual seja, ou qual devia ser este methodo, he materia para que náo bastáo as minhas forças. Depende de que todos nos ajuntemos, de que cada hum com ingenuidade pro-

po-

ponha o ſeu arbitrio, de que ſe tome a mais prudente reſolução; e de que ſe obſerve conſtante, e religioſamente o ſyſtema, que ſahir approvado.

Mas para que me canſo, ó Arcades? Quem dá ouvidos á Oração do Preſidente? Ou quem lhe deo authoridade para deliberar? Baſta fazer hum diſcurſo em louvor da Academia; ou para melhor dizer, baſta enganalla com deteſtaveis liſonjas; não he eſte negocio tão ſincero, que mereça mais ponderação, do que ſoffrer hum Papel em proſa, que ſempre he faſtidioſo; e muitos são de parecer que ſe devem ſupprimir, pois não ſervem de mais do que de fazer compridas as lições.

Ah, Senhores, que violento furor, que ira, que indignação me não poſſue, quando me lembro, que eſtes penſamentos naſcem entre homens ſabios, entre nós, entre Arcades! Queremos reſtaurar a Eloquencia, e não podemos ſoffrer que ſe exercite! Baſtará ler Cicero, Quintiliano, e Ariſtoteles para ſe formar hum Orador? Sabe os nomes dos Tropos, e das Figuras, ſabe o que he Exordio, e póde orar? E Cicero tremia, porque lhe faltava o exercicio.

Perdoai, ó Arcades, eſta liberdade, que he filha do zelo, com que amo a voſſa reputação, e o credito da noſſa Arcadia: ſe quizerdes refrear o meu atrevimento, vede

que

que he ſincero, e juſto cumprir o que prometteſtes de ſer util á Nação, fazendo honra á Patria. A venturoſa Paz he o principal, digno objecto; pois nos conſerva noſſo clementiſſimo Rei, e por elle nos vem as felicidades de que gozamos, a tranquillidade pública, os preſentes, e futuros intereſſes para eſta Monarchia: tudo, Arcades, tudo iſto argue, e vos obriga, porque aſſim o prometteſtes; e quem não dirá não ſerdes obrigados a cumprir voſſa palavra?

Diſſe.

ORAÇÃO
SEGUNDA,
EM QUE DECLAMA
CONTRA
A FALTA DA APPLICAÇÃO
DOS
ARCADES
AOS ESTUDOS,
NOTANDO-OS ESQUECIDOS
já das Leis da ſua Empreza, e obrigações dos ſeus Eſtatutos,
RECITADA
NA CONFERENCIA
DA ARCADIA
LUSITANA
No dia 30. de Junho de 1759.

AMANTISSIMOS,

E

SAPIENTISSIMOS

SENHORES.

SE as circumſtancias do lugar, e a diſtinção dos ouvintes podem aſſuſtar alguma vez o animo do Orador, que cobarde, que temeroſo não venho hoje fallar na voſſa preſença? Não houve preceito que me obrigaſſe: não he a abundancia, que me deſculpa: nem o eſcrutinio, nem a voſſa eleição me nomeárão Preſidente. Quem deixará de accuſar a minha affoiteza, e o meu atrevimento? Parece-me, que ainda que a modeſtia, que governa as voſſas acções, vos obriga a dares-me attenção, não ſe livrará de eſtranhar a voſſa idéa, que hum homem deſtituido de todos os talentos, e tão pouco verſado em materias de

Elo-

Eloquencia , não tenha pejo de frequentar huma Cadeira , em que desmaiarião os Ciceros , e os Demosthenes. E quanto será mais pezada vossa reprehensão , se souberdes , ó Arcades , que me venho substituir ?

Confesso-vos , Senhores , que esta reflexão me envergonha , e me confunde. O profundo conhecimento da Arte de Orar ; a pureza , e energía da frase ; a sublimidade dos pensamentos ; a boa ordem ; a vasta erudição do nosso sabio Pastor Matalezio Klasmeno , não são estes talentos humas das mais solidas Columnas , em que se apoia , e em que descança a gloria , e a honra da Arcadia ? E se eu tenho que supprir a falta deste famoso Pastor ; se voluntariamente tomei sobre meus hombros este formidavel pezo , como poderei conseguillo ? Quem deixará de estranhallo ? Ou qual de vós será tão indulgente , que se abstenha de reprehenderme ? Assim he , ó Arcades. Mas se a importancia da materia póde , de algum modo , relevar a baixeza do estilo , a falta de disposição , e de vehemencia , procurando assim com minha Oração interessar-vos no adiantamento da reputação da Arcadia ; se vos descubrir o caminho , que deveis trilhar para alcançardes maior Nome (se he possivel) e mais honrada fama , porque me não ouvireis ? Quantas vezes não vemos nós em inexpertos praticantes governarem com felicida-

dade o meſmo leme, que tocaria os cachopos, na mão dos mais famoſos Pilotos? Logo que fundámos eſta noſſa Sociedade, me intereſſei tanto nos ſeus progreſſos, como ſe a cauſa foſſe ſó minha. Trabalhei comvoſco quanto o permittião minhas débeis forças. Tentámos aquelles caminhos, que noſſos Compatriotas ou deſprezavão, ou não conhecião. Fizemo-nos famoſos, conſeguimos que o Menalo ſeja nomeado com admiração, e com reſpeito: que ſe leião, que ſe buſquem, e que ſe eſtimem noſſas Obras. Aſſim he, ó Arcades; mas ſeja-me licito perguntar-vos: e eſtá aſſim ſatisfeita a noſſa obrigação? Não era o noſſo projecto reſtabelecer a boa Poeſia, e a verdadeira Eloquencia pelo meio da mais ſevera critica? A invenção da noſſa empreza eſtá verificada? Teve já a ſua devida obſervancia entre nós? Sujeitámos á critica noſſos Eſcritos ſem aborrecermos noſſos Cenſores? Reina entre nós aquella ſinceridade, com que reciprocamente devemos deſpir-nos de paixões particulares, e ſacrificar-mo-nos, e noſſos eſtudos á cauſa commua, á honra da Patria, e á gloria da Academia? Não ſou eu, ó Arcades, tão liſonjeiro, que me atreva a dizer-vos, que eſtá completo eſte grande Projecto; que pelejamos, e que vencemos. Não, Senhores, antes ſinceramente vos confeſſo, que não levantando nunca de ſemelhante

ponto a minha contemplação, cheguei a persuadir-me, que hum certo espirito de vaidade, huma quasi invencivel negligencia, huma certa cobardia, que nos ata, e que nos prende, nos precipita a cahirmos em reprehensivel lethargo, e reiterados absurdos. Parece-me que temos nas mãos a Planta de huma populosa Cidade; que abrimos n'uma parte hum profundo alicerse, que levantamos na outra huma soberba columna. Está cortada a pedra para a grande obra: não faltão os obreiros; e talvez sobejem os Architectos; mas a pezar de todo este magnifico apparato a Cidade não póde alojar os habitantes de huma Aldeia! E quem susterá o riso, vendo este ridiculo painel? Chamar-me-heis insolente, porque vo-lo ponho diante de vossos olhos? Assim o julgaria a malicia, ou a desconfiança, se eu não apparecesse na scena, senão fosse Actor da Tragedia.

Permitti-me, Senhores, que discorrendo em tão importante materia, possa fallar livremente, possa dizer o que entendo. O Projecto do estabelecimento da Arcadia foi grande, foi magestoso, foi util, e era necessario. Os Estatutos, com que ella se fundou erão sólidos, apoiados na razão, e na prudencia, e concernentes ao glorioso fim, a que se dirigio o nosso trabalho, e a nossa esperança. Os animos estavão dispostos, ou ao menos os semblantes: chegou a de-

ſejada occaſião, mudárão-ſe os Baſtidores, deſappareceo a ſinceridade, confundio-ſe a boa ordem, enchemo-nos de hum terror pânico, não pudemos ſoffrer a crítica; apoderou-ſe de nós a ſoberba, creſceo o odio, e ſenão ſe reformaſſe a lei, já então ficaria deſpovoada a Arcadia, o Menalo ſem Paſtores, e nós em vez de amigos, e de Companheiros, jurados inimigos huns dos outros.

Que fatal exemplo da inconſtancia, e da fragilidade dos homens! Serenou-ſe a tempeſtade; ficámos contentes, e ſatisfeitos; porque ficámos com liberdade de chamarmos bom ao que era máo; livres da cuſtoſa obrigação de diſcernirmos o falſo do verdadeiro, ſenhores abſolutos do Parnaſo, com a ampliſſima faculdade de infringirmos, caſſarmos, ou derogarmos as mais precioſas Leis da Poetica, e da Rhetorica. E que fizemos? Clamavamos contra os miſeraveis Seiſcentiſtas, contra o máo goſto da Nação: choravamos pelos bemaventurados dias de Camões, de Bernardes, e de Ferreira: compravamos a todo o cuſto as ſuas Obras, como que foſſe o meſmo tellas, que imitallas. Entrámos a chamar Ode ao que era Idillio, e Idillio ao que era Satyra, Satyra ao que era Dithyrambo: n'uma palavra, corria com paſſos tão accelerados a noſſa decadencia, que já parecia inevitavel a ultima

ruina, ou ao menos se deveria julgar impossivel o remedio destes damnos.

Aquelles pomposos designios de domar o genio da Nação, fazendo que a critica fosse recebida como conselho, e não como offensa, aquella magnifica idéa de banir da Poesia Portugueza o inutil adorno de palavras empolladas; conceitos estudados; frequentes antitezes; metaforas exorbitantes, e hyperboles sem modo; introduzindo em nossos versos o delicioso, e apperecido Ar da nobre simplicidade, forão os dous Pólos que primeiro perdemos de vista. Erguêrão a cabeça esses mesmos Vicios, que promettiamos, e juravamos reformar, ou reprimir, ficando tolerados ou por inercia, ou por cobardia, ao mesmo passo que o Podão pintado em o nosso Escudo ameaçava, ou fazia rir aos estranhos.

Não vos pareça, ó Arcades, que debaixo destas palavras em lugar de hum verdadeiro zelo, que me move, e que me atormenta, se encobre ou o veneno da Satyra, ou huma simulada malidicencia. Não, Senhores, sou eu o primeiro que, a pezar destas desordens, conheço, admiro, e divulgo as rarissimas bellezas Poeticas, que brilhão em nossos Escritores; os sublimes talentos, de que sois dotados: confesso sem o menor espirito de adulação, que muitas de vossas composições podem dar aos nossos con-

tem-

temporaneos huma clara idéa da boa Poesia, e da verdadeira Eloquencia; mas isto, Senhores, não basta, nós promettemos mais, não nos ajuntamos para as cousas ficarem no seu antigo estado. Serdes vós grandes Poetas, e grandes Oradores, e ser eu mediocre em qualquer destas duas faculdades, he hum fenomeno, que appareceria, ainda que não houvesse Arcadia; e talvez que menos injuriosa me sería a minha ignorancia, se livre de funções de Academia, deixasse de expôr ao público a minha incapacidade.

Desta lastimosa falta, que eu lamento, e de que talvez se queixaráõ, outra nasce, e he, Arcades, da reprehensivel indolencia, que reina entre nós. Entregues a huma vergonhosa indifferença, deixamos passar os dias, como se não tivessemos mais que fazer, como se nos não obrigassemos a mais louvavel trabalho, como senão houvessemos de dar conta ao público do tempo, que consumimos inutilmente, ou como se elle se pagasse de puerilidades, ou se governasse pelos mesmos respeitos, que nos arrastão, e nos constrangem a commettermos estes abusos. Se eu clamar, que approvei este, ou aquelle Poema, porque era do meu Amigo, ficará desculpado o Author? Haverá homem prudente, que approve o meu froxo procedimento? Se eu não quiz sujeitar á censura os meus Escritos, porque cheio de amor pro-

prio,

prio, e de ſoberba, julguei que não havia na Arcadia quem deveſſe ter o atrevimento de cenſurar-me haverá quem ſe não ria de mim? *Será* baſtante Apologia divulgar que ninguem na Arcadia faz melhores os Verſos do que eu? Não acharei quem me reſponda, que dahi o que ſe ſegue, he que todos ſomos peſſimos Poetas? Certamente, que eſtes preſagios não he preciſo conhecer as Eſtrellas, para poder annunciallos.

A experiencia acaba de moſtrar-nos, que ſe o uſo da critica ſe tiveſſe conſervado em ſeu vigor, ſerião dignos de honra, e de louvor os progreſſos da Arcadia. Quem foi tão barbaro, que deixaſſe de eſtimar, que o Collegio Cenſorio eſtiveſſe patente para rever, e purificar as Obras, que queremos imprimir? Não ficamos deſenganados de que a cenſura não era o Patibulo? E que em vez de enfamia, reſultava della maior credito a quem por eſte meio dava aos ſeus eſcritos o ultimo verniz? Reprovárão-me a minha compoſição, e que injúria me fizerão? Livrárão-me de ſer eternamente a fabula do Povo; e de ter nos exemplares da collecção hum Eſpectro, que me vexaſſe, que me perſeguiſſe, e que me atormentaſſe. Advertírão-me, como Amigos; e entre os eſtranhos acharia crueis, e innumeraveis Radamantos. Cahiria ſobre mim a formidavel chuſma de eſpiritos inſolentes, e ocioſos,

que

que ſe ſeváo, e parece que ſe nutrem de criticar, ou para melhor dizer, motejar, e detrahir quanto ſe eſcreve, que não perdoáo huma virgula, e que ſabem de cór as regras da Grammatica, e da Orthografia: aquelles, que tem na ſua máo a craveira dos juizos, e que ſó approváo as Obras de ſeus Amigos.

Eſtareis talvez perſuadidos, de que eſtou ſatisfeito de moſtrar-vos, que a critica he o unico meio, que temos de conſeguir, que cheguem á poſteridade noſſos Eſcritos, e que frequentando mais as cenſuras, poderemos atalhar eſtas deſordens, e avançar a noſſa reputação. Mas eu ainda olho para mais lonje; ainda vos peço maior retórma. Náo baſta criticar o que ſe faz, he preciſo enſinar o que ſe ha de fazer. Sim, Sapientiſſimos Arcades, he preciſo que nos appliquemos com methodo, e com frequencia a explicar as regras mais difficultoſas da Poeſia, e da Rhetorica, de ſorte, que qualquer de noſſos Socios poſſa conceber huma clara idéa deſtas faculdades, e ſeguir huma uniforme doutrina. Devemos empenhar-nos em que brilhe geralmente nas compoſições de noſſos Paſtores a meſma pureza da lingua, e a meſma graça de eſtilo, a meſma magnificencia de imagens, a meſma perfeição d' Arte; n' uma palavra, o meſmo goſto, e até, ſe poſſivel foſſe, o meſmo genio. Então ſe-

ría

ría util a Academia, então poderiamos jactar-nos de sermos os Fundadores de tão sumptuoso Edificio; então confessarião nossos Compatriotas, que faziamos o seculo do nosso adorado, e Clementissimo Soberano mais distinto, e mais famoso do que o de Augusto, de Pedro Grande, e de Luiz XIV.

Para conseguirmos este glorioso fim, não será preciso que cada hum de nós componha huma Poetica, ou huma Rhetorica: as mesmas Dissertações, que os Arbitros repetem nas Conferencias, e a Oração de Presidente, havendo a providencia de lhe ter distribuido a materia por pontos, ou questões, que tenhão connexão humas com as outras, poderão conduzir-nos tão longe sem que cheguemos cansados, ou que desmaiemos no caminho. O fruto, que se deve esperar deste trabalho, he certamente inextimavel, e eu vos prometto que chegueis a colhello, se approvando o meu arbitrio, nos levantarmos do vergonhoso lethargo, em que jaziamos.

Não creio que haja entre nós quem me pertenda reclamar a liberdade, com que foi fundada esta Academia: circumstancia, com que ouvi já qualificar a sua excellencia, ou talvez arrogar-lhe a primazia. Quem não vê quanto he mais util, e proveitoso tratar com methodo esta, ou aquella faculdade, do que hoje disputar sobre a Tragedia, á manhã

nhá ſobre a Hiſtoria; depois tratar das Eclogas, e logo de queſtões de Orador? Que mais poderia fazer quem tiveſſe o malvado deſignio de atormentar a memoria, e o juizo dos ouvintes? O agrado que traz comſigo a variedade, e que tem já paſſado o axioma, he a pernicioſa origem de que naſcem eſtas deſordens. E que terriveis damnos não tem ella cauſado na Républica das Letras? Com tão exquiſita doutrina ſe reſolvêrão Poetas Dramaticos a miſturar o Sôcco com o Cothurno: foi o berço da Tragicomedia, dos Acroſticos, e dos Labyrinthos, verdadeiros monſtros, a que bem podemos chamar *Sonhos de hum doente.*

E que eſtes vicios reinaſſem entre o Vulgo, que foſſem ſuſtentados por mediocres Poetas, ou para melhor dizer, eſpurios Trovadores, não me admirára; mas que huma companhia de homens doutos, que ſe levantou para reſtaurar o *bom goſto*, haja de adoptar os meſmos dogmas, e que não trabalhe quanto póde, e como deve para conſeguir o que prometteo, he o meſmo que abrirem-ſe os montes, e ſahir hum ridiculo ratinho.

Que General ſerá tão louco, que emprenda tomar huma Praça ſem diſpôr o ſitio, formar as linhas, montar as baterias, avançar os aproxes, bater a brécha, e eſcalar as muralhas; baſtará dizer, que vai render

der Bergopzoom ? Haverá quem o creia, vendo que o Exercito á vista dos muros ameaçados, consome os dias em jogos, e banquetes ? Que reina no campo hum profundo socego, como se estivessem em segura paz; e que apenas ha quem se lembre do projecto ?

Não adormeçamos, ó Arcades, ao som de huma aura popular, que hoje nos levanta ás estrellas, e á manhá nos ha de precipitar no abysmo, sendo a primeira, que cruelmente devore a nossa reputação. Estes applausos são nuvens, que qualquer Zefiro as dissipa. Cuidemos estabelecer a nossa memoria em mais solidas columnas, que resistindo á força do tempo, posśão transmittillas a posteridade. Que proveito me resulta de que ou por ignorancia, ou por ceremonia, gavem alguma composição minha, se eu mesmo agitado de huma especie de recurso, desconfio dos applausos, e sinto as dores de que anda achacado o papel ?

Evitemos este dissabor com o remedio da critica; e para que haja tempo, em que nem della necessitemos, tratai de formar hum systema de bom gosto pelas mais irrefragaveis regras da Poesia, e da Eloquencia. Illustremse os Aristoteles, os Demosthenes, os Longinos, os Horacios, os Ciceros, e os Quintillianos : seja este nosso trabalho, e nossa occupação. Ponhamos em mais socego as Mu-

sas;

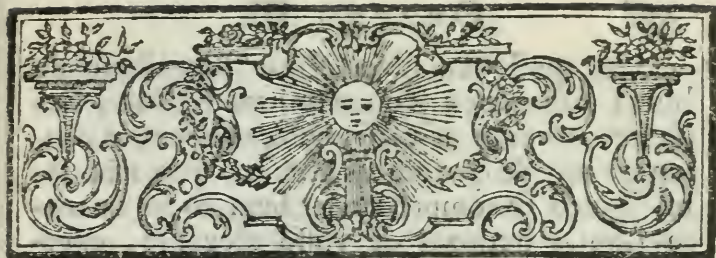
ſas ; deixemo-las reſtaurar as forças , que eſtão canſadas de tão contínuas tarefas. Appareção depois mais fortes , mais engraçadas , e mais dignas de aſſiſtirem com novo alento á ſombra dos pinheiros do Menalo.

Eis-aqui , ó Arcades , as idéas , que ha muito revolvo na memoria ; até que inſtigado do zelo , com que eſtimo a voſſa reputação , não ſube guardar em ſegredo , perſuadindo-me que era culpavel hum ſilencio de que reſultava tanto prejuizo á gloria commua deſta Sociedade. Dar-me-hei por bem pago do meu deſejo , ou por abſoluto da minha audacia , ſe for tão feliz , que chegue a ver , que vós , compadecidos da minha incapacidade , entrais no projecto de inſtruir-me , e que o público reconhecendo que cumpris o que prometteſtes , vos honre com os ſoberbos titulos de *Bons Compatriotas* , de *Verdadeiros Sabios* , de *Reſtauradores do Credito* , e *Gloria da Nação*.

ORA-

ORAÇÃO TERCEIRA,

EM QUE SE PERSUADE
OS BEM DEVIDOS LOUVORES
DO NOSSO
SOBERANO,
SEMPRE AUGUSTO,
E
FIDELISSIMO,

RECITADA
NA CONFERENCIA
DA ARCADIA
LUSITANA
No dia 4. de Março de 1763.

Confesso-vos, Illustrissimos, Sapientissimos, e Amabilissimos Senhores, que eu me vejo confuso, perplexo, e cheio de temor, todas as vezes, que tenho que discorrer na vossa presença. Conheço, que vós me puzestes neste lugar não só para sondardes a minha insufficiencia, mas tambem para me promoverdes a maiores estudos. Sei qual he para comigo a vossa indulgencia; que desculpais os meus erros, e que me haveis acudir com as vossas lições. Tudo isto sei, tudo vos agradeço; mas nada disto he bastante para vencer o meu justo receio: nada disto apaga a vehemente idéa, que tenho concebido da vossa erudição, dos vossos rarissimos talentos. Vejo-me na presença dos melhores Poetas, dos melhores Oradores, dos melhores Filosofos, dos melhores Criticos: n'uma palavra, na vossa presença.

Que

Que posso eu dizer, que seja digno de huma Assembléa tão conspicua? Não, Senhores, recitai as vossas composições, e contentai-vos de que eu as escute, que não farei pouco se comprehender bem todas as maravilhosas bellezas de vosso elegante, energico, e magestoso estilo. Se o vosso projecto he reformar a Poesia, purificar a lingua Portugueza, restaurar a Arte de Orar; estabelecer hum systema de bom gosto, pelo meio de huma prudente critica, com que póde contribuir para tão glorioso fim o meu fraco discurso? O meu depravado gosto? E o meu grosseiro estilo? Mas se em fim, Senhores, he indispensavel que eu cumpra as obrigações deste lugar; senão he licito subtrahir-me ao cargo de fallar hoje na vossa presença; se devo dizer alguma cousa, que seja digna da vossa attenção, resolvome a ministrar-vos materia para vossas composições. Corra por vossa conta o revestilla de sublimidade de pensamentos, de energia, de dicção, e de boa economia da Fabula, que erige a grandeza do assumpto.

Tendo nós a felicidade de vivermos debaixo de hum Governo o mais benigno, que tem desfrutado o Reino de Portugal, não sería, Amabilissimos Socios, feia a nossa memoria, se com ella não passasse á posteridade a noticia, de que não degenerando da filiação Portugueza, tinhamos, para mostrar-nos

agra-

agradecidos, trabalhado por fazer eternas as grandes acções, as heroicas virtudes de nosso Clementissimo Soberano. Que dirião os vindouros, se lessem nas nossas Decadas, que em Lisboa se tinha fundado huma Academia, que erão Portuguezes os membros della; que estava em ditosa Paz o Reino todo; que a Justiça brilhava incorrupta; que não se tolerava o Vicio; que se estimava a Virtude; que florecia o Commercio; que se conservavão as Conquistas; (ou para melhor dizer) que reinava o Augusto, o Pio, o Fidelissimo Senhor D. José I.? E que os Arcades se esquecêrão de cantar estas Virtudes? Que dedicárão as suas composições, e os seus estudos a objectos menos dignos, e menos magestosos? Que horrorosa conjectura! Que infamia para os nossos nomes, se os vissemos accusados de tão enorme ingratidão! Eu me envergonho só com a primeira idéa: gella-se-me o sangue, estremeço; parece-me que foge o tempo; que chegão os seculos futuros, e que ouço detestar tão abominavel tradição. Perdoai-me, Senhores, esta distracção; se aqui ha enthusiasmo, he a força da verdade, que me toca o coração, que me sorprende, que me arrebata.

He bem vulgar o axioma, de que os bens não são desejados, senão quando se perdem. Vivemos no centro da Paz: não conhecemos a nossa felicidade. Talvez que os

Soldados ſe queixem de não haver guerra: talvez que o Piloto murmure, de que não ſaião Armadas. Chamão a iſto não ſermos conhecidos no Mundo. Lembrão-ſe das expedições, que nos ganhárão tantas Conquiſtas. Trazem ſempre na memoria o Campo de Ourique, Aljubarrota, as Linhas de Elvas; mas não computão a deſpeza de huma longa guerra; o ſangue que cuſta qualquer victoria; os incommodos de huma contribuição; a violencia das reclutas; e as feias conſequencias da licença Militar.

Póde-ſe interprender com juſtiça huma guerra: póde-ſe avançar o exercito com avantagens: tudo pende da fatalidade de hum dia: póde ſer obrigado a retirar-ſe precipitadamente. Podiamos ver a noſſa Capital cercada de Tropas Inimigas. Então tudo ſería eſpanto; tudo confusão: todos deteſtarião a Guerra, e chorarião pela Paz, ſe fictarmos a conſideração em huma ſcena tão funeſta: ſe virmos alijar as bombas; cahir os edificios; atear-ſe hum voraciſſimo incendio; derramarem-ſe pelas ruas as afflictas Mãis com os innocentes filhos, eſpavoridos do eſtrondo da Artilheria; as Donzellas deſamparadas; cubertas de pó, e de ſangue; os canſados Velhos não podendo fugir: finalmente, os noſſos Eſquadrões atropelando os ſeus meſmos Compatriotas: os Soldados Inimigos... Baſta, Senhores; não he preciſo mais; le-

van-

vantemos os olhos para o noſſo Clementiſſimo Rei, para aquelle Aſtro de Paz, de abundancia, que nos livra de tantas calamidades. Que Odes, que verſos não merece? E ſe o ſoffrêra a noſſa Religião, que Hymnos lhe não cantariamos? Que Altares lhe não ergueriamos? Não os merecia mais Auguſto; nem Horacio tinha mais razão para jurar pelo ſeu Nome.

Se quem tem hum largo conhecimento da materia, que pertende expôr nos ſeus Poemas, lhe não falta a energía, nem a elegancia: quem deſejará cantar as Reaes Virtudes de hum tão grande Rei, que não tenha fertilidade na fantazia, graça nas palavras, e força nos penſamentos? Que falta pois, Nobiliſſimos Socios, ſenão principiar? E que vos demora? Talvez com profundo reſpeito receais que no Auguſto Coração não ſejão bem recebidos os voſſos louvores? Dizeis-me, que entre as grandes virtudes deſte bom Principe brilha a modeſtia: que he ella a que aparta do Throno a infame adulação. Aſſim he; mas a verdade, a verdade he que domina naquella grande Alma. Se nós para louvarmos o noſſo Soberano nos foſſe preciſo tecer Elogios mentiroſos, invectivas contra os vicios, ſería juſto o noſſo receio. Mas cantar virtudes verdadeiras, acções notoriamente grandes; effeitos da clemencia, da juſtiça, da generoſidade, não póde deixar de ſer huma acção bem accei-

ta daquelle Animo justo, que não costuma deixar a Virtude sem premio.

Ha poucos tempos, que a Divina Providencia quiz que os Portuguezes soffressem os golpes de hum horroroso flagello. Chegou o grande instante: revolveo-se o pavimento da Cidade: cahírão com feio estampido as Torres, os Templos, e os Palacios. Tudo forão lagrimas, tudo espanto, tudo confusão! Que memoravel dia! Sahimos das ruinas das nossas casas, deixando alli tudo quanto he necessario para a commodidade da subsistencia da vida. Refugiámo-nos no campo, e insensivelmente se nos foi apresentando tudo quanto podia remediar-nos, e ajudar o nosso novo estabelecimento. Que impulsos de compaixão, de clemencia não movêrão o Augusto coração de hum bom Rei, quando poz os olhos na calamidade pública! Que ordens, que determinações não sahírão daquella grande Alma em soccorro dos afflidos Portuguezes! Grande Rei! Rei sabio! Rei pacífico! Rei clemente!

Que mais heroico assumpto, Amabilissimos Socios? Certamente que não teve Horacio, nem Virgilio outro tão cheio de verdades maravilhosas, nem tão susceptivel de bellezas Poeticas!

Não he menos digna de Elogios a sabia eleição, que este Monarca faz de seus Ministros. Que excellentes Poesias se não podem

dem compôr, querendo moſtrar o augmento do Commercio! A nova economia das Conquiſtas! O grande projecto do eſtabelecimento das Fabricas! A diſciplina das Tropas! As Leis, que quotidianamente ſe eſtão promulgando, dirigidas todas a refrear os vicios, que fomenta o eſpirito da ambição, ou do letigio! Ellas ſós farão novo Codigo, que ſerá o Faſto da Hiſtoria Portugueza, em que melhor ſe veja, não ſem admiração, a felicidade que tivemos os que vivemos debaixo de hum tão feliz governo, e ſabio Miniſterio.

Sim, Senhores, eu eſtou já vendo que nos voſſos corações faz huma notavel impreſsão eſte Diſcurſo, e que já eſtais reſolutos a ſacrificar todas as voſſas forças a tão honroſo trabalho. Parece-me que já eſtou ouvindo as ſingulares compoſições, com que moſtrais bem recebido o meu arbitrio.

Se a ſoberba dos Romanos edificou o Capitolio; ſe fez deſte Edificio o ſacrario da Heroicidade ſó para ſer agradecido aos valeroſos Capitães, que conſervárão por longo tempo a felicidade da Républica, e a gloria da Nação; nós que podemos levantar Eſtatuas mais duraveis aos noſſos Heroes, iſto he, que podemos fazer eternas as grandes acções, tranſmittindo-as á poſteridade nos noſſos eſcritos, com que inercia os deixaremos ſepultados em hum ingrato eſquecimento?

to ? Se de juſtiça devemos eſte obſequio, ſe he acrédor delle hum Rei o mais amavel, e mais clemente, que nos ata ? que nos demora ?

Tem tanta força a juſtiça deſta cauſa, que a mim me parece que já nos voſſos ſemblantes deſcubro algum géſto, que me reprehende. A verdade não preciſa de defenſores. Vós, melhor do que eu, conheceis, e obſervais eſte magnífico aſſumpto. Ha muito que premeditais expollo ao Mundo nos voſſos elegantes Poemas. Não foi ingratidão, não foi deſcuido, ſe tardaſtes em intentar a grande Obra. Quizeſtes delinealla com prudencia, fundando-a nas ſólidas baſes da verdade; mas a modeſtia vos deteve os paſſos, não penſando que a Divina Providencia nunca tira dos theſouros da ſua bondade as grandes almas, que fazem felices os Póvos, que são as delicias da ſua Nação; ſem formar eſpiritos capazes de ſerem Panegyriſtas de ſuas illuſtres acções, não deviamos conhecer hum Principe tão benemerito, ſem tão excellentes Poetas. Não houve Achilles ſem Homero, nem Auguſto ſem Virgilio.

ORA-

ORAÇÃO

. . . . . . Prima eſt haec ultio, quod ſe judice nemo nocens abſolvitur. . . . .

Ex Juvenal Satyr. 13.

Ão creio, ó Arcades, que em voſſos corações ſe perverteſſe a antiga ſinceridade de coſtumes com tão violenta metamorfoſe, que para reconciliar-me comvoſco me ſeja preciſo cantar à Palinodia. Vós eſtais offendidos? Eu ultrajei-vos? Haverá entre Nós algum eſpirito tão eſcravo da vangloria, que não poſſa, nem ſe atreva a ſoffrer a verdade? Chamar-me-heis atrevido, porque ſou zeloſo da honra, e do credito da Arcadia? Porque não ſei liſonjear-vos com fantaſticas eſperanças; porque vos não attribuo, ſe poſſivel he, maior merecimento do que o voſſo? Ou finalmente porque não me atrevo a divulgar com ſoberba jactancia, que reſtaurámos a boa Poeſia, e a verdadeira Eloquencia? Que peleijámos, e que vencemos? Não, Arcades, não ſou tão ingrato, que vos julgue deſtituidos de piedade, e de benevolencia: Tenho reiteradas provas de que ſois indulgentes para comigo; e ſe em minhas Obras ha algum ſólido merecimento, a quem de-

vo

vo eſta vantagem, ſenão a Vós, ás voſſas lições, e ao voſſo exemplo? Mas como não ha Juiz mais recto, do que a propria conſciencia; como não ha mais intoleravel caſtigo, do que o remorſo, eu ſou o meſmo que me accuſo, e me condemno.

Confeſſo-vos, ó Arcades, que foi indiſcreto o zelo, com que me atrevi a imputar-vos hum crime, que Vós não tinheis commettido; hum tão vergonhoſo, como sería faltardes á voſſa palavra, eſquecer-vos da gloria da Nação, e deſprezar os intereſſes da Patria. Eſtas erão as funeſtas conſequencias, que traria comſigo qualquer deſunião, que ſe levantaſſe entre Nós: Ou ſe poſſuidos de mais atrevidos deſejos, deſamparaſſemos o Menalo, porque o julgavamos pequeno Theatro para noſſos accelerados progreſſos. E quando eu via que os Arcades deſejavão, que ſe não demoraſſem as Seſsões, que ſe não negaſſe ao Público o goſto de ler os noſſos Eſcritos; quando via creſcer o numero dos Paſtores do Menalo; quando achava de cada vez maiores, e mais extraordinarias bellezas Poeticas em voſſos verſos; quando ouvia orar com eloquencia, com força, e com energia, como me atreveria a proferir, que a Arcadia eſtava expoſta á menor decadencia? Por ventura devia julgar-vos tão cobardes, que ſe pudeſſe eſperar de Vós, que cedeſſeis aos prognoſticos da inveja? Havia

via

via quem dissesse, que não havia Arcadia; mas havia Arcadia: Havia quem dissesse, que os Arcades emmudecêrão; mas os Arcades não emmudecêrão: Havia quem dissesse, que os Arcades já não se ajuntavão no Menalo; mas os Arcades ajuntavão-se no Menalo: Finalmente havia quem dissesse, que não podiamos tornar a ajuntar-nos; mas Nós quizemos ajuntar-nos, ajuntámo-nos; quizemos que houvesse huma Sessão, houve huma Sessão.

Deviamos dar ouvidos a quem desejava a nossa ruina, porque não podia ouvir a nossa fama; a quem queria que nos calassemos, porque não póde fallar como Nós fallamos; a quem desapprova os nossos versos, porque não tinhão consoantes, ou porque imitavamos Horacio, Pindaro, Teocrito, e Bion? A quem estranhava a nossa dicção, porque adoptavamos a de Camões, de Bernardes, e de Ferreira; a quem desapprovava a nobre simplicidade de nossos pensamentos, porque he escravo de Gongora; a quem finalmente não soffre nossas Orações, e Dissertações, porque não discutimos nellas frivolos Problemas, ou porque guardamos austeramente as regras da Arte de persuadir? He certo que não. He certo que não ha entre Nós hum espirito tão humilde, que pudesse sujeitar-se a tão panicos terrores. E eu temi que acabasse a Arcadia?

Que importa, que importa que alguns animos malevolos procuraſſem deſatar os eſtreitos laços de feliciſſima união, e de noſſa inalteravel tranquillidade, attribuindo ſiniſtras intenções a noſſas Críticas, e Apologias, ſe Nós as recebemos com ſereno roſto, ſe as ſuſcitamos, e as queremos. E eu temi que acabaſſe a Arcadia? Que importa que nos apontem para as Scylas, em que naufragárão tantas Academias, ſe a noſſa dura, e durará á ſombra da glorioſa paz, em que nos conſerva o noſſo Clementiſſimo Soberano. E eu temi que acabaſſe a Arcadia? Que importa que digão, que ſacrificamos a particulares intereſſes, e domeſticas paixões o eſtudo de tão Divinas Artes, ſe Nós de cada vez nos engolfamos com mais ardor na lição dos Gregos, dos Latinos, e dos Portuguezes; ſe os imitamos, ſe talvez os igualamos, e ſe algum de Vós chega a excedellos. E eu temi que ſe acabaſſe a Arcadia? Que importa que houveſſe quem choraſſe com ſimuladas lagrimas noſſa deſunião, e noſſo eſquecimento, ſe Nós continuamos as Seſsões. E eu temi que acabaſſe a Arcadia? Que importa que haja quem ſe atreva com deſcuberta inſolencia a zombar das noſſas promeſſas, e de noſſas eſperanças, ſe voſſos Eſcritos deſempenhão com honrada gloria quanto prometteſtes; e ſe voſſo diſtincto illuſtre merecimento vos fazem dignos da Real

Pro-

Protecção. E temi que acabasse a Arcadia? He preciso, Arcades, que sejais nimiamente indulgentes, se ainda soffreis que falle em vossa presença quem proferio tão estranho absurdo; he preciso que me risqueis do Catalogo dos Arcades, e que nos Troncos destes Pinheiros se apague o nome de Coridão. Porém, Senhores, se Vós antes de proferir a Sentença, examinardes a justiça da causa, achareis que no excessivo zelo da honra da Arcadia consiste todo o meu delicto: Achareis hum Arcade, que estima a reputação da Arcadia, e que teme que se arruine, porque a estima; tal he a fragilidade de nossos corações! Quando houve Avarento, que não fosse cobarde? Qualquer ruido lhe congella o sangue; a leve folha de hum Alamo meneado pelo fresco Zefiro, lhe parece hum trovão; e acostumado a temer, facilmente se persuade que ha quem lhe rouba os thesouros, que guarda com ambição, e disvelo. Se eu me não interessasse pela vossa gloria, e pelas vantagens da Academia, ouviria murmurar publicamente, murmuraria com elle. Acabaria a Arcadia, ficaria mais descançado; quebraria as pezadas algemas, que Vós me puzestes; e reclamaria minha antiga liberdade, isto he, zombaria das regras de Aristoteles, de Cicero, e de Quinctiliano; faria huma Tragedia com a mesma facilidade, com que Vós

com-

compondes huma Strofe ; inculcar-me-hia por Poeta, por Critico, e por Orador ; a toda a hora leria os meus verſos aos meſmos, a quem mil vezes os tinha repetido ; não cuidaria na pureza da Dicção, da harmonia do Verſo, da magnificencia da Fabula, da igualdade dos coſtumes, da conſtancia dos caracteres ; finalmente faria Verſos ſem Poeſia, Orações ſem eloquencia, ou, para melhor dizer, faria quanto Vós reprovais, e reprovaria quanto Vós fazeis : Se, por exemplo, me encarregaſſe de compôr huma Comedia, ſem ler Ariſtofanes, Plauto, e Terencio, ſem examinar no que conſiſte o verdadeiro Ridiculo ; poria no Theatro Jeſſon, deſembarcando em Colcos com os valeroſos Argonautas, namorado de Medea, roubar o Velocino ; e depois de atraveſſar os mares nunca de antes navegados ; depois de ter quebrantado todos os encantos, de vencer Dragões, e conſeguir tão precioſo triunfo, entregar a hum ſimples Lacaio hum Theſouro tão ineſtimavel, ſó para que o Bufão pudeſſe dizer hum ridiculo equivoco ; não cuidaria que o Protogoniſta foſſe hum zeloſo, ou hum avarento ; e iſto guardaria eu para huma Tragedia ; ſería hum Rei hum Capitão ; os amores ainda que foſſem attribuidos a hum Velho, ou a hum Catão, ſerião o Sal Attico das minhas Scenas ; arderia Troya ; appareceriáo Exercitos, ainda

que

que os cavallos deitassem por terra os Bastidores ; e se pudesse introduzir no Theatro o apparato de huma Trincheira, que lançasse Bombas , e disparasse Artilheria , então ganharia huma nova Fama, a que não aspirou Sophocles , nem Euripedes. Eis-aqui a ruina , que eu temia , quando temia que acabasse a Arcadia ; eis-aqui o perigo , a que me parecia que estava exposta a Poesia Portugueza.

EPISTOLA.

SE não te enjoas de comer ſem pompa
Em toalhas do Minho, em pobre meza,
Onde não tine a rica porçolana,
Nem cança os olhos trémulo reflexo
De burnida colhér, de refulgente
Britanico ſaleiro; caro Amigo,
Sabio, illuſtre Sarmento; ou não te aſſuſta
O ſuſpeito convite de hum Poeta
Affeito a dura fome, a duro frio,
Cujo humilde Tugurio Noto aſſouta,

E

E Africo lhe arrepia as leves telhas,
Hoje pódes cear na Fonte-ſanta:
Melhor que o de Falerno, o roxo ſumo
Por ſordidos Galegos trasfegado,
Na fertil margem do ceruleo Douro
Alegres beberemos: Na cozinha
Eſtala a ſecca lenha, brilha o fogo;
O negro bicho, ou negro cozinheiro,
Enroſcado no eſpeto fica aſſando
Hum lombo corpulento: Agora deixa
As sérias reflexões, as eſperanças
Da branca Vara, da ſoberba Toga,
Das Raſcoas vizinhas, lumes fatuos,
Que obſervas com teu longo Teleſcopio:
A deſabrida noite nos convida
A que juntos paſſemos poucas horas
Em doce trato, em doce companhia:
Teremos bons Parceiros, cartas novas,
E em ruivos caſtiçaes de Pexisbeque
Arderáõ duas candidas bugias:
Já na meza fumega o precioſo
Natural Elixir do rico Oriente,
O bom chá quotidiano, mais pedido,
Que o pão de cada dia, neſta Caſa:
Fóra huma cá lancemos; que não falta
Quem farte o mole ventre com garoſos
Para da burra ver entre os ferrolhos
Pendentes barambazes das aranhas:
Não me namorão fartos teſtamentos,
Opulentas heranças; a meus Filhos
Baſta ſó que lhes deixe para exemplo

A nobre tradição, de que descendem
De hum Pai, que detestou a vil lisonja
Sem humilhar-se ao cheiro do despacho;
Que abrio novo caminho para o Pindo;
Que leu, e que estudou; e que aprendia
Ao menos a zombar da má fortuna;
Que illustres bons Amigos o buscavão,
Como allivio da barbara tortura
De conversar com Getas, e Tapuyas.

ODE.

NÃo fabulosa Tea de mentido
Gentilico Hymeneo, Illustres Noivos,
Mas sagrada união d'hum Sacramento
Vos prende, e vos ajunta.

Com catholico Rito abençoada
A ditosa alliança, nos promette
Dos Mellos, dos Noronhas, e Menezes
Heroica descendencia.

As illustres acções, que a Fama espalha,
Repetidas veremos: Torna torna
A boa idade de ouro! A boa idade
Do Nome Lusitano.

Nas respeitadas Campas dos honrados
Vossos claros Maiores subir vemos
As palmas, e loureiros, que regados
C'o sangue illustre forão.

Dentre a copada rama ſe levanta
Eſtranho Simulacro! Reverbera
No lizo peito de aço o roxo Febo,
Que immenſa luz eſpalha.

Levanta o forte braço a grande eſpada;
E da folha os relampagos aſſuſtão
As ſoberbas muralhas de Bizancio,
De Tangere, e de Arzilla.

Mas que gentís Guerreiros vejo agora
Concorrer para ouvillo! Alli lhe enſina
O Tatico Syſtema: Alli lhe moſtra
As Avitas façanhas.

Serrados Eſquadrões desbaratando
Entre nuvens de fumo as torpes Luas,
Eclipſadas vacillão! No ar ondêão
As ſacroſantas Quinas.

Eſta a Prole ſerá, que a Patria eſpera
De tão ditoſo Thalamo, que as Muſas
Já deſejão cantar: Já lhe preparão
Alegres Epinicios.

ORA-

ORAÇÃO

Para ſe recitar no acto do juramento de Bandeiras do Regimento de Infanteria, ſendo Coronel delle

O Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez das Minas.

Nobiliſſimos Senhores Officiaes; Nobres, e honrados Camaradas.

Empre a glorioſa reputação das Armas dependeo da diſciplina Militar. Os Póvos, que mais religioſamente obſervavão as leis da guerra, fundárão Reinos, conquiſtárão Imperios, e chegárão a ſer Senhores de quaſi todo o Mundo. Aſſyrios, Gregos, e Romanos, em cujas Decadas lemos ainda hoje os mais illuſtres exemplos de valor, não commettêrão facções paſmoſas fiados na força, e numero de Falanges, e Legiões; mas ſim no eſtudo, com que á ſombra da mais profunda paz aprendião os vaſtiſſimos preceitos da Arte da guerra. Que não fizerão poucos Portuguezes em Africa, Aſia, e America! Se tallárão Campos; arrazárão Cidades, e ſubjugárão ferociſſimas Nações, foi ſempre a diſciplina quem pizou, e ſubmetteo a deſordenada multidão dos Barbaros. Eſta incon-

teſtavel tradição vos põe diante dos olhos a mais clara idéa das honradas obrigações de hum Soldado; e não ſerá muito que em corações Portuguezes inſpire hum ardentiſſimo deſejo de ſolemnemente ligar-vos com tão ſanto juramento; juramento, de que depende toda a fortuna da guerra.

Neſte público, e ſolemne acto, em que juramos as Bandeiras, ſe obriga o Regimento, e nos obrigamos todos a ſervir como leaes Vaſſallos ao noſſo legitimo Rei, e Senhor; a guardar ſuas Reaes Ordens; a obedecer cégamente aos Commandantes; a defender as Bandeiras; a não evitar a morte; a ſuſtentar o terreno; a ganhallo; a não deſertar; a arroſtar-nos ſem ſuſto com o mais formidavel inimigo; finalmente a derramar glorioſamente o ſangue pela defensão da Patria, pela honra, e gloria de noſſo Clementiſſimo Soberano.

Que Portuguez, ou que Vaſſallo de tão bom Rei deixará de abraçar com goſto, e de obſervar religioſamente tão honrados preceitos? Quem haverá tão cobarde, que na referta das armas, e no ardor dos conflictos, alçando os olhos, e pondo-os nas Bandeiras de ſeu Regimento, não haja de abalançar-ſe ao mais vivo fogo, não obre prodigios de valor, e de fidelidade, ſe lembrado de tão ſanto juramento, vir que Deos, que o Rei, que a Patria, e que ſeus Maiores lhe eſtão

naquellas Bandeiras bradando pelo desempenho da sua palavra ; pela obrigação de seu Officio ; e pela honra de toda a Nação ?

Não fora estranha exaggeração dizer, que nas Bandeiras se representa o Soberano. Quem levar em seu coração bem gravada tão magnífica idéa, commetterá com sereno rosto as mais arduas emprezas. Quem haverá, que figurando hum breve instante em sua imaginação ; que vê cercado de inimigos hum Rei, delicias de seus Vassallos, Pai da Patria, Pio, e Magnífico ; que observa recrescer os Esquadrões ; que ouve o tropel dos cavallos, o fragor da Artilheria ; que vê brilhar as Armas ; e finalmente, que vê travar a peleija ; não sinta inflammar-se em hum generoso, e indomito furor ; não arranque a espada, e não tema que algum se lhe adiante, e lhe roube a gloria de vencer, ou de morrer primeiro ? Quem haverá, que penetrado da mais nobre fidelidade, tema as sibilantes rociadas de Mosquetaria, ou não rompa os mais cerrados Batalhões ? Hum Soldado Portuguez deve olhar para as Bandeiras de seu Regimento como para hum Painel, que a toda a hora, e a todo o instante lhe apresenta aos olhos esta pintura.

A este glorioso juramento, o qual abrange todas as obrigações da vida Militar, deveo a Républica Romana o respeitado poder de suas armas ; o pasmoso progresso de suas

ſuas victorias; e a incrivel vaſtidão de ſeus Dominios. Poucas Legiões forão o inſtrumento de tão avantajados ſucceſſos. Tanto póde a boa diſciplina! Na guerra nunca a multidão deſordenada atropelou o pequeno numero bem diſciplinado. Que farião, ou que podião tentar os Romanos contra a eſpantoſa multidão dos Galos ſem diſciplina? Quem lhes daria forças contra os agigantados corpos dos Germanos? Quem os aconſelharia a deſprezar o poder, e arrogancia dos Hiſpanos? Quem os levaria a contraſtar os eſtratagemas, e a riqueza da Africa? Quem finalmente lhes infundiria animo para vencer a arte, e prudencia dos Gregos, ſe não a boa diſciplina, alcançada pelo continuo exercicio, pelo incanſavel eſtudo da arte da guerra, e pela religioſa obſervancia do juramento?

Tão honrado era o nome de Soldado, e tão ſantas as obrigações Militares nos bemaventurados dias daquella famoſa gente, que era quaſi ſacrilegio pegar nas armas, e ſervir na guerra quem antes com ſolemne juramento não houveſſe ſido inſtallado na ordem da Milicia! De Catão ſe conta, que licenciando Pompilio huma Legião, na qual militava o Filho daquelle grande Patricio; e querendo o generoſo Mancebo ficar no Exercito, o velho, e ſizudo Pai, zeloſo dos antigos coſtumes das Leis Militares, e

da

da ſeveridade da diſciplina, foi o primeiro, que proteſtou pela obſervancia, eſcrevendo a Pompilio, que não conſentiſſe ſeu Filho na Trópa, ſem tomar-lhe ſegundo juramento, pois ſem eſta ſolemnidade lhe não era licito peleijar com o inimigo. Eis-aqui o pezo, que tão grandes Homens davão ao juramento das Bandeiras. A eſtes religioſos coſtumes, e ſantas maximas de guerra deveo Roma a antonomaſia de Cidade, e a gloria de Capital de todo o Mundo. A diſciplina lhes infundio valor; e o valor de ſeus grandes Capitães, e de ſeus obedientes, e intrepidos Soldados levou as Aguias Romanas ás mais remotas Provincias do Mundo.

Os Soldados Portuguezes, ainda mais que os Romanos, eſtão obrigados a defender com valor, conſtancia, e fidelidade as Bandeiras de ſeu Corpo, e o Guião do Exercito. Quaſi todas eſtas Inſignias apreſentão aos olhos as ſagradas Quinas de Portugal; ou ao menos às cores tiradas de hum Brazão dado pelo meſmo Deos, quando para ſi fundou tão glorioſo Imperio. Que Soldado haverá tão infame, e tão perjuro, que antes não quizeſſe derramar o ſangue, e perder a vida, que ver na mão dos inimigos abatidas, e arraſtadas tão ſagradas Bandeiras? Quem eſcolheria antes hum captiveiro affrontoſo, que huma morte honrada? Quem teria valor para tornar a ver os ſeus Amigos,

gos, e Parentes, infamado de tão horrenda cobardia? Como ſe atreveria a alçar o collo trilhado do jugo, ou que pertenderia obrar com as mãos calejadas da Soga?

Nobres, e muito honrados Camaradas, em voſſos ſemblantes eſtou vendo a feroz indignação, com que deteſtais tão abominavel, e feio procedimento; e talvez me reprehendeis de lembrar-vos o que não ignorais. Aſſim he; mas o zelo do ſerviço de Sua Mageſtade, o amor da Patria, me fizerão eſquecer de que fallava com Portuguezes, e com Soldados diſciplinados por hum Coronel, em cujas illuſtres acções, e generoſas virtudes tendes a mais propria doutrina da honra, do zelo, e do fervor, com que deveis cumprir com as obrigaçoes de Soldado.

Continuai pois com incanſavel animo no exercicio das Armas: Deſte trabalho depende o bom ſucceſſo das Batalhas. Deos, El-Rei, e Portugal vos entregão hoje aquellas ſagradas Bandeiras limpas da menor mancha de cobardia, e infidelidade; e vede que ante tão grandes Juizes haveis de dar conta da gloria, com que vo-las entregão. Aprendei a peleijar, e a não temer o perigo; quem deſeja a paz, prepara-ſe para a guerra. Não vos eſqueçais de qual he a obrigação, a que vos liga eſte juramento: E ſe trouxerdes preſente ſempre na memoria, e

gra-

gravado em vossos corações o solemne acto deste próspero dia, sereis verdadeiros Soldados, Vassallos de tão bom Rei, e Filhos de tão honrada Patria.

Disse.

ODE.

ODE.

Oh mil vezes feliz, o que encerrado
Entre baixas paredes
O tormentoſo Inverno alegre paſſa!
Que de hum pequeno campo,
Que elle meſmo cultiva, ſe alimenta
Apaſcentando as vacas,
Que da mão paternal ſómente herdou
C'os dourados novilhos,
Em quanto ſobre a terra ſe reclina
Dormindo deſcançado
Ao ſom das freſcas aguas de hum regato,
Horroroſos cuidados
O não vem perturbar no brando ſomno.
A ſordida cobiça
Lhe não faz conceber vaſtos projectos;
Não penſa, não intenta
Atraveſſar o cabo tormentoſo,
Soffrer chuvas, e ventos,
Ouvir roncar as denigridas ondas,
E ver na feia noite
Entre nuvens a Lua ir eſcondendo
O macilento roſto,
Por ir commerciar c'os pardos Indos,

E Chinas engenhoſos.
A ſede inſaciavel de riquezas
Não faz que exponha a vida
Nos deſertos ſertões ás verdes cobras,
E aos remendados tigres.
Ah illuſtre Soeiro, doce Amigo,
O ouro de que ſerve,
Se os annos vão correndo tão velozes?
Se a morte não conſente
Que a enrugada, e pálida velhice
Com paſſos vagoroſos
Nos venha coroar de niveas cans?
O Senhor oppulento
Ao ſeu pobre vizinho encurte o campo,
Que alegre cultivava;
Levantando ſoberbos Edificios,
Arranque as oliveiras,
O chopo, que ſuſtenta as roxas uvas,
Para ornar ſeus jardins
De eſteril murta, de cheiroſas plantas.
O campo, que ondeava
Com as uteis, e pálidas eſpigas,
Cubra de freſca ſombra
Do eſpeço cedro, do frondoſo louro,
Alegre vá paſſando
No ſeio das delicias, e regalos.
Mas ah! que não adverte
Que as tres Filhas da noite, as ímpias Parcas,
Gyrando os leves fuſos,
Lhe acabão de fiar os curtos dias.
Que a morte inexoravel

Se

Se chega ao rico leito, em que descança,
Mostrando-lhe entre sombras
A macilenta mão, com que lhe péga.
Já entre mil angustias,
Entre os frios suspiros, que derrama,
Acaba a triste vida,
Que intentava gozar por longos annos.
Só tu, filha do Ceo,
Impávida Virtude, não estranhas
O aspecto da morte.

ODE.

ODE.

AInda que o Ceo ſereno, o dia claro
Doce prazer inſpire
Aos miſeros mortaes, aos namorados;
Pezada eſcura ſombra
O coração me cobre; feias trévas,
Onde a memoria paſma,
Mais longa a ſaudade repreſentão.
Nem ſe quer falſos ſonhos
Com doce engano aquella luz me fingem,
Por quem ſempre ſuſpiro.
Vem, bella Marcia, vem, porque em teus olhos
Me trazes Sol, e dia;
Em teus formoſos olhos me amanhece
A mais gentil Aurora;
Em teus formoſos olhos vem os raios,
Que dourão eſtes montes;
Que a ſecca terra cobrem de mil flores,
Que no meu peito accendem
Doces deſejos, doces eſperanças,
Finiſſimos amores.
Mas já Favonio freſco brandamente,
Dos alamos as folhas

Com

Com ſeus ſonoros ſopros levantando,
A vinda me annuncía
Dos vencedores olhos, por que eſpero;
Dos olhos, por quem morro:
Ah! que já chega Marcia, ſocegai-vos,
Meus cançados deſejos;
Socegai, eſperanças, que já vejo
Naſcer o meu bom dia.

ODE.

O D E.

DE grande nome barbaro desejo
Se o rico Templo da triforme Deosa
A poucas cinzas reduzindo espera
Impia memoria.

He menos torpe, menos detestavel
Táo feio crime, que imitar Horacio
Quem triste fama náo quer dar ás aguas
C'o precipicio.

Ora sereno, como o Sol dourado,
De alegres cores todo o Mundo cobre,
Quando a cabeça de mil raios ergue
Detrás da serra.

Mas outras vezes rápido parece,
Aquiláo Thracio, que nos Ceos batendo
As negras azas, terra, e mar envolve
Espessa chuva.

Sem-

Sempre ſublime no Parnaſo colhe
O digno louro, que lhe adorna a téſta,
Immenſo genio com ditoſos voos
Pindaro alcança.

Ou cante a freſca nova Primavera
Dos groſſos freixos ſacudindo o gello,
Serena a Lua, as graças vem dançando
Com Citherea.

Em quanto ardendo na árida officina
Ao ſibilante fuzilar da forja
Moſtrão os çujos amarellos roſtos
Os rijos Brontes.

Ou já crimine da civil diſcordia
As mãos vermelhas com Latino ſangue,
Cala-ſe o Povo, pálida triſteza
Muda os aſpectos.

Ou branco Ciſne livre já da Eſthigia,
Sinta naſcer-lhe rude pello, ſinta
Já já nos dedos, ſinta já nos hombros
Candidas pennas.

Sobre as Cidades voa, já deſcobre
Do tormentoſo Boſforo bramindo
Parthos, e Scitas, Eperborios campos,
Libicas Syrtes.

Ou

Ou já de Augusto mostra o valor nobre
Lavar de Crasso a vergonhosa infamia,
Que o vestal fogo Roma Capitolio
Tinha esquecido.

Eu vi inteiros nossos Estandartes,
As armas limpas, Centuriões Romanos
C'o as mãos atadas, Regulo dizia,
Vi em Carthago.

Oh grande Horacio, sempre grande, e forte,
Sempre sublime, rápido te eleva:
A nossos olhos súbito se esconde
Entre as Estrellas.

O D E.

DOrmes, Jerusalem? Acorda, acorda,
Que chega a tua Luz: o Sol Divino
As trévas dissipando, já scintilla,
Já em ti nasce.

Opaca, e negra sombra te cubria;
A gloria do Senhor brilhantes luzes
Derrama sobre ti, sobre teu Povo:
Acorda, acorda.

Estende a vista por teus largos campos,
Vê, vê a immensa gente, que te cérca:
Todos o grande instante suspiravão,
Todos o esperão.

Olha as fortes Nações, que vem buscando
O resplendor, que espalhas: Denso fumo
O Incenso de Sabá ardendo exhala
Em teus Altares.

Ou-

Ouro, e Myrrha, Monarcas humilhados
  Já com prodiga máo alli te offrecem;
  Os olhos baixos, curvos os joelhos,
      Teu Templo adorão.

Abertas tuas Portas já recebem
  Dos mais remotos climas os tributos;
  Já os rebanhos de cedar alvejão
      Nas altas ſerras.

Tudo porém ſe cala; que profundo,
  Reſpeitoſo ſilencio! Vem, já chega
  O Principe da Paz, Deos admiravel
      Filho do Eterno.

Huma Virgem pario: Fez-ſe Deos Homem:
  Do Tronco de Jeſſé rebenta a Vara:
  Lá deſce ſobre a rama abrindo as azas
      Myſtica Pomba.

Já vem o Salvador annunciado
  Por Divinos Oraculos; abaixão
  Já no Lybano os ramos incorruptos
      Os altos Cedros.

Denſa nuvem de Incenſo em Saron ſóbe:
  O cume do Carmelo Ambar reſpira:
  Já ferve a branca eſcuma, que rebenta
      De aridas penhas.

CANTIGAS

Feitas ao Divino Eſpirito Santo, no anno, em que ſervio de Emperador hum Filho do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. José de Alencaſtro.

I.

ALmo Eſpirito Divino,
Deſte Imperio Protector,
Inflamma os devotos peitos,
De que foſte Creador.

II.

Tu Paraclyto te chamas;
Fonte viva, e ſempiterna;
Incendio de caridade;
E Dedo da Mão Paterna.

III.

Do Eſtellante Empyreo deſce,
Nas azas de Serafins:
Anjos, Thronos te acompanhem,
Poteſtades, Cherubins.

IV.

IV.

Já com vozes inceſſantes
Tres vezes Santo te acclamão:
E de tua immenſa Gloria
A Mageſtade proclamão.

V.

Abrão-ſe as Portas do Ceo,
Enche de luzes a terra:
Os rebeldes inimigos
Longe de nós os deſterra!

VI.

Venhão em noſſo ſoccorro
As celeſtes Legiões,
Para a tremenda batalha
Arma-nos os corações.

VII.

Mil coriſcos vomitando
Caia o Dragão furibundo,
Que accezas fauces abrindo
Deſeja tragar o Mundo.

VIII.

Derrotadas as catervas
Do caliginoſo bando,
Em noſſas roxas bandeiras
A victoria eſtá brilhando.

IX.

Sobre a dourada Coroa
Do devoto Imperador,
Vemos fuzilar os raios
De teu divino esplendor.

X.

Em quanto de nossos olhos
Teu lume santo for guia,
Confessaráõ os Infernos
Deste Imperio a soberania.

XI.

De dourada paz gozando
Cantaremos teus louvores,
Dissipando as densas trévas
O ruido dos tambores.

XII.

Em triunfo campeando
Cantaremos a victoria,
Té ver de *Siáo* os muros
Cubertos de immensa gloria.

XIII.

Seguindo tuas bandeiras
Em teu serviço alistados,
Fuliões, e Imperador
Somos de Christo soldados.

XIV.

XIV.

Armados do lume teu,
Rutilante eſcudo forte!
Eſperaremos conſtantes
A curva foice da morte.

XV.

Se noſſos votos te agradão,
Se eſcutas noſſos clamores,
Sobre a Caſa d'Alencaſtro
Chovão os teus reſplendores.

XVI.

Entre candidas virtudes
Com illuſtre heroicidade,
Eſmalta os brazões do ſangue
Magnanima caridade.

XVII.

Qual o Pelicano terno, (*)
Que o peito de ouro raſgando,
Eſtá c'o ſangue das veias
Os filhos alimentando.

(*) Allude ao Pelicano de ouro, que a Familia dos Alencaſtros tem por tymbre de ſuas Armas.

XVIII.

Aſſim a grande alma illuſtre
Em celeſte amor acceza,
O coração raſgará
Para acudir á pobreza.

XIX.

Nos ſolios da eternidade,
Que occulta tanto Myſterio,
A deſejão ver croada
Os Vaſſallos deſte Imperio.

F I M.

INDICE

DAS POESIAS, QUE SE CONTÉM neſte Livro.

SONETOS.

Fa-

Çu-

ODES.

DI-

DITHYRAMBOS.

SATYRAS.

EPISTOLAS.

ROMANCE

HENDECASYLLABO.

MOTES.

CAN-

CANTIGAS.

ENDECHAS.

DISSERTAÇÕES.

ORAÇÕES.

EPI-

EPISTOLA.

ODES.

CANTIGAS.

ORAÇÃO.

ER-

ERRATAS.

Pag.	Erros.	Emendas.
1.	á vergonhoſa pena . .	a vergonhoſa pena . . . . .
6.	Pedregoſos	Pedragoſos . . . .
16.	ou beire o vento . .	ou brame o vento . . . .
	divertimento	contentamento . . . . .
22.	A luz , que as tuas horas	A luz , que tuas horas . .
24.	Sereno tornas	ſereno torna . . . .
26.	o esfaimado nariz o coice atura	o entupido nariz o embate atura . . . .
	com hum rodeiro maço	com hum rodeiro malho . . .
37.	ſilvada	ſilvando . . . .
50.	Lacaios , e mulheres, filhos , criadas . .	Lacaios . mulher , filhos , e criadas . . . .
51.	o Longroom	o Long Room . . . . .
70.	titubiantes	titubantes . . . .
86.	com as Luziadas . .	com os Luziadas . . . . .
91.	reduz	reluz . . . .
100.	c' os tremulos reflexos da prata	c'os tremulos reflexos ; . . De prata não ſe accendem .
103.	indomitos	indomitas . . . .
104.	Moſtarda	Moſtrando . . . .
	anciães	anciões . . . .
	péga	pégão . . . .
	com mão pezada aballa .	com mão pezada abola . .
105.	da Cidade	da idade . . . .
106.	de fouce nem relogio .	de foices , e relogios . . .
112.	affaga	afaſta . . . .
113.	ó Maclean	ó Macbean . . . .
114.	cava porçolana . . .	côva porçolana . . . . .
124.	illuſtre Maclean . . .	illuſtre Macbean . . . . .
125.	vivo	viva . . . .
	de Venoza	de Venuza . . . .
127.	Zeſira	Zeſiro . . . .
131.	Tempo	Templo . . . .
143.	Urſos	Urcos . . . .
144.	te deo	te dou . . . .
146.	c' a importuna . . .	c' o a importuna . . . . .
149.	que diga	que o diga . . . .
150.	te valerá	te valêra . . . .
154.	dos antigos , errados intereſſes.	dos antigos errados intereſſes . . . .
158.	tranſmigridas	tranſmigradas . . . .
165.	o Regio throno . . .	do Regio throno . . . .
	o acaſo defender dos vicios	o aceſſo defender aos vicios
188.	na Beteſga	na Biteſga . . . .
232.	maximas do eſtado . .	maximas de eſtado . . . .
	tão caſara	tão çaſara . . . .

ERRATAS.

Pag.	*Erros.*	*Emendas.*
259.	que a Barbas roxas	que a Barba roxa
262.	o tragico cathurno	o tragico cothurno
264.	para aqui	por aqui
268.	mii gemmas	mil gemmas
298.	e capacitado pois	capacitado pois
299.	exiga	exija
	da ſua natureza	de ſua natureza
300.	os cataſtroſes funeſtos	as cataſtroſes funeſtas
305.	as quaes ſe não vem	as que ſe não vem
307.	ſe excutão	ſe executão
310.	*Et quocumque volentes animam auditores agunto*	*Et quocumque valent animum auditoris agunto*
313.	a que ſe afſta	aqui ſe afaſta
315.	e deſta duplicada, outra	e deſta duplicada viſta
316.	ſe deve de aproveitar	ſe deve aproveitar
317.	eu me lembro della	eu me lembrei della
323.	de obra ethica	de boa ethica
324.	ſubir á ſentença, &c. á cenſura, &c. e á condemnação	ſubir a ſentença .... a cenſura .... e a condemnação
327.	do Eſcrutino	do Eſcrutinio
328.	não devemos largar das mãos eſtes ſoberbos originaes	não devemos largar das mãos; eſtes ſoberbos originaes
332.	com o cabedal meu	como cabedal meu
352.	que me venho ſubſtituir	quem venho ſubſtituir
361.	paſſado o axióma	paſſado a axioma
362.	Bergopzoom	Bergabzum
368.	que erige a grandeza	que exige a grandeza
370.	com avantagens	com ventagens
	pola paz,	pela paz:
	ſcena tão funeſta:	ſcena tão funeſta,